É PERIGOSO PARA NIXON SER CONSIDERADO PRESIDENTE IRRELEVANTE (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 804 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

OLIVAIS: DO VELHO AO NOVO Esta é a Praça da Viscondessa dos Olivais, com o seu ar provinciano e sonolento. O bairro, em cuja parte nova habitam já hoje milhares de pessoas, continua a lutar por uma vida autónoma, faltando-lhe vários serviços e equipamentos colectivos.

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

O MAIOR ATAQUE DA FATAH

ANMAN, 30 — (R.) — «Comandos» da Fatah efectuaram o que consideram o maior ataque realizado até hoje a posições israelitas no vale de Jordão — anunciou hoje um informador daquele grupo armado da Palestina.

O ataque, que se prolongou durante cerca de sete horas, ontem á noite, estendeu-se desde o colonato de Maoz Haym, no Norte, até ao Mar Morto.

Tomaram parte na operação várias unidades e, segundo o informador, as tropas israelitas sofreram pesadas baixas em homens e material. Ficaram feridos quatro «comandos».

Mais tarde, o informador acrescentou que uma unidade de engenharia da Fatah destruiu com explosivos vários troços das linhas de defesa israelitas na região de Maoz Haym.

O PRIMEIRO-MINISTRO ISRAELITA, sr.ª Golda Meir, em Washington, com o presidente Nixon, a quem, segundo consta, teria pedido um bilião de dólares de auxílio financeiro para o seu país. A sr.ª Meir encontra-se agora em Nova York, na continuação da sua visita aos Estados Unidos

LIBERTADOS NO VIETNAM OS «BOINAS VERDES» PRESOS POR ASSASSÍNIO

LONG BINH, 30 (R.) — Os oito homens envolvidos no caso dos «boinas verdes» saíram hoje alegremente em liberdade e o indivíduo acusado de ter disparado os tiros declarou que «não tinha feito nada de mal».

Os acusados beneficiaram de uma ordem do secretário do Exército norte-americano para serem libertados e foram retiradas todas as acusações porque a CIA se recusou a apresentar agentes seus como testemunhas.

O capitão Robert F. Marasco, a quem o Exército acusara de ter alvejado um indivíduo que se suspeitava ser um agente duplo vietnamita, Thai Khac Chuyen, em 20 de Junho, disse que sonhara várias vezes que o caso ia ser anulado de forma que, quando foi informado do facto, ficou na duvida se estava a dormir ou acordado.

DESESPERO

SAIGÃO, 30 (R.) — A viúva de Thai Khac Chuyen, o homem que se diz ter sido assassinado pelos oficiais impli-

(Continua na 7.ª página)

TOM CONFIANTE DE WILSON NO CONGRESSO DO LABOUR

BRIGHTON, 30 — (R.) — Em estilo desenvolto e confiante, o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, atacou hoje os conservadores e reafirmou o desejo britânico de união com a Europa.

Wilson mudou bruscamente da defensiva para a ofensiva e a sua mensagem foi: «A Europa precisa mais de nós do que nós da Europa. Não se põe em causa a Inglaterra entrar na Europa de chapéu na mão».

Wilson, no primeiro discurso importante da 68.ª conferência anual do Partido Trabalhista, acrescentou:

«Se eles (os Seis) estão prontos para entrar em negociações, nós também estamos. Porém, se não conseguirmos entrar aguentar-nos-emos de pé.»

O tom confiante de Wilson está em flagrante contraste

(Continua na 7.ª página)

WALTER SCHEER, chefe dos democratas livres (liberais), que parecem deter a chave do próximo Governo alemão ocidental

COLIGAÇÃO COM BRANDT?

Os liberais alemães tomam hoje uma decisão

BONN, 30 — (R.) — O Partido Democrata - Livre decidirá hoje sobre qual dos dois partidos principais está pronto a ajudar a constituir Governo durante os próximos quatro anos.

Julga-se que a maioria dos democrtas livres é a faver de uma associação numa coligação com os sociais democraas de Willy Brandt, o ministro dos Negócios Estrangeiros, que teve a noite pasada, a seu próprio pedido, uma conferência de 45 minutos com Walter Scheer, chefe do partido Democrata - Livre.

Há que criar a remuneração competitiva para o funcionário público português

— afirma o prof. Lucien Mehl perito em ciência administrativa

(ÚLTIMA PÁGINA)

HOJE 32 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

especial ELEIÇÕES

DIÀRIAMENTE DURANTE A CAMPANHA ELEITORAL

SUPLEMENTO MESA REDONDA

NO NÚMERO DE HOJE: «Perspectivas e problemas da vida política em Portugal», mesa-redonda com a participação de Henrique Barrilaro Ruas (C. E. M.), Mário Soares (C. E. U. D.) e Mário Sottomayor Cardia (C. D. E.); Manifesto da C. D. E. de Lisboa; «Perspectivas do Ensino Superior em Portugal», artigo de Mário Murteira; comunicados; actualidade; artigos; notícias do momento político.

HÁ PESCAR E PESCAR, HÁ PERDER E GANHAR — 1

Os Grémios dos Armadores respondem ao «Diário de Lisboa»

Assinado pelo director do Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, sr. António Couto, pelo presidente do Grémio dos Armadores da Pesca de Arrasto, comodoro Daniel Duarte Silva, e, ainda, por membros das direcções do Grémio dos Armadores da Pesca de Sardinha e do Grémio dos Armadores da Pesca do Atum, recebemos um extenso documento de mais de 40 págs. como resposta aos artigos que publicámos recentemente sob o título geral «Há pescar e pescar, há perder e ganhar» e assinados pelo nosso camarada de Redacção Afonso Praça.

O referido documento é precedido de uma pequena introdução que contém algumas considerações de ordem geral. Nelas se acentua que nos artigos que publicámos, «*se pretendeu estabelecer como que uma interligação e até uma interdependência — as quais efectivamente não existem na maioria dos casos — entre aspectos de natureza industrial, uns, e de natureza comercial, outros, todos eles, porém, englobados intencionalmente pelo articulista no tema genérico de Pescas*». Mais adiante, lê-se: «(...) *O jornal começa por pretender estabelecer uma analogia entre a situação de indústria das conservas e da pesca, citando para o efeito extractos de um relatório da Direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Barlavento do Algarve. Ora, os problemas e as condições de desenvolvimento e funcionamento das duas indústrias estão longe de ser paralelos, A ligação entre a pesca e a conserva consiste ùnicamente em que a primeira é a fornecedora da matéria-prima à segunda principalmente de sardinha e de espécies similares.*

Para além desta premissa, os restantes circuitos industriais e comerciais, são completamente distintos e se, realmente, o Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Barlavento do Algarve considera que «a sua indústria não é mais que o simulacro de indústria que para aí se arrasta penosamente», esta definição de nenhuma maneira pode ser aplicada às pescas».

Posto isto, passamos a reproduzir o documento que nos foi enviado pelos referidos Grémios. Dividi-lo-emos em cinco capítulos, tantos quantos os artigos publicados. Os subtítulos são da responsabilidade dos Grémios.

A comercialização do peixe é uma actividade independente do exercício da pesca

«Não nos compete, como é evidente, apreciar os problemas específicos da conserva, os quais não dizem respeito à pesca.

«Faremos, porém, uma simples referência à afirmação de que algumas fábricas de conservas só trabalham 100 dias por ano.

«Se é evidente que um factor essencial para as fábricas poderem trabalhar é o seu abastecimento em matéria-prima, temos outros factores que podem contribuir para essa situação.

«Assim, entre eles, pode e deve considerar-se o possível número excessivo de instalações deste tipo e a sua localização.

«Da própria afirmação referida no artigo e atribuída ao Grémio dos Industriais de Conservas do Algarve pode concluir-se que há numerosas razões que impedem que aquela funcione com regularidade. Já anteriormente à crise de captura de sardinha em 1968 e no ano corrente as conservas consideravam-se em crise para a qual pediam soluções urgentes.

«Convém, porém, antes de mais, esclarecer qual é a posição actual das pescas, tanto sob o aspecto internacional como nacional.

«A indústria das pescas vive hoje, aliás, na generalidade dos países piscatórios — note-se bem — numa situação difícil e mantém-se ajudada pelos respectivos Governos, através de subsídios directos e indirectos A sua situação é muito semelhante à da agricultura em que também os preços dos seus produtos são mantidos através da intervenção do Estado.

«As intervenções referidas, ao contrário do que acontece no nosso País são, fundamentalmente, tendentes a obter preços compensadores para os produtos da pesca, a diminuir os encargos e os gastos do armamento e a assegurar o nível dos vencimentos aos pescadores.

«No entanto, como se considerava que o regime sistemático de subsídios podia constituir um entrave à livre circulação das mercadorias em razoáveis condições de igualdade, o assunto foi debatido na Organização Europeia de Cooperação Económica de que o nosso País é membro.

«Assim, em 1960 o Conselho da referida Organização, deliberou que todas as subvenções e outras formas de ajudas financeiras deviam ser apreciadas em pormenor, tendo em vista a sua redução num período razoável e a abolição, para o futuro, daquelas que não fossem compatíveis com os princípios da cooperação no quadro da O. C. D. E.

«Esta medida foi muito bem acolhida pelo nosso País, visto que nos iria beneficiar no comércio internacional, pois nós constituíamos um caso quase único, dado que o sistema de subsídios e ajudas à pesca não existe em Portugal — um dos factos que o articulista deve certamente ignorar...

«Estas subvenções compreendiam os subsídios ou dádivas para reduzir os preços dos navios, das máquinas, dos materiais de pesca, do equipamento de pesca, do carburante e também as subvenções directas aos armadores, pescadores, transformadores, importadores ou exportadores e quaisquer outras medidas que tivessem efeitos análogos.

«Este assunto foi apreciado novamente em 1964 na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, sucessora da O. C. D. E. e mereceu a aprovação do Conselho uma série de medidas, segundo as quais as ajudas financeiras e subvenções deviam terminar ou pelo menos ser reduzidas progressivamente e em prazo que, conforme os casos, não excederia 5 a 10 anos.

«No entanto, a situação económica e a rentabilidade da indústria da pesca não permitiu que essa determinação fosse aplicada e, assim, no relatório do exame das pescas dos países membros da O. C. D. E., em 1968, diz-se: «do ponto de vista da economia internacional das pescas, entre as condições desfavoráveis mais notáveis, em 1967-68, notam-se as medidas governamentais tomadas por certos países a título de remédio. Estas ajudas tomaram formas variadas, por vezes de subvenções directas (novas ou modificadas), outras vezes de restrições às trocas exteriores e por vezes, também, a combinação dos 2 sistemas».

A protecção à indústria da pesca em vários países do Mundo atinge verbas astronómicas

«Relance sobre a conjuntura internacional»

«A situação das pescas nos países membros da O. C. D. E., nos últimos dois anos, esteve longe de ser satisfatória. A continua racionalização dos métodos tem provocado a diminuição do número de unidades em certas frotas, sem diminuição aparente no volume de capturas, o que revela a maior produtividade dos novos navios.

«Verificou-se, porém, redução importante de lucros em consequência da subida dos custos de exploração e da baixa dos preços do pescado, pelo que continuaram os auxílios a assumir formas variadas, desde o subsídio directo às restrições no licenciamento das importações.

«Entre outras, citam-se as seguintes formas de auxílio mais generalizadas: empréstimos e subsídios que podem ir até 40 ou 50% do custo das embarcações e das instalações de transformação; pagamento de salários mínimos aos pescadores como encargo do Estado; subsídios de preços; isoneração de impostos na amortização de navios com menos de cinco anos; subsídios à construção naval por forma a permitir o alinhamento dos preços ao nível internacional; subsídios para reduzir os preços dos combustíveis; subsídios para a demolição de navios subsídios para melhorar a qualidade do peixe; subsídios às Cooperativas de Pescadores; subsídios destinados a cobrir os riscos inerentes às campanhas de pesca experimentais; subsídios para acrescer os rendimentos dos pescadores mediante o aumento de preço de certas espécies de peixe desembarcado; investimentos do Estado na indústria de congelação sob forma de participação por acções ou empréstimos; compras e armazenamento, pelo Estado, de peixe congelado e salgado, por virtude de crise nos mercados compradores ou por más campanhas de pesca.

O exemplo flagrante da Noruega

«Veja-se o exemplo da Noruega, país de menos de 4 milhões de habitantes, onde, em 1968, segundo os elementos oficiais, foram concedidos, além de outros,

(Continua na 4.ª página)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Alberto Lopes

Para o cemitério de Benfica seguiu, esta manhã, o funeral do sr. dr. Júlio Alberto Lopes, antigo redactor do nosso prezado colega «O Século».

O extinto, que contava 42 anos de idade, era natural de Freixo de Espada-á-Cinta, e estava radicado em Lisboa desde os bancos da Universidade. Licenciado em Letras, trabalhou na R. T. P. e desempenhava agora funções docentes num liceu da capital e jornalísticas nos Serviços de Imprensa da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Deixa uma vasta obra publicada sob o nome de Alberto Lopes, destacando-se em especial «A última estação», volume laureado em 1956 pelo S. N. I. com o Prémio Eça de Queiroz.

O sr. dr. Júlio Alberto Lopes era casado com a sr.ª D. Maria dos Prazeres Alves Lopes e filho da sr.ª D. Maria Eugénia de Sá Machado e do sr. Júlio Augusto Lopes.

Aspirante miliciano Fernando Manuel Lopes

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 30 — Vindo o ataude de Castelo Branco, em armão do Exército, realizou-se aqui o funeral do sr. aspirante miliciano Fernando Manuel Lopes, vítima de acidente de viação, quando, com três soldados, se dirigia num «jeep» para a carreira de tiro de Penamacor.

O cortejo funebre foi acompanhado por dezenas de automóveis que se incorporavam, desde a Sertã, e constituiu sentida manifestação de pesar.

O aspirante Fernando Lopes, natural de Mirandela, tinha 24 anos, era filho do sr. Fernando Emílio Lopes e da sr.ª D. Candida Sofia Machado Lopes, casado com a sr.ª D. Isabel Maria José Mateus Lopes e genro do sr. Artur dos Santos Mateus, sócio da Sociedade de Lanifícios de Figueiró dos Vinhos, Lda. e da sr.ª D. Maria Helena José Alves Mateus.

«Operação Saudade»

Efectua-se hoje, a partir das 21 horas, na sede do Movimento Nacional Feminino, o sorteio respeitante à iniciativa da «Operação Saudade».

O acto, a que assistirá um representante da autoridade (nos termos legais), é público.

A DETENÇÃO DO FUTEBOLISTA DJALMA

Continua detido na cadeia do Montijo o futebolista brasileiro Djalma Nascimento de Freitas, autor do duplo atropelamento mortal em Broega, Sarilhos Grandes, caso a que nos referimos pormenorizadamente nas nossas edições de ontem.

Djalma será restituído à liberdade quando for paga a fiança que o tribunal lhe atribuiu: 300 contos. Entretanto o clube nomeou um advogado do Barreiro, dr. Octávio Matias Ribeiro, para acompanhar de mais perto a evolução do problema. Sabe-se que o futebolista tem uma apólice cobrindo a sua responsabilidade civil até 150 contos e decorrem conversações com a companhia seguradora.

— *É um caso humano* — disse-nos hoje o sr. Acácio Rosa, vice-presidente da Junta Directiva do Belenenses —, *e por isso o clube não abandona o jogador. Já estiveram ontem no Montijo o técnico e representantes do Departamento de Futebol.*

DE ONTEM PARA HOJE

UM ANO DE GOVERNO

Pela passagem do primeiro aniversário da sua investidura, foram ontem cumprimentados, além do ministro da Saude, como noticiámos, também os ministros de Estado e das Obras Publicas e o subsecretário desta ultima pasta. As saudações ao eng.º Vaz Pinto foram apresentadas pelo prof. eng.º Leite Pinto, presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, que disse a certa altura: «Teve V. Ex.ª a honra de secundar o sr. Presidente do Conselho neste primeiro período anual, durante o qual se afirmou o acerto das designações. V. Ex.ª impôs-se a todos nós pelo zelo que tem dedicado aos estudos de tantos e variados assuntos que subiram á sua consideração». O eng.º Rui Sanches e o dr. Silva Pinto foram saudados pelo eng.º Pena da Silva, que fez o elogio dos dois membros do Governo. Em resposta, o titular da pasta das Obras Publicas agradeceu a colaboração prestada pelo funcionalismo durante este primeiro ano, dizendo, nomeadamente: «Mercê do considerável reforço das dotações orçamentais do corrente ano, está-se perante um importante acréscimo de trabalho no sector dos melhoramentos rurais, que é, aliás, extensivo aos melhoramentos urbanos, de toda a natureza e a que se somaram ainda os numerosos, urgentes e dispersos trabalhos de reparação dos estragos do terramoto de 28 de Fevereiro. Assim, á Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização tem-se vindo a pedir novos e sucessivos esforços». Referiu-se, finalmente á actividade desenvolvida por outros sectores do seu departamento.

EFEITOS DA CHUVADA

Chuva abundante perturbou, ao fim da tarde, a vida da cidade, que ficou alagada. O trânsito, a partir das 17 horas, passou a fazer-se com grande dificuldade; e os bombeiros receberam centenas de chamadas de socorro. Em Alfés, o próprio quartel dos bombeiros ficou inundado: o nível da água atingiu cerca de um metro de altura.

MENINO QUEIMADO

Morreu carbonizada uma criança de três meses de nome Alberto, filho de José Joaquim da Costa e de Arminda de Jesus Rocha, quando a residência do casal, em Ferreiros (Amares), ardeu completamente, deixando os locatários na miséria.

HOMENAGEM

Em Famalicão, o respectivo Município, em sessão presidida pelo comendador António Santos da Cunha, prestou homenagem aos escritores Júlio Brandão e Sebastião de Carvalho, dali naturais, e ao antigo presidente da Câmara, Álvaro Folhadela Marques, de quem foi descerrado um busto, na praça que tem o seu nome.

PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu, no Palácio de Belém, a pequena Maria Adelaide da Silva Fernandes Tomás, representante portuguesa na Operação Plus Ultra. Com o Presidente da República avistaram-se também, o ministro das Comunicações e o governador civil do Porto, acompanhados pelos presidentes dos conselhos de administração do porto de Leixões e da Sacor, que convidaram o almirante Américo Thomaz a presidir á inauguração do terminal petrolífero de Leixões, no próximo dia 8.

«UMA SEMANA NA ROMÉNIA»

No Automóvel Clube de Portugal, o dr. Mário Madeira fez uma conferência sobre o tema «Uma semana na Roménia», em que focou os usos e costumes daquele país, onde recentemente participou no III Congresso da Aliança Internacional de Turismo.

É perigoso para Nixon dar azo a ser considerado um presidente irrelevante

Quando ao Verão suceder o Outono, parece evidente que terá soado a primeira hora verdadeiramente crítica para a Administração de Nixon

O mais notável cometimento da vida ainda breve do mandato republicano — a restauração da calma nacional — é, também, o mais fàcilmente destrutível. Depois dos violentos actos e emoções de 1968, a maioria dos americanos dispôs-se a «baixar a voz», como Nixon sugeriu, no dia da sua tomada de posse, e a dar uma trégua aos nervos desfeitos

Mas o sentimento de confiança que o presidente procurou inculcar no país está já a ser minado pelas dúvidas que reinam quanto aos progressos tangíveis na solução dos problemas do Vietnam e da economia, precisamente os que levaram á perda dos democratas.

Apesar das sondagens feitas á opinião pública continuarem a mostrar que Nixon conta com um largo apoio, é impossível fugirmos ao crescente cepticismo que reina quanto á sua capacidade de cumprir as promessas que lhe garantiram a eleição. É significativo que essas dúvidas pareçam prevalecentes hoje entre os políticos de regresso a Washington e os estudantes e professores de regresso ás escolas. A atitude da maioria dos governadores, senadores e membros do Congresso, quanto

Por DAVID S. BRODER

(Exclusivo «The Washington Post» — «Diário de Lisboa»)

à Administração — mesmo entre os republicanos — é de grande nervosismo.

Parece haver três razões para isto. Em primeiro lugar, as sonoras promessa de Nixon (durante a campanha eleitoral) sobre os problemas das comunicações apanham agora o presidente na sua rede. Embora tenha sido muito mais aberto que os antecessores, como prometeu, tanto ele como os colaboradores têm, muitas vezes, deixado de dar informação pormenorizada e tempestiva sobre os seus planos ao Congresso, á burocracia federal, aos Estados e à opinião pública, cuja cooperação é vital para levar a cabo tais planos.

Nixon é o melhor porta-voz de si mesmo, mas as suas explicações acerca dos objectivos que se propõe e das estratégias que escolhe têm sido menos frequentes e menos frutuosas nestes últimos meses que a princípio do mandato. O crescente intervalo entre as conferências de Imprensa e os discursos tem levado à suposição, talvez injusta, mas perniciosa, de que a estratégia de Nixon não está a resultar como ele projectava.

Esta suspeita é agravada por um segundo factor — a aparente preferência que a Administração tem por ir ladeando os problemas, mesmo quando se trata de questões merecedoras, segundo a opinião pública, de um ataque frontal. Nixon deu a volta ao Mundo, calcorreou quilómetros e passou centenas de horas a falar com os dirigentes da Ásia e da Europa. Mas continuamos sem saber se avançou um milímetro que fosse no caminho de um acordo sobre a questão do Vietnam.

Utilizou as armas clássicas de política monetária e fiscal — excedentes orçamentais e restrições monetárias — num esforço tendente a deter a inflação, mas recusou-se a fazer qualquer apelo — mesmo puramente verbal — aos homens de negócios e aos

(Continua na página seguinte)

ECOS

A mãe de uma jovem norte-americana de 16 anos em conflito com a família por desentendimento de geração e que foi levada a fugir de casa e acabou por desaparecer sem deixar rasto fundou em Washington uma associação de mães infelizes baptizada «Pais Anónimos da Flor». A finalidade desta associação consiste em tentar doravante e em conjunto que os pais americanos compreendam melhor os seus filhos e aprendam a com eles discutir ideias e a respeitar-lhes os ideais.

★

NA trigésima «mostra» de arte cinematográfica de Veneza houve de tudo, desde o entusiasmo pela arte verdadeira, ao divismo e ao fastio. O propósito inicial era o de substituir a mundanidade. tida como decadente, dos festivais, pela autenticidade de uma límpida e séria amostragem de filmes, de acordo com proposições contestatárias. Já surgem, porém de múltiplos sectores, as críticas, destrutivas ou construtivas. O dr. Laura, director da «mostra», afirmou, segundo transcrição da revista italiana **Gente:** «Se por festival se entende a orla mundana do festival, digo que a transformação era inevitável. Creio na importância da presença dos actores numa «mostra» quando estes actores forem intérpretes dos filmes apresentados (desgostou-me muito, por exemplo, a ausência de Lucia Bosè), mas creio também que o divismo acabou e não decerto por culpa do nosso festival. O divismo europeu morreu, enquanto paradoxalmente começa a aparecer em Moscovo como fenómeno novo. Entre nós transferiu-se para o mundo da canção.»

★

QUEM é Georges Séguy, o actual secretário-geral da C. G. T. (Confederação Geral dos Trabalhadores)? — pergunta o Express, **analisando a sua posição de força contra o actual Governo francês, que se traduziu no desencadeamento das greves.** O **Express** considera temível a táctica de Georges Séguy, sobre cujo futuro político levanta dúvidas: um Thorez de amanhã ou um social-democrata em potência? Na opinião do **Express**, que tem òbviamente um rótulo de centro-esquerda (e até mais centro do que esquerda), a táctica de Séguy teria consistido em fazer reivindicações de modo algum exorbitantes. Nem sequer se falava ainda de salários, apenas melhoramentos nas condições de trabalho, reduções de horários, em suma, conquistas bem modestas. Mas, segundo o **Express** (pela boca de Georges Suffert), sempre acima do que o Governo considera poder fazer.

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS QUE TÊM MUITO E OS QUE NADA TÊM

Falou-se então da A e alguém disse que ela tinha por força de se mostrar simpática porque era muito pobre. Depois houve quem se referisse ao B e o mesmo alguém explicou que ele podia perfeitamente mostrar-se antipático porque era muito rico. Uma pessoa disse que o C podia dar-se ao luxo de dizer e escrever de vez em quando umas baboseiras porque todos sabiam que era inteligente, mas o irmão devia ter muita cautela porque corria o perigo de ser para todo o sempre considerado imbecil.

Aqui há tempos houve o casal americano (ou inglês) a que já me referi, creio eu, velho e coberto de trapos naquele hotel de praia, luxuoso. Um casal que podia andar coberto de trapos precisamente porque estava naquele hotel. Quando muito seriam apodados de excêntricos. Respeitosamente, diga-se de passagem. Mas mesmo em frente, na pensão, as pessoas deviam vestir-se bem senão dariam a desagradável impressão de ser aquilo que na verdade eram, gente modesta em férias. O que provocaria desatenção da parte dos empregados e olhares de soslaio, um pouco trocistas, dos outros hóspedes que sabiam fingir muito melhor.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

À Cicraninha, jovem muito actualizada e sem preconceitos, não fez convites para o casamento, e deu o nó no vestido de qualquer maneira, porque o pai é um homem importante, mas a criada da referida Cicraninha viu-se por isso mesmo, porque era criada, na necessidade de casar de véu e dar uma grande festa comemorativa.

E por aí fora. Isto foram só alguns exemplos. Porque ter ou não ter não é tão simples como parece. As cartas baralham-se muitas vezes. Ou temos de as baralhar para sossego dos nossos espíritos.

PUBLICAÇÕES

«INDICADOR ECONÓMICO DE MOÇAMBIQUE»

Está publicado mais um grande volume do «**Indicador Económico de Moçambique**», referente ao ano de 1969.

Elementos de produção, comércio, distribuição, nomes da vida económica de Moçambique tornam o volume indispensável a quem quer que seja que se ocupe dessa mesma vida económica ou a comerciantes e industriais que com Moçambique tenham contactos.

«FRANCISCO DA HOLANDA» por Jorge Segurado

Saiu o segundo fascículo desta importante obra que o arquitecto Jorge Segurado em boa hora escreveu sobre o artista e crítico renascentista que foi «Francisco de Holanda». A sua vida e obra encontram-se investigadas e criticadas de maneira quase esgotante.

Edição de luxo das Edições Excelsior.

«SABENA REVUE»

Consitui um belo volume, ilustrado de forma luxuosa e com fotografias e outras reproduções de obras de arte magníficas, dispersas pelos museus e colecções, palácios publicos e particulares de todo o Mundo, todo o Mundo onde chegam os aviões da Sabena.

Em particular a arte belga, tanto a arquitectura como a escultura e a pintura e a paisagem e urbanismo, têm nesta publicação um documentário óptimo.

«EM NOME DA NAÇÃO QUE TRABALHA E LUTA»

No seguimento da Campanha Nacional de Reabilitação Profissional, apareceu agora o 1.º volume de conferências, enquadrado no caderno de divulgação n.º 6. Essas conferências são as dos srs. dr. Leonardo Coimbra, D. Matias de Lino Neto Sampaio Maia, Fernando Nascimento e Tavares de Pina.

A distribuição é da Livraria Portugal.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Ciclo preparatório
CURSO LICEAL — CURSO COMERCIAL
CURSOS DE LÍNGUAS — INSTITUTOS
Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.
● ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
● EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) — Telef. 834688
● EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica)
ABERTAS AS MATRÍCULAS

HOJE — HOJE — HOJE
ÚLTIMO DIA
FEIRA POPULAR de LISBOA
DE 1969
E PARA COMEMORAR O SEU ENCERRAMENTO, TODOS OS VISITANTES ESTÃO HABILITADOS A UM AGRADÁVEL SORTEIO
10.000 PROVAS DE VINHO ABSOLUTAMENTE GRÁTIS
50 — PRÉMIOS — 50
CONSTITUÍDO POR 1 CAIXA COM 3 GARRAFAS DE VINHO MONTANHÊS
5 — MOTORIZADAS CASAL — 5
OFERTA DA METALURGIA CASAL DE AVEIRO
1 — COLCHÃO MOLAFLEX — 1
OFERTA DE MÓVEIS CONFIANÇA
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE NOS RESTAURANTES EMENTAS ESPECIAIS
UMA NOITE INESQUECÍVEL NA FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
ABERTURA ÀS 19 HORAS — ENTRADA: 1$50

Os Grémios dos Armadores respondem ao «Diário de Lisboa»

(Continuação da 2.ª página

os seguintes subsídios e ajudas traduzidos na nossa moeda: empréstimos para a construção de navios que podem atingir 100% do valor do custo, a prazo de 10 a 15 anos e à taxa de juro de 2 a 4,5%, não sendo em alguns casos cobrados juros nem amortizações nos primeiros dez anos, num valor total de financiamentos, cerca de 470 000 contos: subsídios para acrescer as atribuições dos pescadores por aumento de valor de peixe em relação aos preços de venda, cerca de 640 000 contos; subsídios destinados à diminuição de preço do equipamento e isco, cerca de 101 000 contos; subsídios destinados a reduzir o montante das quotizações sociais a cargo dos pescadores, cerca de 57 000 contos; empréstimos concedidos a título excepcional aos pescadores de arenque em consequência da má campanha de 1958, cerca de 24 000 contos; subsídios do Estado para garantia do salário mínimo aos pescadores, cerca de 27000 contos; financiamentos e investimentos do Estado nas indústrias de transformação e congelação, cerca de 150 000 contos; garantia do Estado por empréstimos às fábricas de transformação, cerca de 400 000 contos; subsídios destinados a melhorar a eficiência da indústria de pesca, cerca de 40 000 contos; empréstimos concedidos a título excepcional à indústria do bacalhau, cerca de 167 000 contos e financiamentos do Estado por conta de futuras vendas de bacalhau armanzenado, cerca de 200 000 contos.

Eis o resumo edificante

«Em financiamentos à indústria e garantias, as verbas concedidas atingiram 1 387 000 contos; o valor dos subsídios directos à indústria foi de 141 000 contos; o valor dos subsídios aos pescadores foi de 748 000 contos. Total: 2 276 000 contos.

«Ora, o Governo norueguês tinha programado suprimir, progressivamente, e devia atingir esta finalidade em 1968, o apoio financeiro à indústria, política que se fundamentava na hipótese de que as medidas de apoio praticadas anteriormente e a evolução dos preços no mercado e dos custos permitiriam uma razoável melhoria no rendimento dos pescadores.

«Apesar da produtividade da indústria da pesca ter melhorado, graças às importantes medidas de racionalização que foram tomadas e o número dos pescadores ter descido de cerca de 55 000, em 1963, para menos de 50 000 em 1968, as retribuições aos pescadores teriam sido anormalmente baixas, se o Estado não tivesse prestado a sua ajuda financeira.

«E não foi possível ao Governo norueguês suprimir as subvenções como tinha sido previsto; pelo contrário, o seu montante foi mais elevado em 1968 do que em 1964. A falta de subvenções teria causado à indústria da pesca uma forte recessão, a agravar as condições anormais que reinam no comércio internacional de peixe.

O caso do Canadá

«Quanto ao Canadá, em cujas costas se processa ainda hoje grande parte das capturas da nossa pesca do bacalhau, além do programa em curso de ajudas directas às pescas, ao armamento, às indústrias e ao comércio, cujos números ainda não são conhecidos, mas que se supõe serem muito elevados, foram concedidos além de outros, os seguintes auxílios: Em 1967-68, subvenções aos estaleiros, destinadas às construções de barcos de pesca e até ao montante de 35% do seu custo, 709 177 contos, havendo para 1968-69, o número ainda provisório de 177 885 contos; garantias federais de empréstimos aos pescadores, em 1967-68, no total de 33 825 contos; subsídios para reduzir o custo de equipamento de pesca e do isco, cerca de 17 257 contos; e verbas autorizadas para a compra de bacalhau que não encontre mercado cerca de 185 850 contos.

As disposições em Espanha

«Em 1968, o Governo espanhol concedeu, além de outras, as seguintes ajudas: subsídios directos à construção naval de 6% do custo dos navios, no total de 76 600 contos; isenções fiscais até 12% do custo das embarcações; empréstimos para construção de navios até 80% do preço total a prazos até 20 anos, com juro de 4 a 5,5 %, no total de 795 000 contos.

De um modo geral, nos dois últimos anos, não houve grande melhoria no valor das capturas de massa destinadas ao consumo humano e uma grande parte das descargas dos arrastões de pesca longinqua do país vizinho teve mesmo de ser armazenada por falta de procura. Registou-se, porém, nítida melhoria no valor das espécies finas capturadas pelas embarcações costeiras e artesanais de que resultaram incentivos à construção de novas embarcações.

Finalmente, o mercado dos chamados produtos de redução (farinha e óleo de peixe) acusou certa melhoria em relação à farinha e estagnação do que se refere aos óleos».

Comentário

1. Serão necessàriamente breves os comentários que vou fazer à longa resposta que os meus artigos mereceram, limitando-me a um ou outro apontamento que considere de maior importância. Antes, porém, quero acentuar que: a) estranho que tenham sido os armadores a responder no tom em que o fizeram, quando a sua actividade como tal mereceu sempre nos meus artigos defesa que se impunha; b) não fui movido por quaisquer interesses contrários aos da profissão em que procuro servir honestamente.

2. Começam os grémios por atribuir estranhos objectivos ao facto de ter estabelecido uma como que interligação e até uma interdependência entre aspectos de natureza industrial e comercial, todos englobados intencionalmente no tema genérico das pescas, Sei bem que a indústria das pescas é uma coisa e a das conservas é outra, como também sei que ambas têm os seus circuitos comerciais. Mas note-se que a segunda está dependente da primeira e foi essa dependência que me levou a dar ao vocábulo pescas uma amplitude semântica que, de facto, não tem.

Quanto ao segundo ponto, deve dizer-se que nem sempre há reparação entre a indústria das pescas e a comercialização do pescado. Na verdade, o Grémio dos Armadores da Pesca de Arrasto comercializa o seu peixe através da SAPP e da Gel-Mar e os armadores do bacalhau constituiram uma cooperativa (COPABA) que. inclusivamente, se dedica à importação. Por outro lado, é voz corrente nos meios ligados ao problema que os armadores da pesca da sardinha têm estado a fazer pressões para evitar que outras entidades importem a sardinha congelada necessária à laboração das fábricas. O que prova que a comercialização é uma actividade independente do exercício da pesca.

A. E. P.

A Admnistração de Nixon

(Continuação da pág. anterior)

dirigentes dos sindicatos para que estes reduzissem os lucros.

Finalmente, em vários domínios pouco menos vitais — incluindo o reforço dos direitos cívicos, a reforma fiscal, eleitoral e de assistência pública — as soluções de compromisso aparentemente impostas por várias pressões políticas contraditórias, tornaram fáceis as críticas que sugerem a fraqueza e ineficácia do Governo de Nixon.

Objectivamente, é cedo ainda para julgarmos a Administração de Nixon em termos de êxito ou malogro. Mas é agora que estão a formular-se juízos de duradouras consequências políticas sobre a sua capacidade e o seu desejo de enfrentar os problemas que Nixon prometeu resolver, antes das eleições e mesmo depois delas. A Administração parece estar a deixar cair das mãos todo o poder de iniciativa. É perigoso para Nixon dar azo a que o julguem, mesmo temporàriamente, um presidente irrelevante.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Artes plásticas

Mecatti nas Belas-Artes

Amanhã, ás 17 horas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, será inaugurada uma exposição de pintura de Dario Mecatti, a qual estará patente até ao dia 10.

Ema Brandão no Palácio Foz

Ema Brandão abre no próximo dia 1 de Outubro, num dos salões do Palácio Foz, a sua primeira exposição de escultura em Lisboa.

Radicada há 17 anos em Luanda, a artista expõe 80 esculturas e grupos escultóricos, que tratam temas angolanos, religiosos e da vida quotidiana.

A exposição abre ás 18 horas.

Oitenta por cento de reprovações nos exames de Cálculo do Instituto Comercial de Lisboa

Quem passe os olhos pela pauta relativa aos exames de Cálculo da 2.ª época no Instituto Comercial de Lisboa, não pode reprimir uma sensação de mal-estar. Repare-se: em 31 examinandos, 23 foram reprovados na parte escrita; 1 ficou dispensado; 6 transitaram para a oral.

Pode-se, sem grande esforço, encontrar razões bastantes para esta situação. Os alunos que prestaram agora as suas provas não dispensaram em Julho e viram-se mais tarde na contingência de prestar provas na 2.ª época. Depois veio o bom tempo do Verão, a praia, o campo, a intensificação das tarefas profissionais devido ao regime de férias, o afrouxamento na disciplina de estudo, etc.

Todas estas razões podem ser aduzidas e o seu peso não será, decerto, negligenciado — se nos lembrarmos ainda da crença existente em hipotéticas facilidades e benevolências nos exames de 2.ª época.

A verdade, porém, é que estes 80 por cento de reprovações não deixam de criar uma sensação de mal-estar a quem passe os olhos pelas pautas afixadas no Instituto Comercial de Lisboa.

ora diga-nos...

— Tem medo das trovoadas?

«Só te lembras de Santa Bárbara quando troveja!» — adv. popular.

● *Respondeu-nos Maria Margarida Correia, de 21 anos, secretária:*

— Não tenho medo nenhum. Talvez um pouco de respeito. Não gosto de ouvir o trovão nem ver a faísca, mas medo não tenho!

● — Não tenho medo nenhum — *retorquiu-nos a jovem Elisa da Conceição Nunes, empregada de balcão.* — Sei que é um fenómeno atmosférico, mas não tenho medo. Talvez um bocadinho.

— Conhece alguém que tenha medo?

— A minha mãe, por exemplo, tem um medo horrendo, não sei o que ela entende por trovões. Assusta-se. Não sei se é uma reacção nervosa ou se é mesmo medo.

— Que faz ela quando troveja?

— Vai para um canto ou deita-se!

● *A sra. Maria Dulce de Jesus, mulher-a-dias, de 37 anos, depôs em último lugar:*

— Tenho muito medo... e é preciso guardar respeito a isso! Rezo ao Anjo da Guarda e a Santa Bárbara, que nos guardem das trovoadas. Acendo uma vela ou lamparina de azeite. A gente não sabe a que se devem as trovoadas... não sei a explicação... nem sei ler!

Em três linhas

Foi afretado, pelo Ministério do Exército, para transporte de tropas e material de guerra, o navio «Império», da Companhia Colonial de Navegação.

///

É alargado o regime de pensões de sobrevivência da Caixa Nacional de Pensões ao pessoal ao serviço da Cooperativa dos Armadores da Pesca de Arrasto.

///

O sr. capitão-tenente de administração naval dr. Ângelo Bismarck Soares de Melo foi exonerado do cargo de delegado da Junta Nacional da Marinha Mercante no Grémio dos Proprietários de Fragatas e Batelões do Porto de Lisboa.

///

São consideradas de utilidade pública e urgentes as expropriações de parcelas de terreno necessárias para a construção da Estação Central do Beça, no Porto.

///

Foi fixada a lotação completa e normal para a lancha hidrográfica da Armada, «Cruzeiro do Sul».

///

Foram introduzidas, por portaria ministerial, alterações nos lugares de direcção da Escola Industrial e Comercial de Brotero, em Coimbra.

///

Está aberto concurso para provimento de lugares de terceiro-bibliotecário na Biblioteca Nacional de Lisboa.

///

Foi fixado um segundo compromisso suplementar da Companhia do Açucar de Angola para fornecimento de 3100 toneladas de açucar ao continente no ano cultural em curso (1969-1970).

///

Os catedráticos da Faculdade de Medicina de Lisboa, srs. drs. Manuel João Xavier Morato e Armando Augusto dos Santos Ferreira foram nomeados, respectivamente, directores dos Institutos de Histologia e de Anatomia de Henrique de Vilhena, anexo á mesma Faculdade.

///

Foi contratado o sr. dr. Eduardo João Cardoso Martinho para o lugar de chefe de trabalhos no Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, da Junta de Energia Nuclear; e nomeado investigador-chefe do Serviço de Investigação Física do referido laboratório, o sr. dr. João Augusto de Sousa Lopes.

«Esperteza Saloia»
ainda esta semana no Maria Vitória

Ultimam-se todos os preparativos da montagem e ensaios da nova revista «Esperteza Saloia!», que ainda esta semana subirá à cena no mais popular teatro de Lisboa — o Maria Vitória.

Escrita por Aníbal Nazaré, Salvador e José Viana e musicada por João Nobre e Carlos Dias, a nova revista «Esperteza Saloia!» conta com um elenco composto por Salvador, José Viana, Mariema, Barroso Lopes e Dora Leal, e ainda Victor Mendes, Mariano Franco, Dina Maria, Cristina Cassola e as jovens actrizes Maria Antónia, Rosa Maria, Elizabeth Lobo e Lia Senna, além de um extraordinário «ballet» internacional, dirigido por Mariano Franco, que animará este novo espectáculo.

Como atracções desta nova revista, contam-se a «vedeta» do fado Helena Tavares e o famoso duo filipino «The Melodies».

Ainda esta semana, em duas sessões, às 20 e 45 e às 23 horas, o Maria Vitória inaugurará a sua nova época teatral com a revista «Esperteza Saloia», que irá dar que falar.

REGRESSOU DO BRASIL...

Após duas semanas no Rio de Janeiro e São Paulo, regressou a Lisboa o sr. eng.º Manuel Viegas de Carvalho que, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Rita Viegas de Carvalho, foi contemplado com esta visita ao Brasil através de um sorteio rubricado do título «Divulgação Cultural».

Na sala do aeroporto, o sr. eng.º Viegas de Carvalho fez interessantes declarações à Imprensa e à Rádio, salientando o carinho que lhe foi dispensado logo à chegada ao aeroporto do Rio, assim como em todas as reuniões.

Salientou uma recepção no Jokey Clube de São Paulo, onde foi prestada homenagem a Álvaro Gonçalves Pereira pelo modo como tem contribuído para a aproximação cada vez maior das duas nações, utilizando para isso a divulgação do livro brasileiro em Portugal.

Registámos, também, as palavras da sr.ª D. Maria Rita Viegas de Carvalho que exaltou a acção do Centro do Livro Brasileiro no sistema dos seus concursos.

ADULTOS

• BREVEMENTE, NO MARIA VITÓRIA

MARIEMA

HELENA TAVARES

VITOR MENDES

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM

A NOVA E ALEGRE REVISTA POPULAR

ESPERTEZA SALOIA

ESCRITA POR ANÍBAL NAZARÉ, SALVADOR e JOSÉ VIANA, com MÚSICA de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

• UM ELENCO SENSACIONAL, COM

• SALVADOR • JOSÉ VIANA

• MARIEMA

• BARROSO LOPES • DORA LEAL

• VICTOR MENDES • MARIANO FRANCO • DINA MARIA • CRISTINA CASSOLA

AS JOVENS ACTRIZES: MARIA ANTÓNIA • ROSA MARIA • ELIZABETH LOBO • LIA SENA

o artista da guitarra portuguesa

• FRANCISCO CARVALHINHO

A ATRACÇÃO NACIONAL

• HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO FILIPINA

• «THE MELODIES»

E UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL!

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30

(Maiores de 6 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

Números de sensação
Atracções de categoria
PALHAÇOS

QUINTA-FEIRA
À tarde entrada gratuita às crianças até 10 anos

ADEGA MESQUITA

JÁ SE FALA NA CHISPALHADA

TEATRO DA TRINDADE

Todas as noites às 21h30 até 4 de Outubro de 1969

SILVA VICENTINA

(recolha de textos de Gil Vicente em forma de revista popular)

Pelo Proscenium, do Sindicato dos Profissionais de Escritório

Direcção: PEDRO LEMOS (M/ 12)

4 «ASES» NO COMANDO DA REVISTA DAS MULTIDÕES

CAMILO DE OLIVEIRA

FLORBELA QUEIRÓS

PAULA RIBAS

RUI DE MASCARENHAS

Um espectáculo de VASCO MORGADO

NO TEATRO MONUMENTAL

TELEF. 55 51 33 (ADULTOS)

LUGARES DESDE 10$00

HOJE
2 SESSÕES
20.45 e 23 H.

15.ª SEMANA

Original dos PARODIANTES DE LISBOA

UM FABULOSO BALLET INTERNACIONAL

80 FIGURAS em CENA

VASCO MORGADO apresenta

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de Lisboa

HOJE
às 21 e às 23 h.
(ADULTOS)

RAUL SOLNADO

NUMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDÍSSIMO

Amor às riscas

UMA PEÇA DE «SUSPENSE CÓMICO»

O êxito de «Amor às riscas»

O público consagrou já como um dos maiores êxitos de Raul Solnado, a comédia «Amor ás riscas», de Murray Schisgall, que o Teatro Villaret apresenta, todas as noites, em duas sessões, ás 21 e ás 23 horas.

Unânimemente elogiada pela crítica responsável, «Amor ás riscas» é a versão portuguesa da celebre peça «Luv», que tornou o seu autor famoso mundialmente, devido aos triunfos alcançados na Broadway e em Londres, Paris e outras capitais europeias. Para o espectáculo que o público tem aplaudido entusiásticamente, muito contribuem as interpretações de Raul Solnado, Jó Alvarenga e Artur Semedo, e a inteligente encenação de Paulo Renato, servida por um bom cenário de Octávio Clérigo.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SAMANTHA LEE
VEDETA INGLESA
DA CANÇÃO

THE PERRARDS
ORIGINAIS FANTASISTAS

MARIA DA FÉ

FANTASTICA
BALLET
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
MARIA DE PETRILLO
COM BUDD THOMPSON
HONEY
SERENA WILSON

Eduardo Nascimento e «Os Rock's»
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

SANBY STEWART
SÓ NO WONDER BAR

NO CINEMA, ÀS 17 E ÀS 21.30 H.
DUNYA, A NOIVA ETERNA
(M. 17 anos)

3.ª E ÚLTIMA SEMANA
MONUMENTAL

JOHN PHILLIP LAW · MARCEL MARCEAU DAVID HEMMINGS
UGO TOGNAZZI
Um filme PARAMOUNT
Marianne Productions S.A. · A Franco Italian Co Production · Dino De Laurentiis Cinematografica S.p.A.
PANAVISION® · TECHNICOLOR®
DINO DE LAURENTIIS

ELAS TANTO FAZEM...
TANTO FAZEM...
QUE ACABAM POR VER...
O DIABO À SOLTA
YVES MONTAND
num filme de
PHILIPPE DE BROCA

o diabo à solta
(LE DIABLE PAR LA QUEUE)
Adultos
UM CASO «DIABÓLICO» ASSINALA A INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA NO:
5.ª-FEIRA ÀS 21.30
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO BANK

A COMÉDIA DO MOMENTO
NO TEATRO VARIEDADES T. 326037
15.ª semana
VASCO MORGADO apresenta

HOJE, À NOITE, ÀS 21.45
(Adultos)
2 HORAS A RIR
com
UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM
TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA
LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUISA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO
DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.

EXTERNATO DO AEROPORTO
INFANTIL — PRIMÁRIO
Moradia independente com recreios ao ar livre e de Inverno
Av. Gago Coutinho, 162 — Tel. 727071

Manhã na praça

PIOR DO QUE CHOVER NO MOLHADO

O mercado do Rato estava práticamente vazio de donas de casa.

— Está mau... — lançámos como deixa a uma das vendedeiras.

— Mau?! — *retorquiu-nos ela.* — Está pior do que chover no molhado. Está bera como a ferrugem. E' fim de mês. As pessoas ainda não têm dinheiro e depois acaba muita gente de regressar de férias...

Pior do que chover no molhado! Mas não, nem tanto como isso, os limões até já baixaram de preço!

Na secção de peixe havia camarão branco

Vendiam-se a 22$00 o quilo. Agora custam só 18$20!

Na secção do peixe estavam expostos camarões brancos, com as antenazinhas a dar a dar, a 80$00 o quilo. Disse a peixeira:

— Já não havia deste camarão há um ror de meses!

E depois, ao reparar na nossa atenção quanto ao preço, pegou na alcofa da ameijoa, ergueu-a a meio do corpo e observou-nos:

— A ameijoa é que está cara! Aqui está quem a vendeu a quatro e quinhentos ainda não há muitos anos!

A vida evolui...

PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da batata a 2$30; das castanhas, a 7$80; da azeitona, a 16$00, 13$80 e 11$00; da cebola, a 3$80; do alho, a 10$00; do tomate, a 3$50; dos pimentos, a 4$00; da couve-flor, a 5$00, 6$00 e 7$00; das cenouras, a 3$00 e 3$50; da abóbora, a 2$00; e do pepino, a 4$00.

Quanto à beringela estava a 2$00 cada; o molho dos agriões, 1$50; o pé de alface, a 1$00; o molho da beterraba, a 3$50 e 4$00; a couve portuguesa, a 1$50 e 2$50; o alho francês, a $50 e 1$00; a murciana, a 2$50 e 5$00; e os molhos dos grelos de couve, a 7$00; das nabiças, a 8$00, 10$00 e 12$00; e dos rabanetes a 2$50.

PEIXE E MARISCOS

O quilo das lulas vendia-se a 26$00; do gorás, a 26$80; da chaputa, a 8$90; da sardinha, a 12$00; da dourada a 18$00; do pargo de Sesimbra, a 32$50; dos robalinhos, a 32$00 e 35$70; do camarão, a 80$00; da ameijôa, a 28$00; do cachucho, a 14$00; dos chocos, a 17$00; do safio, a 16$00; dos joaquinzinhos, a 6$90; da tainha, a 7$00; do eirós, a 32$00; da caldeirada, a 12$00; das solhas, a 20$00; da pescada congelada, a 16$00 e 14$00; do pargo mulato, a 7$50 e 8$90; do chicharro, a 5$50; da pescada branca, a 23$40, 38$00, 44$00, 46$00 e 48$00; do imperador, a 9$60, 24$00 e 26$00; do linguado, a 32$00, 45$60, 47$00 e 50$00; da garoupa, a 26$00 e 35$00; dos rabos de corvina, a 11$00; do peixe-espada, a 11$80 e 12$80; dos rabos de pescada, a 16$00 e 18$00; do pargo, a 22$60 e 30$00; e dos rabos de pargo, a 18$80.

FRUTA

No sector da fruta, o quilo do ananás vendia-se a 22$30; da maça, a 8$20; da tângera, a 6$50; da maçã reineta, a 6$50 e 7$80; das uvas, a 6$50 e 7$20; da pêra, a 7$80 e 9$00; do melão, a 3$30; do limão, a 18$20; do pêro «star», a 10$40; dos pêssegos, a 13$00; da banana, a 10$00; do pêro «golden», a 10$40; da laranja, a 13$00 e 15$60; dos figos, a 4$00; do marmelo, a 5$20; da romã, a 7$80; e do bravo de esmolfe, a 7$50.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos vendia-se a 11$40, 14$40, 15$60 e 16$00. Quanto ao quilo do coelho vivo estava marcado a 23$00; do frango vivo do aviário, a 22$00, e morto, a 28$00; a galinha viva, também do aviário, a 23$00; e morta, a 30$00. Quanto à galinha morta do campo custava a 32$00 o quilo, e viva, a 28$00; e o pato vivo, a 35$00. Cada borracho vendia-se a 12$50 e 13$00.

FLORES

No que respeita a flores, vimos a dúzia dos cravos a 20$00; dos gladíolos, a 30$00; das rosas, a 15$00; o molho das dálias frompom, a 5$00; das dálias grandes, a 7$50; das acácias, a a 7$50; das cécias, a 15$00.

DONA DE CASA

Actualidade internacional

O GENERAL GARRASTAZU MEDICE É O CANDIDATO NÚMERO UM À SUCESSÃO DE COSTA E SILVA

RIO DE JANEIRO 30 (R) — Segundo afirmaram fontes habitualmente fidedignas, Chefes militares brasileiros colocaram a noite passada formalmente o general Emílio Garrastazu Medice no topo de uma lista de três militares de alta patente escolhidos para sucederem ao presidente Costa e Silva, que se encontra doente.

As mesmas fontes disseram ainda que o sgundo da lista era o general Orlando Geisel, chefe do estado-maior das Forças Armadas.

Registava-se, porém, mistério acerca do terceiro nome escolhido em sessões secretas separadas.

Segundo notícias que circulavam nesta cidade, a terceira escolha do alto comando do Exército era o general António Carlos Muricy, chefe do estado-maior do Exército.

Contudo, uma fonte geralmente digna de crédito afirmou que a Marinha insistira em nomear o general Albuquerque Lima como o terceiro homem.

General de três estrelas, ao contrário dos outros generais de quatro estrelas na lista do Exército, Albuquerque Lima goza da reputação de nacionalista, tendo apoio entre oficiais de patentes mais baixas.

Albuquerque Lima demitiu-se em Dezembro passado do governo Costa e Silva como protesto contra as reduções nas despesas governamentais para auxiliar o Nordeste brasileiro empobrecido.

QUATRO ESTRELAS

A confirmação das notícias, que é ainda aguardada produzirá tensão no Rio de Janeiro e poderá provocar uma disputa entre os militares.

Contudo, as mesmas fontes disseram que há poucas duvidas de que Garrastazu Medice seja nomeado presidente, após a lista ser apresentada ao alto comando conjunto das Forças Armadas, possívelmente ainda esta semana.

Segundo as conjecturas, Albuquerque Lima tornar-se-ia membro do Governo ou seria promovido a general de quatro estrelas depois de nomeado o novo governo.

Quase todos os jornais brasileiros têm afirmado que a lista apenas incluiria generais de quatro estrelas.

SUSPENSÃO

RIO DE JANEIRO, 30 (A. N. I.) — Voltou a circular o vespertino «Tribuna da Imprensa», depois dos três dias de suspensão imposta pelo Governo Federal. Não foram divulgadas as razões da suspensão, no fim da semana passada.

A MUMIA DO FARAÓ — Descoberta em 1925 pelo arqueólogo Howard Carter, a mumia de Tutankhamon foi recentemente sujeita a exames médicos e «vista» aos Raios X. Uma armação de vidro reforçado irá agora preservar os restos mortais do soberano egípcio, que se sabe ter falecido, jovem ainda, há 3300 anos

INCIDENTE EM ATENAS

ATENAS, 30 (F. P.) — Um incidente político assinalou o primeiro dia do XVI Congresso Internacional de Arquitectura, ontem inaugurado em Atenas.

Um professor da Escola Politécnica de Atenas, Dimitrios Pallas, recusou-se a fazer uma conferência acerca da arquitectura bizantina, declarando publicamente, perante 200 delegados de países europeus, que queria assim protestar contra o facto de o governo lhe recusar passaporte para assistir no estrangeiro a outros congressos.

GUERRILHA URBANA NA VENEZUELA

CARACAS, 30 (F. P.) — Guerrilheiros urabnos atacaram no domingo, com granadas, dois estabelecimentos norte-americanos de Caracas fazendo estragos materiais, mas nenhuma vítima

Por outro lado, os jornais de Caracas anunciaram que um novo desembarque de guerrilheiros teve lugar em 25 de corrente no Leste da Venezuela, onde é frequente os guerrilheiros travarem luta com o Exército nacional.

TOM CONFIANTE DE WILSON

(Continuação da 1.ª página)

com a natureza cautelosa dos comunicados oficiais antes da recente viragem na economia britânica

Wilson revelou que o Governo britânico pediu a todos os Ministérios que compilem novos dados do impacto económico da união com a Europa com o fim de mostrar quais as alterações ocorridas depois do segundo pedido britânico para entrar no Mercado Comum, em 1967.

A primeira parte do discurso de 50 minutos foi um ataque sardónico ao chefe conservador Edward Heath e aos seus colegas da oposição.

Eleições gerais na Turquia no próximo dia 12 de Outubro

ANKARA — As eleições primárias, que decorreram na primeira semana de Setembro, em quase todos os departamentos da Turquia, foram o preâmbulo das eleições gerais previstas para o dia 12 de Outubro.

Segundo o sistema vigente, os candidatos parlamentares são eleitos pelas organizações locais dos partidos. Estes candidatos formam depois as listas que os partidos apresentam a sufrágio popular. O lugar que ocuparem na lista é função do numero de votos que tiverem conseguido. Contudo, as direcções centrais dos partidos podem modificar a ordem dos candidatos. O eleitor vota segundo o sistema proporcional, com escrutínio de lista de boletim unico. Neste boletim são inscritos horizontalmente os nomes e insígnias dos oito partidos concorrentes ás eleições, e, verticalmente, sob cada um dos nomes, a lista dos candidatos do partido.

E assim o eleitor designa um partido sem poder escolher directamente os futuros deputados.

Certos observadores e algumas formações políticas (como o partido republicano popular) censuram este método, por não permitir que os cidadãos escolham os seus representantes. O sistema favorece a corrupção e toda a casta de manobras, no seio dos estados-maiores e das organizações locais dos partidos. As facções rivais atacam-se publicamente, de uma maneira que só serve para degradar o parlamentarismo, aos olhos da opinião publica.

Assim tem acontecido com certas facções do Partido da Justiça (a extrema direita, chefiada pelo ex-ministro dos transportes, Bilgic, outrora rival de Demirel, na presidência do partido, e o grupo liberal, animado pelo professor Yalcin). Outra tendência, de filiação islâmica, resolveu apresentar-se como partido autónomo, em consequência de o Partido da Justiça não ter incluído o chefe de fila da citada facção, professor Erbakan, na sua lista. Também no partido do sr. Inonu e noutros partidos mais pequenos as cisões têm sido numerosas.

O país, que só de 4 em 4 anos, vê os políticos, é agora incessantemente percorrido por eles e nenhum recanto, por mais afastado que seja, escapa a esta «invasão». Por agora, no entanto, a campanha decorre pouco animadamente e os ataques mutuos dos partidos não são especialmente agressivos.

É difícil, para já, conjecturar qual o partido vitorioso.

LIBERTADOS NO VIETNAM OS «BOINAS VERDES»

(Continuação da 1.ª página)

cados no caso dos «boinas» verdes» irrompeu em pranto ao ouvir que o conselho de guerra tinha levantado as acusações contra os norte-americanos.

A viuva de Chuyen, Pham Kim Lien, uma bela mulher de 30 anos, disse que pediria a intervenção do Ministério da Justiça do Vietnam do Sul e, se fosse necessário, apelaria para o presidente Nguyen Van Thieu e para o presidente Nixon. Pham Lim Lien ficou tão desesperada que falou em suicidar-se ou em voltar para o Vietnam do Norte, a fim de se juntar aos comunistas.

GRANDE ALÍVIO EM WASHINGTON

WASHINGTON, 30 (R.) — Funcionários do governo norte-americano das mais diversas hierarquias sentiram hoje um grande alívio ao saberem que os segredos dos serviços secretos norte-americanos no Vietnam foram salvos dos olhares do publico.

Poucas pessoas esperavam o lavar de roupa suja no tribunal militar durante o julgamento dos «boinas verdes» acusados de assassinarem um vietnamita suspeito de ser agente duplo. No entanto a decisão de levantar todas as acusações foi de qualquer forma uma surpresa.

O Pentágono anunciou que a decisão fora tomada apenas ontem de manhã pelo secretário do Exército Stanley Resor, e apoiada pelo secretário da Defesa, Melvin Laird.

ONZE MORTOS

SAIGÃO, 30 (R.) — O comando militar do Vietnam do Sul anunciou hoje a morte de 11 civis sul-vietnamitas devido ao facto do veículo em que eram transportados ter passado sobre uma mina.

Segundo um informador morreram 11 empregados da plantação de borracha de Cam My quando ontem eram transportados para o local de trabalho. O informador acrescentou que ficaram feridos mais seis civis.

Causou dez mortos o tremor de terra na África do Sul

CIDADE DO CABO 30 (F. P.) — Morreram pelo menos 10 pessoas, entre as quais 5 crianças, e há um numero ainda indeterminado de feridos, devido ao violento tremor de terra que assolou a noite passada algumas centenas de quilómetros quadrados da Província do Cabo, semeando a destruição e o terror

Sete dos mortos encontrados foram descobertos em Tulbach, localidade situada a 120 quilómetors do Cabo, sob os escombros das suas casas.

Este sismo é o mais importante registado desde há 29 anos. A pequena cidade de Wolseley, a cerca de 130 quilómetros ao Norte do Cabo, foi particularmente afectada. Poucos edifícios ficaram intactos e os incêndios espalharam-se pelas montanhas em redor.

No Cabo, milhares de pessoas aterrorizadas saíram á pressa de casa e das salas de espectáculos para as ruas.

Chegam notícias alarmantes de toda a região. Em Ceres e Worcester muitos prédios ficaram danificados. Em Durban, Port Elizabeth e no Cabo as comunicações telefónicas e telegráficas estão cortadas.

Segundo indicações recebidas de diversos observatórios e institutos geofísicos da região, não são de recear para já novos abalos. O sismo — diz um comunicado oficial — teve uma intensidade «extraordinária», ainda difícil de calcular, uma vez que as agulhas dos principais sismógrafos saltaram com a violência do choque

O SISMO FOI SENTIDO NO SUL DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 30 (A. N. I.) — No Sul de Moçambique também foi sentido o abalo de terra que ontem á noite deixou sem luz as províncias sul-africanas do Cabo e do Natal, provocando mortes, destruições e incêndios.

Em Lourenço Marques o sismo foi sentido pelas 22 horas e 15 minutos locais (21 e 15 em Lisboa), especialmente nos prédios altos.

Minicoligação da esquerda

— tema da Imprensa alemã ocidental

BONN, 30 (F. P.) —A Imprensa dedica-se hoje, sobretudo, ao problema da formação do novo governo. De uma maneira geral, os jornais são favoráveis á criação da «Minicoligação» da esquerda entre socialistas (S. P. D.) e liberais (F. D. P.).

Os órgãos de informação são favoráveis na sua maioria ao S. P. D. e não escondem o facto de não lhes agradar a recondução da actual coligação entre socialistas e cristãos-democratas.

Os eleitores do S. P. D. e do F. D. P. votaram a favor de uma mudança de grupo dirigente e obtiveram uma maioria de 12 mandatos, escreve o Frankfurter Rundschau (liberal da esquerda) que aprova a declaração de Willy Brandt rejeitando uma coligação dos que perderam.

Brandt tem razão em ver nos resultados deste escrutínio o sinal de uma mudança do poder em Bonn, escreve o jornal.

Radioactividade arrastada para o Japão

TÓQUIO, 30 (R.) — Serviços metereológicos japoneses avisaram hoje que a radioactividade derivada do ultimo ensaio nuclear chinês seria arrastada para o Japão dentro de poucos dias, por ventos ocidentais.

Os serviços revelaram ainda, que os seus instrumentos registaram a explosão em sete pontos do Japão, desde Kagoshima, ao Sul, a Wakkanai, no Norte.

Julga-se que a explosão ocorreu entre as 8 e as 8 e 30, TMG, de ontem, na área de Lop Nor, onde a China efectuou ensaios anteriores.

A explosão verificou-se na atmosfera, mas os serviços meteorológicos não puderam calcular a altitude ou a potência.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CORRENTES DE AR... — Na capital, há sempre uma porta desconhecida (como esta do n.º 9 da Avenida do Estados Unidos da América) á espera de qualquer estrangeiro desconhecido que visite Lisboa e traga, para cá, o hábito (bem nacional) de deixar as portas abertas, para as mais estranhas correntes de ar, arrepiantes (para alguns) no começo deste Outono

NOVA LINHA DE ELECTRODOMÉSTICOS

1.º Encontro de Clientes Siemens no Estoril

Tendo como lema a legenda «Nova linha, novo rumo», que exprime a actividade que a Siemens se propõe desenvolver no sector dos electrodomésticos, foi apresentado no Casino Estoril a nova gama de aparelhagem da maior empresa electrotécnica da Alemanha. Para esse efeito deslocaram-se propositadamente a Portugal os srs. dr. Bulach e Bühler, respectivamente chefe do Departamento do Estrangeiro da Siemens — Electrogeräte GmbH e destacado membro da Administração Central, que, na companhia do administrador-delegado da Siemens em Portugal, sr. Pollmann, receberam uma vasta e seleccionada clientela, vinda de todos os pontos do País, estando presentes os administradores e gerentes das mais importantes organizações ligadas ao ramo de electrodomésticos.

Da aparelhagem apresentada — e são de mais de 60 novos modelos — merece especial referência a gama de máquinas de lavar, que tanto pela sua técnica apurada como pela magnífica apresentação despertam o maior entusiasmo. Como novidade sensacional aponte-se uma máquina de dimensões reduzidas, mas totalmente automática. De resto, toda a exposição oferece motivos de grande interesse, desde a aparelhagem de aquecimento aos aspiradores (destaque-se um aspirador doméstico de características inéditas com um poder de aspiração fora do comum: 850 W) desde os conjuntos estereofónicos aos pequenos aparelhos eléctricos, nos quais sobressai uma série de torradeiras decorativas de inegável bom gosto. A Siemens apresenta também pela primeira vez, uma máquina de lavar louça para 10 talheres.

Um dos momentos mais altos deste encontro foi o lançamento do novo televisor de 51 cm — o televisor europeu para o lar português, como alguém lhe chamou — que, correspondendo á mais avançada técnica com comandos de cursores, é, ao mesmo tempo, um aparelho de beleza invulgar. Houve sensação entre os presentes quando se anunciou que este novo televisor se denominaria «Siemens-ESTORIL», e constitui uma homenagem a Portugal. Uma salva de palmas sublinhou a comunicação.

Durante a reunião dos revendedores da Siemens

Durante a reunião, que decorreu com grande animação, usaram da palavra os srs. dr. Bulach, Pollmann e Amado, que saudaram os comerciantes presentes e traçaram as directrizes a que vai obedecer, no ramo dos electrodomésticos, a actividade da Siemens.

A todos os presentes foi servido um almoço e oferecido um brinde comemorativo em prata que assinala o êxito alcançado neste 1.º Encontro de Clientes Siemens.

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 297

LOTARIA DO OUTONO

TALUDA

12 MIL CONTOS

4 de Outubro (Sábado)

ADOLESCÊNCIA DE UM BAIRRO

Os Olivais continua à espera de autonom e equipamentos colect

Pouco a pouco, e talvez num ritmo um tanto lento, as duas zonas dos Olivais — a Norte e a Sul — vão adquirindo vida própria. Local onde habitam muitos milhares de lisboetas, de todas as classes sociais — note-se — o bairro carece, ainda, de lentos empreendimentos capazes de lhe darem vida autónoma, de autêntica cidade-satélite. Planeadas com a inclusão de amplas zonas centrais destinadas á construção de equipamentos colectivos — absolutamente imprescindíveis — os sectores Norte e Sul tiveram, como população prevista, respectivamente, 10 000 e 40 000 habitantes. A parte Norte está práticamente concluída — desde há cinco anos — e apenas a parte Sul continua a crescer. Muita coisa se fez, muita coisa continua a fazer-se, muita coisa há ainda a fazer...

Quisémos saber quais os principais anseios do elevado numero de lisboetas que têm o seu «dormitório» nos Olivais. Todos pretendem, segundo pudemos apurar, ver, antes de mais nada, o local onde vivem com ambiente próprio, com vida própria. O ritmo de crescimento, porém, levanta constantemente problemas, ao mesmo tempo que dá forma a novas aspirações.

Diz-nos um habitante dos Olivais, que não quis revelar o nome:

— *Em dez anos, pouco mais ou menos, construiram-se 12 000 fogos, segundo ouvi dizer, num organismo oficial. E isso traz problemas...*

— Como habitantes desta zona da cidade, quais os seus principais anseios?

— *Ter repartições publicas, pois os habitantes daqui, para casar ou registar os filhos, são obrigados a grandes deslocações. O mesmo sucede quando se quer pagar os impostos, e também nunca notei que existisse um notário, por estas bandas. Na parte recreativa, faz falta um cinema e, no futuro, porque não um teatro, também?*

A terminar, confiou-nos uma aspiração (das mais essenciais):

— *Torna-se premente um liceu. As crianças têm de fazer grandes deslocações, e os pais são obrigados, por isso, a dispender muito dinheiro em transportes.*

CASAS VELHAS, CASAS NOVAS...

Na Junta de Freguesia dos Olivais, fomos informados de que o respectivo presidente estava ausente, em gozo de licença. Um funcionário diz-nos, no entanto, que aquela entidade gostaria de expor os seus anseios.

— *Olivais-Sul aumenta em cada dia que passa; construir-se-á até haver espaço!* — ouvimos alguém dizer.

A Junta de Freguesia fica na zona velha, junto á estação do comboio. Há um contraste flagrante entre estas casas velhas, situadas em ruas estreitas, e os blocos habitacionais que se erguem perto. À Praça da Viscondessa dos Olivais, com o seu coreto e ambiente provinciano (em pessoas e coisas), opõe a zona nova as suas pracetas geométricas, os seus centros comerciais de aspecto limpo.

(As rendas de casa já atingem somas apreciáveis, por seu turno, e continuam com tendência a subir).

— *Mal o inquilino sai, a renda aumenta logo!*

Há quem explique a existência de barracas, naquela zona, da seguinte maneira:

— *Nem todas as pessoas que lá vivem são pobres, no verdadeiro sentido da palavra. Há quem ganhe um ordenado razoável e viva numa barraca, apenas porque as rendas de casa são caras e representam metade da despesa mensal... Há quem viva numa barraca e tenha automóvel, mas com isto não quero dizer, de modo algum, que não exista miséria por estes sítios.*

NÃO EXISTEM POLICLÍNICAS

Os Olivais — e aqui referimo-nos á freguesia toda, que inclui o Bairro da Encarnação — dispõem de quatro mercados: dois provisórios em Olivais-Sul; dois definitivos, em Olivais-Norte e Bairro da Encarnação, respectivamente.

Existem escolas oficiais, para os dois sexos, em Olivais Velho (muito deficiente), em Olivais-Sul — esta provisória e a substituir por outra, já construída na Rua Cidade da Beira e a inaugurar no próximo mês — e no Bairro da Encarnação.

Não existe ensino secundário oficial, havendo a registar, apenas, iniciativas privadas, nesse sector, entre as quais o Colégio dos Olivais, também a inaugurar dentro de pouco tempo. Na Estrada de Moscavide, mais propriamente na Quinta das Laranjeiras, há uma sala de aula que utiliza as sessões da telescola (?).

No que diz respeito a assistência médica, há um posto na Junta de Freguesia, com consultas todos os dias, tratamentos e pequena cirurgia; outro no Bairro da Encarnação, pertencente á Federação das Caixas de Previdência e um posto de enfermagem permanente (iniciativa privada). Segundo pudemos apurar, os dois primeiros registam grande afluência, e mostram-se insuficientes para tão elevado numero de habitantes. Não existe qualquer policlínica.

Está demarcado, em Olivais-Sul, o terreno onde vai ser construído o quartel dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

A assistência religiosa está a cargo de duas paróquias: Santo Eugénio, na Encarnação, e Nossa Senhora da Conceição (igreja provisória), em Olivais-Sul.

Três bancos têm agências nos Olivais: Nacional Ultramarino, Borges & Irmão e da Agricultura.

Um unico cinema serve (?) a zona — o da FNAT, no Bairro da Encarnação, com dois espectáculos por semana. A piscina da Av. de Berlim, por seu turno, continua a registar grande afl tinua a registar grande afluência de publico, e é utilizada, também, por gente das freguesias vizinhas.

Na freguesia dos Olivais existem os seguintes associações: Clube Desportivo dos Olivais, Sport Lisboa e Olivais, Clube Atlético Recreativo do Bairro da Encarnação e a Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense, com mais de 80 anos de existência. Os clubes desportivos dispõem de sede e de (pelados).

O bairr as seman teca itin Municipal

Deixám positadam transporte mais imp quer duv ce, os h não têm em chega zonas de registam sucede e Podem u da Carris camioneta nas ouvin to por u blico:

— *A ca sar por ruas, ser*

A PR NÃ OS

As inst Paroquial da Conc são provis é muito projectad gariando- te, contr paroquian de constr no entant da ficará por mai Existe há sempre ch

Falámos Adriano M padre Luí Maurício, sente.

— *As* — disse-n *ta convic muitos vi No ano quistas n ção religi 2000 cria tanto, um Temos e*

Junto a blocos habitacionais, con

...0

...am ...mia ...tivos

...e de campos de futebol ...dos).

...bairro é visitado, todas ...manas, por uma biblio... itinerante da Camara ...cipal de Lisboa.

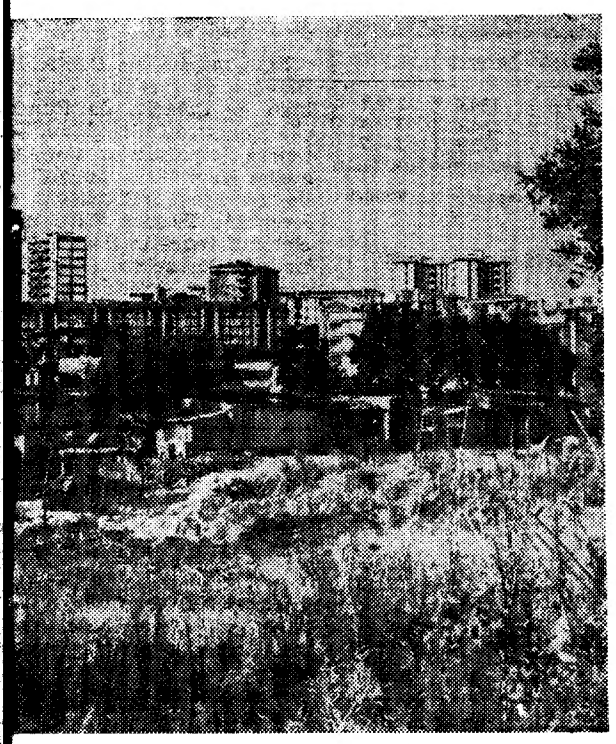
...ixámos para o fim, pro...adamente, o capítulo ...portes — que é dos importantes, sem qual... duvida. Ao que pare...os habitantes da zona têm grandes problemas ...hegar a casa (salvo nas ...s de ponta, em que se ...tam atrasos, como aliás ...e em toda a cidade). ...m utilizar o autocarro ...arris, o comboio ou a ...oneta da carreira. Ape...uvimos um reparo, fei...or um funcionário pu...

...A carreira 21 devia pas...por maior número de ...servir melhor a zona.

A IGREJA PROVISÓRIA NÃO ATRAI OS NOIVOS

...instalações do Centro ...quial de Nossa Senhora ...Conceição (Olivais-Sul) ...rovisórias. A igreja não ...ito espaçosa, e já está ...ctada a definitiva an...ndo-se presentemen... contribuições entre os ...uianos. Mesmo depois ...nstruída a nova igreja, ...ntanto, a provisória ain...ficará aberta ao culto, ... mais algum tempo. ...e há três anos e está ...re cheia, aos domingos. ...ámos com o padre ...no Nunes, pois o prior, ...e Luís Maria dos Anjos ...ício, encontrava-se au...

...As pessoas desta zona ...sse-nos — têm uma cer...onvicção religiosa, pois ...s vieram da província. ...no passado, 140 cate...as ministraram instru... religiosa a cerca de ... crianças. Existe, por..., um núcleo consciente. ...s escuteiros, conferên...



...continuam a existir construções precárias...

Um dos centros comerciais dos Olivais

...cias vicentinas, um grupo juvenil. Já se fizeram alguns cursos de preparação matrimonial e há actividades da J. O. C. e da L. O. C.

A igreja tem capacidade para cerca de 500 pessoas, e nela se baptizam, em média, anualmente, 300 crianças. Casamentos apenas ali se fazem uns 50 por ano e o padre Adriano Nunes explica porquê:

— Os noivos fogem para outras igrejas, pois esta não é muito aparatosa... Preferem as que têm adro, o que dá possibilidades de obter melhores fotografias de recordação.

Em pavilhão anexo, o centro paroquial tem salão de reuniões, há pouco terminado, casa mortuária e uma pequena biblioteca. Mas tudo em escala muito peque...

(Continua na 12.ª página)

REABREM AMANHÃ OS TRIBUNAIS

A P. J. ENVIOU A JUÍZO (DURANTE AGOSTO E SETEMBRO) CERCA DE 900 PROCESSOS

Terminam hoje as férias judiciais no País, reabrindo amanhã todos os tribunais civis e militares. Prepara-se grande movimentação processual: durante o interregno de Agosto e Setembro a Polícia Judiciária enviou 817 processos correccionais e 77 distribuídos aos juízos criminais. Destes, não teve a Imprensa conhecimento através dos habituais comunicados fornecidos por aquela entidade. Há que aguardar agora os respectivos julgamentos para se conhecerem os seus presumíveis delinquentes e os actos delituosos que teriam praticado.

Até o presente momento, foram também distribuídos na Boa-Hora 15 processos por abuso de liberdade de imprensa, e 4 por crimes contra a segurança do Estado.

Segundo os dados estatísticos, apurados, e em comparação com os do ano transacto, assinala-se uma diminuição sensível no número dos processos cíveis, e uma redução, em menor escala, nos de crimes diversos. Assim, durante o ano corrente registou-se na Boa-Hora o seguinte movimento: acções ordinárias, 649; sumárias, 987; sumaríssimas, 525,8; execuções sumárias, 474; ordinárias, 91; cartas precatórias averbadas, 3271; acções especiais, 1235; inventários, obrigatórios, 252; de maiores, 32; e processos de falência, 28. Nestes verifica-se uma diminuição de 21 em relação ao ano findo. Parte criminal, 4116 processos, tendo 205 delinquentes ficado presos.

Foram criadas duas novas comarcas no distrito de Lisboa, para descongestionar o elevado número de processos na Boa Hora: a primeira (com o respectivo tribunal colectivo) em Oeiras, abrangendo as freguesias de Carnaxide, S. Julião da Barra e Paço de Arcos; e a segunda em Loures, compreendendo Apelação, Bucelas, Camarate, Caneças, Fanhões, Frielas, Lousa, Póvoa de Santo Adrião, Santa Iria de Azóia, Santo António do Tojal, S. João da Talha, S. Julião do Tojal e Unhos (o tribunal colectivo funciona também em Loures). A primeira comarca a ser criada foi a de Cascais, que abrange Alcabideche, Carcavelos, Estoril, Parede e S. Domingos de Rana.

Será brevemente nomeado o novo secretário-geral do Tribunal da Boa Hora, cujas funções estão a ser desempenhadas pelos chefes das secretarias do 1.º Juízo Criminal e da 1.ª Vara Civil. O sr. Rogério Pinto, antigo funcionário do Supremo Tribunal e da 1.ª Vara Civel. O sr. escrivão de Direito do 2.º Juízo Correccional da Boa Hora.

Há muitos processos-crime para ser julgados, alguns dos quais terão por certo larga repercussão na opinião pública. Os primeiros julgamentos devem ter início nos primeiros dias de Outubro, mas estes sem importância de maior.

No Porto

PORTO, 30 — Terminadas hoje as férias judiciais, a primeira sessão para distribuição de processos cíveis aos tribunais do Porto será depois de amanhã e são em número de duzentos e cinquenta os que aguardam a entrega, predominando nos mesmos as acções sumaríssimas e de despejo.

Na 1.ª Vara Cível estão marcados para Outubro vinte e oito julgamentos e na 2.ª, vinte e três, os primeiros dos quais no dia 6.

No Tribunal Plenário há, apenas, um julgamento marcado (para 23), o do estudante Alberto de Sousa Martins, acusado de injúrias ao Chefe do Estado.

No 1.º Juizo Criminal estão marcados vinte e sete julgamentos e no 2.º, trinta e dois. Nenhum deles é, porém, importante.

No 1.º Juizo Correccional estão marcados vinte julgamentos; no 2.º, quarenta e sete; no 3.º, sessenta e cinco; no 4.º, dezoito; e no 5.º, trinta e quatro. Também entre estes, quase todos por casos de furto e de ofensas corporais, não há nada de importante a salientar.

«Visão duma cidade» exibido na reunião do Rotary de Lisboa

Efectuou-se hoje a habitual reunião do Rotary Clube de Lisboa, que reuniu numerosos rotários de clubes nacionais e estrangeiros. Presidiu o sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro, tendo dirigido o protocolo o sr. Eric Leça Rasmussen. O expediente foi lido pelo sr. prof. Erasmo Chaves.

No início da sessão, o presidente pediu á assistência para o acompanhar nuns momentos de recolhimento em intenção do sr. Maxime Vaultier, recentemente falecido, de quem fez o elogio, pois era sócio do clube há mais de 37 anos, nele tendo desempenhado numerosos cargos directivos, inclusivamente o de presidente.

Seguidamente, referiu-se ao êxito da visita, em cruzeiro marítimo que escalou Lisboa, dum numeroso grupo de rotários belgas, que foram saudados a bordo por uma delegação de membros do clube, que lhe entregaram várias lembranças gentilmente oferecidas pelo Instituto do Vinho do Porto, pelo Instituto Português de Conservas de Peixe e pela Administração-Geral do Porto de Lisboa. E saudou, ainda, os componentes das delegações de 14 países da Europa, que estiveram há dias em Lisboa, focando os problemas de intercambio de jovens promovidos pelos clubes rotários dos respectivos países.

Por ultimo, o dr. Almeida Ribeiro deu a palavra ao arquitecto António Aurélio, que apresentou um filme, intitulado «Visão duma cidade», que foca com rara felicidade aspectos e recantos interessantíssimos, e quase desconhecidos, da cidade de Lisboa.

«ANTÓNIO SÉRGIO» – prémio ao melhor artigo sobre Cooperativismo

O melhor artigo ou reportagem sobre cooperativismo em Portugal, publicado na imprensa diária, durante os meses de Outubro e Novembro deste ano, será galardoado com o «Prémio António Sérgio», no valor de 1500$00. A atribuição deste prémio tem por objectivo perpetuar a memória do grande pensador e activista do movimento cooperativo português. A iniciativa partiu da comissão redactora do «Boletim Cooperativista», de que aquele grande democrata foi o principal impulsionador.

Além do prémio de 1500$, poderão ser atribuidos prémios especiais, de valor monetário irregular, desde que abordem aspectos sectoriais do movimento dentro duma perspectiva nacional.

Os artigos ou reportagens deverão ser remetidos para «Boletim Cooperativista» — — Prémio António Sérgio, Rua C 3 — Lote 300 A — Olivais Sul — Lisboa, até dia 5 de Dezemgro.

O juri será composto por um jornalista e um dirigente cooperativo e pelo director do Departamento de Formação Técnica Cooperativa da Unicoope.

A entrega do prémio está prevista para 19 de Dezembro, durante uma sessão solene comemorativa do 14.º aniversário da Unicoop, a efectuar em Lisboa ou no Porto, consoante oportunamente noticiaremos. Os concorrentes deverão enviar 3 exemplares do jornal onde publicarem os textos em questão.

FERNANDO NAMORA EDITADO NOS ESTADOS UNIDOS

O editor Crown Publishers, de Nova York, vai editar os livros de Fernando Namora. A primeira obra deste grande escritor português a ser lançada, na próxima Primavera, será o romance «O Trigo e o Joio», sob o título «No Corn Without Cockles». A versão é de Dorothy Ball, que já traduzira anteriormente «Retalhos da vida de um médico», lançado há anos por um editor inglês.

TRÂNSITO VEDADO

Para se proceder à construção do viaduto sobre as Avenidas da República e 5 de Outubro, vai ser vedado ao trânsito de veículos o troço desta artéria entre a Rua da Cruz Vermelha e a Avenida António Serpa, por um período de tempo indeterminado, a partir de amanhã.

IDENTIFICADA A JOVEM QUE MORREU NUM ACIDENTE DE VIAÇÃO EM CABO RUIVO

Encontra-se ainda internado no Hospital de S. José, continuando em estado grave, o tenente Jorge Nunes Galvão Barata Pinto, morador em S. Domingos de Rana, Carcavelos, ferido no acidente de viação ocorrido na Avenida Marechal Gomes da Costa, e que custou a vida a uma jovem hospedeira da TAP, a qual, na ocasião, conduzia o automóvel que, saindo da sua faixa de rodagem, foi embater num autocarro destinado á estação da Carris de Cabo Ruivo.

Entretanto, foi já possível identificar aquela hospedeira da TAP; trata-se da sr.ª D. Maria Eugénia Jesus da Costa, de 21 anos, residente na Rua da Verónica, 46, 3.º, Esq., cujo funeral se deve efectuar amanhã.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

DR JOÃO ALEXANDRE

A morte do dr. João Alexandre

Vitimado por um brutal desastre de automóvel na estrada Marginal, junto ao Monte Estoril, faleceu ás primeiras horas de hoje o advogado dr. João Manuel de Freitas Alexandre. Segundo as testemunhas oculares do acidente, o carro do advogado que vinha de Cascais, teria derrapado no piso molhado, indo embater num automóvel conduzido pelo médico de Lisboa, dr. Manuel Garnel, que acabava de sair de uma bomba de gasolina, e que sofreu ferimentos. O seu estado, porém, inspira cuidados.

O embate destruiu as frentes dos dois automóveis.

O dr. João Alexandre, que contava 29 anos de idade, foi um conhecido dirigente associativo estudantil, tendo sido presidente da Associação Académica da Faculdade de Direito nos anos lectivos de 1962-63 e 1963-64. Advogava no foro de Lisboa.

Foi também um dos animadores do conhecido programa radiofónico «Em órbita»

Ciclo sobre Geotecnia no L. N. E. C.

A hora em que esta edição do «Diário de Lisboa» começa a circular principia, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, um ciclo de conferências e mesas-redondas sobre Geotecnia, integrado no convénio de cooperação para 1969 entre as universidades federais do Rio de Janeiro e de S. Paulo e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Serão conferencistas o prof. eng. Fernando Barata, da Escola de Engenharia do Rio de Janeiro e o eng.º Carlos Sousa Pinto do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, de S. Paulo. O ciclo termina no dia 8.

Os referidos convénios são patrocinados pelos ministérios dos Negócios Estrangeiros de Portugal e das Relações Exteriores do Brasil

Termina hoje a venda ao público de azeite «lotado»

Deixa hoje de estar á venda ao consumidor o azeite «lotado corrente», mistura de azeite com outros óleos vegetais directamente comestíveis que durante anos exerceu, segundo texto oficial, o papel de «elemento regulador do mercado do azeite, dado que, mediante a alteração das proporções da mistura, permitiria um ajustamento dos consumos ás variações da produção».

Mais barato que o azeite e demais óleos extremes, o «lotado» atraiu naturalmente os favores do consumidor modesto. Entretanto, passados que foram os anos de escassez, entrou a lavoura oleícola de queixar-se: o seu azeite não se escoava como era preciso que acontecesse. Interveio o Governo e aí temos para breve a definição de uma política nacional dos óleos comestíveis — e desde já o fim do «lotado», cuja venda pelos armazenistas aos retalhistas cessará no passado dia 15.

Duzentos e noventa especialistas no VI Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia

Com a presença de 290 especialistas (150 portugueses e 140 espanhóis) foi inaugurado, esta tarde, na Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa, o VI Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia, que se prolongará até ao dia 4 de Outubro.

Presidiu á sessão de abertura o ministro da Saude e Assistência.

Usando da palavra, em primeiro lugar, o prof. Moniz de Bettencourt, presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, agradeceu a presença do titular da pasta da Saude, e depois de ter saudado o embaixador de Espanha, o director da Faculdade de Medicina e o presidente da I. A. C., dirigiu palavras de boas-vindas aos congressistas espanhóis, recordando, a propósito, as «perdas sofridas pelas Sociedades de Cardiologia portuguesa e espanhola» desde o ultimo congresso reunido em Madrid. Saudou também os representantes das Sociedades de Cardiologia da Alemanha, França, Itália e Suíça

Por seu turno, o dr. Vega Diaz, da delegação espanhola, que falou a seguir, lembrou que «se cumprem agora as bodas de prata das relações cardiológicas entre Portugal e Espanha». Elogiou os cardiólogos portugueses e augurou para o congresso o melhor êxito.

Por fim, o prof. Toscano Rico proferiu uma conferência subordinada ao tema: «Alguns Aspectos Farmacológicos da Circulação Periférica».

Do programa de hoje consta uma recepção, em Montes Claros, oferecida pelo presidente da Camara Municipal de Lisboa aos congressistas.

Os trabalhos científicos iniciam-se, amanhã, ás 9 horas com um simpósio sobre «Novos métodos de exploração hemodinamica». Simultaneamente, a partir das 11 e 15, haverá noutras salas, comunicações em relação com o simpósio e, ainda, comunicações livres sobre radiologia cardiovascular. A's 15 horas haverá outro simpósio sobre «Resultados e complicações das próteses valvulares» e noutras salas comunicações livres sobre «Fisiologia e farmacologia cardiovascular».

MIKE KENNEDY CHEGA AMANHÃ

Chega, amanhã, a Lisboa, especialmente contratado para gravar um programa na Radiotelevisão Portuguesa, o ex-solista do famoso conjunto «Os Bravos», Mike Kennedy, alemão de nascimento e actualmente a residir em Madrid.

UM MORTO NUM ACIDENTE NA RUA DO OURO

Esta manhã, cerca das 8 e 30, seguiam no seu automóvel, na Rua do Ouro, o sr. João Teodoro Ferreira, contabilista, acompanhado da esposa, sr.ª D. Purc da Encarnação Ferreira, de 51 anos, residentes na Rua Bernardim Ribeiro, 19, 2.º dt.º, Amadora.

O automóvel em que ambos seguiam foi embatido por um táxi que vinha da Rua da Conceição. A porta do lado em que seguia aquela senhora abriu-se e ela foi projectada para a rua, onde bateu com a cabeça. Em estado muito grave foi conduzida, no «115», para o Hospital de S. José, onde faleceu pouco depois de ali chegar.

Fogo a bordo de duas traineiras

PORTO, 30 Pouco depois do meio-dia, e por causas ainda por averiguar, manifestou-se incêndio a bordo das traineiras «Jesus dos Mareantes», da Sociedade de Pesca Caminhense, e «Ormus», da Empresa de Pesca Somar, as quais estavam, ancoradas na praia do pescado, junto ao cais de descarga do peixe.

Ao irromperem as chamas, foram logo chamados os Bombeiros Voluntários de Leixões e de Matosinhos-Leça, que em pouco espaço de tempo dominaram o fogo.

DE COIMBRA

AS VI JORNADAS DE GENÉTICA LUSO-ESPANHOLAS DECORREM NA PRÓXIMA SEMANA

No Instituto Botânico da Faculdade de Ciências, decorrem, como dissemos, de quinta-feira a domingo as VI Jornadas de Genética Luso-Espanholas, nas quais tomam parte cerca de uma centena de cientistas.

Foi elaborado, para as senhoras que acompanham os congressistas, um programa social, que inclui: sexta-feira, ás 15 horas, fotografia na alameda do Jardim Botânico, junto à estátua de Júlio Henriques; ás 15 e 30, visita aquele jardim e ás 16 e 30, visitas ao Penedo da Saudade, a Santo António dos Olivais e a outros pontos de interesse turístico e ás 17, merenda no Lar do Instituto Botânico. Sábado, visitas, às 15, ao Museu Nacional de Machado de Castro; ás 16, à Universidade e ás 17 à Sé Velha e à igreja de Santa Cruz; e ás 19 horas, beberete oferecido pela Sociedade Broteriana.

No domingo, às 10 horas, passeio turístico a Conímbriga. Buçaco, Luso, Figueira da Foz e termas do Luso, onde lhes será oferecido um almoço.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 /2%	—	—	632$
Centenários 4%	1.480$	1.480$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.004$	1.004$	1.005$
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo 1.ª Série c.	840$	830$	850$
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série c.	—	830$	900$
Cautelas 3.ª Série	—	—	180$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A P I 5% 56	—	925$	—
A P I 5% 58	—	935$	—
C P 4 /2% 65	—	—	—
C P 5 /2% 67	—	—	—
C U F 6%	—	1.005$	—
C U F 6% 68	—	—	1.003$
Gás Elect 4% 48	830$	825$	—
Gás Elect 4 /2% 51	875$	—	890$
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	890$	880$	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	910$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 6% 67	—	1.010$	—
H E A Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	—	—	835$
H E Cávado 6%	—	—	1.000$
H E Douro 5%	815$	810$	—
H E Douro 6%	—	1.000$	1.003$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	990$	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	850$
H E Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	1.004$	1.000$	—
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.020$	1.050$
Moçambique 5%	775$	770$	780$
Nac Electr 5%	—	830$	—
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	—	830$
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	800$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
T A P 4%	—	—	960$
Termoelect Port 5%	—	805$	810$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	86$
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	82$	82$	83$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	850$	860$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.600$	2.580$	1.600$
Alentejo	905$	900$	905$
Angola	3.150$	3.180$	3.160$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	3.570$	3.600$
E Santo	—	19.000$	20.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L & Açores p	7.050$	7.050$	7.100$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.600$	6.600$	6.650$
Portugal n	3.300$	3.250$	3.300$
Portugal p	4.200$	4.200$	4.220$
Totta Aliança	6.200$	6.150$	6.250$
Ultramarino n.	2.820$	2.820$	2.830$
Ultramarino p.	3.050$	3.030$	3.080$
Seguros			
Alentejo	—	75$	77$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	590$	585$	595$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarina	—	15.000$	15.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	830$	855$
Ag Cossequel	855$	853$	856$
Ag Incomati	—	1.980$	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Principe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	—	81$	83$
Cabinda	219$	218$	220$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	—	2.000$	2.100$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	190$	190$	—
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	375$	370$	378$
Zambézia	90$	90$	—
Angolana	—	—	—
C.ª Diversas			
Cidla	7.600$	7.550$	7.700$
Cim Leiria	4.010$	4.000$	4.050$
Cim Tejo	—	6.000$	—
Col Navegação	—	1.540$	1.600$
C U F	1.330$	1.320$	1.350$
Ina Aliança	—	—	650$
Nac Navegação	3.600$	3.550$	3.700$
Petroquímica	—	2.180$	2.200$
Port e Colónias	1.440$	1.430$	1.450$
Port Celulose	—	4.500$	4.600$
Port Pesca	—	1.150$	—
Port Tabacos	760$	758$	763$
Sacor	—	4.700$	4.900$
Siderurgia Nac	—	1.560$	1.600$
Soce	2.850$	2.830$	2.900$
Tabacos de Portugal	—	1.510$	1.550$
Tabaqueira	8.500$	8.400$	8.600$
U F Azoto	820$	820$	825$
Aguas, Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	425$
Aguas Lisboa 34	—	420$	430$
Aguas Lisboa 36	—	390$	410$
Eléct Beiras	—	600$	—
Gás Electr	428$	427$	428$
H E Alto Alentejo	158$5	158$	59$
H E Cávado	—	255$	—
H E Douro	1.227$	226$	227$
H E Norte Portugal	—	300$	305$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.260$	1.255$	1.260$
Nac Electricidade	1.220$	1.215$	1.225$
Termoeléctr Port	1.220$	1.220$	1.225$
U E P	—	193$	195$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	191$5	197$2
F D E S	—	119$2	122$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	23/9/69	29/9/69	30/9/69
GERAL	137,9	139,4	139,2
METRÓPOL	133,4	134,7	134,4
ULTRAM.	170,5	173,8	174,7

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$15	7$40
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,2	$04,6
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$90	5$30
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	—$—	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

O caso da explosão na Trafaria

O secretário de Estado da Indústria eng.º Rogério Martins, proferiu o seguinte despacho, perante os resultados do inquérito a que se procedeu sobre explosão, ocorrida no dia 21, na antiga fábrica de explosivos da Trafaria:

«Dada a emoção pública que uma explosão desta natureza sempre provoca, facto que também desta vez se verificou, deverá, de futuro, ter-se muito maior preocupação na difusão do aviso. Sugerem-se como medidas a considerar, o anúncio na Imprensa diária e na Rádio, a multiplicação das tabuletas nas estradas circunvizinhas, o aviso às autoridades locais (juntas de freguesia ou similares), a afixação de avisos nos locais públicos centrais das povoações circunvizinhas (praças, embarcadouros, acesso às praias, etc.).»

Apresenta indícios de alienação mental

Cerca da meia-noite de ontem foi preso junto ao Hotel Ritz um individuo que se recusava a pagar os 56 escudos de uma corrida de táxi de ida e volta ao aeroporto da Portela. Levado para uma esquadra de Polícia, aí se veio a apurar que o homem deve sofrer de qualquer alienação mental, pois reage de forma estranha ás perguntas que lhe são feitas, não fazendo praticamente declarações coerentes.

De acordo com as poucas conclusões a tirar do que disse, o detido chamar-se-á José Joaquim Sinatra Dias, tem 23 anos, é solteiro e filho de pai seu homónimo e de Maria Julia Sinatra Dias. Com o José Joaquim foi levado para a esquadra um saco de lona que continha objectos de vários géneros, que se supõe serem roubados, provavelmente a José Lemos Gonçalves, de que foram encontrados no saco o bilhete de identidade a cédula militar. O caso foi entregue à Polícia Judiciária.

BIOFÍSICA DOS TECIDOS EXCITÁVEIS

Esta manhã, no Centro de Biologia do Instituto Gulbenkian de Ciência, da Fundação Calouste Gulbenkian, em Oeiras, efectuou-se um pequeno seminário subordinado ao tema «Biophysic of Excitable Tissues With Special Reference to the Cardiac Action Potencial» (Biofísica dos tecidos excitáveis com referência específica á sua potencial acção cardíaca) que esteve a cargo do prof. Vaughan Williams, catedrático da Universidade de Oxford.

CERTIFICADOS DE AFORRO

Na Junta de Crédito Público realizou-se, hoje, mais um sorteio de certificados de aforro.

Foram premiados os certificados n.os 230 253; 131 921; 62 163; 3425; 74 980; 183 918; 243 055 e 245 138.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

SÉRIE DO OESTE:

«O GRANDE VALE»

Volta aos «écrans» Barbara Stanwyck, no papel de Victoria Barkley, para mais um episódio da série americana Richard Long, Tom Tryon, Peter Berck, Lee Majors e Linda Evans são os restantes intérpretes.

Temos que Jarrod Barkley traz ao Grande Vale um amigo, Scott Brekenridge. Devido á grande seca os rancheiros estão em crise. Scott empresta-lhes dinheiro sobre hipotecas dos Ranchos, mas a seca continua...

TV MUNDO:

NINA SIMONE

Cerca das 22 e 35, na rubrica «T V Mundo», Pedro Moutinho vai apresentar um documentário sobre a grande cantora negra norte-americana Nina Simone.

2.° PROGRAMA

BERNSTEIN E HONEY WEST

DE INVESTIGAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO Homey West (Ann Francis) e Sam (John Ericson) acabam por descobrir mais um caso bastante complicado

O famoso compositor Leornad Bernstein apresenta mais um programa da excelente série que é o «Concerto para jovens», a transmitir pelas 21 e 55, logo a seguir à rubrica «Viagens sem passaporte». Depois de «Crónina», cerca das 23 e 05, um episódio da série policial «Honey West» com Ann Francis na protagonista.

Honey West e Sam encontram-se numa aldeia mexicana em perseguição de uma testemunha ocular de um caso passado com um seu cliente, motorista de um camião pertencente a uma companhia electrónica...

SE BEM ME LEMBRO

Novamente o prof. dr. Vitorino Nemésio apresenta mais um programa da série Se Bem Me Lembro, a transmitir cerca das 20 e 40. Esta rubrica, que tem sido apresentada todas as terças-feiras, passará, a partir do próximo mês de Outubro, para os domingos ás 20 e 15.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Cançonetas por José Feliciano; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo ar Carreiro da Costa — «A respeito de abóboras e de morangos» 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: Apresentação do folhetim «O Grande Industrial» de Georges Ohnet, adaptado por Alice Ogando; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pela Orquestra Helmut Zacharias; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Américo Lima; 22 e 50: O trompetista Georges Jouvil; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 35: Musica sinfónica; 17: Discos Raros — Interpretações do baixo Ezio Pinza — Obras de Mozart, Halevy e Verdi; 17 e 24: Perspectivas da Musica para Harpa e Orquestra; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amandio Cesar e Mário António; 19 e 15: Musica de camara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de Arco — Nel Cor Piu non mi sento (Paganini), pelo violinista Salvatores Accardo; 20 e 30: 1.° Acto da ópera «A Dama de Espadas», de Tschaikowsky), comentado por Maria Helena de Freitas; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.° Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica Portuguesa — Sonata para violoncelo e piano (Armando José Fernandes), solistas; 23 e 32: Musica sinfónica; 0 h; Canções pelo tenor Anton Dermota — Ao piano Hilde Dermota; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 15: Panorama das Ideias Contemporâneas; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos...; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; Das 18 ás 20: PROGRAMA 18»; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia-a-dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Musica tradicional e palestra religiosas; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarela Mexicana; 21 e 15: A musica de Jean Ferrat; 21 e 30: Ives Montand e Jeanne Moreau; 21 e 45: Vozes da Europa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: O quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19 e 29: Abertura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Infantil; 20 e 15: Conheça o Portugal desconhecido; 20 e 30: No mundo da arte; 21: «Get Smart»; 21 e 30: Telejornal; 22: Eurovisão — Concerto; 23 e 15: Cinema sem Estrelas; 23 e 45: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 10: Folhetim — «Sebastião Entre os Homens»; 22 e 25: TV Clube; 22 e 40: As Enfermeiras; 23 e 30: Fecho.

canal da crítica

EDITH EVANS ACUSA

Tive medo duas vezes, ontem. A primeira foi quando vi aparecer a americana Edith Evans matadora de toiros a cavalo, logo seguida do sorridente sr. Carriço, tocador dos sinais na Praça do Campo Pequeno, a quem o seu muito amigo Manuel dos Santos fizera a gentileza de aumentar o salário em 25 escudos, pelo que aufere, agora 75 por cada sessão. Edith mostrou-se exuberante como uma autêntica espanhola e acusou Manuel Conde de levantar problemas à actuação dela só pelo facto de se tratar de uma mulher. Certas afirmações de Conde, proferidas no Zip-Zip anterior, levam a admitir a procedência da acusação de Edith.

Tive medo que Zip-Zip descambasse para um tipo de sensacionalismo dentro de uma matéria com a qual tem pouco que ver a promoção cultural (educativa, se quiserem) dos telespectadores.

Tal não aconteceu no grau suspeitado pelo meu temor — embora acredite que a Praça do Campo Pequeno se vai encher quando tourear a Edith. Milagres de São Zip-Zip.

IMPROVISAR NÃO É POETAR. E NO ENTANTO...

A outra vez em que tive medo foi quando anunciaram a presença de uma dama brasileira formidável a improvisar poesia. Pensei logo que se trataria do «Carlos dos jornais» dos cariocas naquele jeito de improvisão de autoclismo.

Não tardou que tal receio desaparecesse. Entre as duas personalidades não existe a menor semelhança.

Ana Maria Meneses é, a ajuizar pelo que ontem vimos com o aval de Raul Solnado, um caso extraordinário na arte de jogar o laço ás palavras em corrida, apta a captar, em fracções de segundo, o valor das palavras dentro de uma redacção proposta, valor que atende a uma série de fenómenos surgidos com as palavras, quando estas se organizam: a sua capacidade de expor (pelo significado geral ou inventado) de sugestionar (pelo ritmo) de teatralizar (pela colocação).

Pode dizer-se que o acto de criar implica uma responsabilidade na experiência. Não se diga que para ser poeta é bastante a facilidade no jonglerismo das palavras. Para o poeta todas as palavras são difíceis e paridas na dor. Por isso, para o poeta, todas as palavras são divinas.

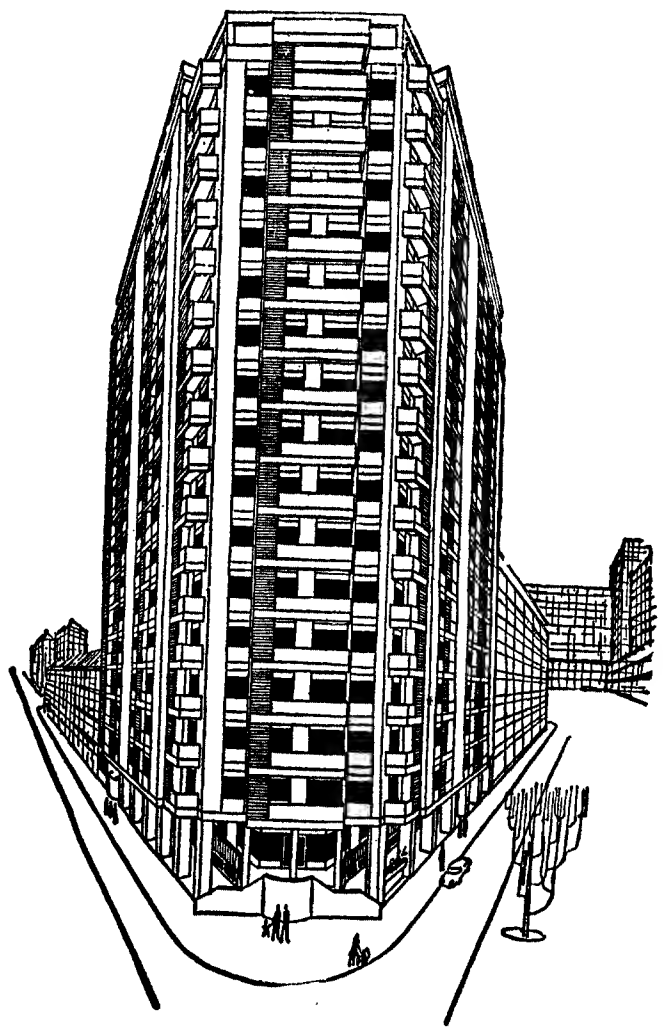
O perigo desta presença no Zip-Zip consiste em poder levar o grande público a uma falsa concepção da arte. Ana Maria não vou eu ao ponto de dizer que é poeta sòmente pelas artes demonstradas. O que nela deve admirar-se, antes de mais nada, é a facilidade de compor, de redigir, de desenvolver um tema de representar, isto é, de se apoderar (como procede o actor clássico) de uma vivência exterior a si.

O êxito da entrevista assentou muito no conhecimento do ofício de Ana Maria. Não é em vão que se aprende e se convive com uma Bibi Ferreira.

A ARTE É UM ALTO FORNO

As palavras do sinaleiro Inácio foram simples e directas. Aliás, seria parado-

(Continua na página seguinte)



Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa. Comportará cerca de 200 fogos

Compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com Piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10 %, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública.

Apartamentos em exposição em: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa.

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 45843-47843
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

I Curso Luso-Espanhol para dirigentes turísticos e hoteleiros

No âmbito do I Curso Luso-Espanhol sobre Economia, Administração e Contabilidade de Empresas Turísticas e Hoteleiras, a decorrer no Estoril, no Pavilhão de Congressos, os respectivos participantes — cerca de 300 técnicos portugueses e espanhóis — visitaram, esta manhã, o Estoril, Sintra e Cascais e estiveram no Hotel Estoril-Sol.

À tarde prosseguiram as sessões de trabalho, com conferências pelos srs. Ignácio Diaz y Elizaya («A futura empresa turística e a formação profissional»), Ricardo Barrio Moreno («Ética e relações humanas na profissão turística»), dr. Manuel Freda Simões («A formação psico-sociológica dos dirigentes e as relações humanas na empresa»), dr. António Serras Pereira («Formação profissional turística e hoteleira») e dr. Álvaro Mello e Sousa» («Sociologia e Turismo»).

O curso, organizado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira e patrocinado pela Direcção-Geral do Turismo e pelo Instituto de Estudos Turísticos do Ministério de Informação e Turismo de Espanha, termina no sábado, com uma sessão de encerramento a que assiste o secretário de Estado da Informação e Turismo.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

xal que um homem capaz de bem guiar os outros não se guiasse bem a si próprio. Uma presença sem história, sem aquela história que só a intranquilidade tem. E Inácio é um homem tranquilo.

O mesmo não se poderá dizer da presença de Francisco Esteves. Ele não nos veio trazer a paz, mas a guerra. Veio propor-nos a inteligência. Vem dizer-nos que a Arte é própria do homem e que é urgente que o seja logo desde criança.

O fantoche pode ser um processo de se entrar nesse alto forno para o entendimento dos homens que é a arte. Tem, sobretudo, a vantagem do acesso fácil e da universalização de mão-de-obra. Os fantoches constituem um trabalho de equipa e esse aspecto educativo não é para desprezar. Que o digam os meninos da Francisco Arruda. Os seus fantoches constituem um dos capítulos mais curiosos da exposição dos trabalhos exibidos naquela escola a partir de ontem.

Certo, o diálogo das colheres-de-pau com que se fechou a participação de Francisco Esteves pareceu-me literàriamente muito frouxo, antiquado e com utilização de uma linguagem não infantil — por imprópria e por pobre. Mas isso, não invalida o capital de interesse acumulado até então. Capital que esperamos venha a obter os mais elevados juros.

DE CABO VERDE ATÉ À BICA COM PASSAGEM POR MANUEL FREIRE

Quanto ás variedades pròpriamente ditas, três bons momentos foram os que Zip-Zip nos ofereceu ontem.

Falemos de Manuel Freire, todo um poderoso instinto e sabedoria, o encontro sem desfasamento entre a voz e o poema. Ele não brinca nem usa as palavras com a inconsciência do menino que maneja um punhal. Ele pode cantar Manuel Alegre e Gedeão, pois nos dá a convicção de que, mais do que cantar os poemas, ele os assume.

Duas apenas foram as canções que através da televisão chegaram até nós. Duas apenas, quando o telespectador passaria de boa vontade o resto do serão na companhia de Manuel Freire. Donde se prova que refrescar os *tv clubes*, os *telerritmos* e outras *variedades*, não é assim problema tão difícil como se diz.

O quarteto de Frank Mimita traz-nos toda a autenticidade da música de Cabo Verde. Esperemos que a Televisão Portuguesa se resolva a dar-nos a emissão completa e alongada que o jovem quarteto merece.

Quanto a Manuel de Almeida, poderá haver quem diga ter-se lançado o *Zip-Zip* na mistificação fadista. Pelo contrário: a apresentação de um artista como Manuel de Almeida contribuirá para melhor se compreender e denunciar essa mistificação, essa comercialização do fado.

Seria pena que, arrastados por quaisquer preconceitos antifado ou antifaduncho, deixássemos de admirar o domínio desse poderoso instrumento que é a voz humana, por parte de um homem simples que é Manuel de Almeida, artista incapaz de se repetir, artista que, de cada vez que canta, cada vez inventa. Com Manuel de Almeida podemos darmo-nos ao luxo de esquecer as palavras que canta. Alguém percebe as palavras de um violino em mãos de mestre?

FAZ FRIO EM DEZEMBRO

A terminar, recordemos as palavras de Raul Solnado, segundo as quais «Zip-Zip» acaba em Dezembro próximo. Ninguém acredita, é claro. O que é que a Televisão portuguesa nos dava em substituição dele, num mês tão frio como Dezembro?

MÁRIO CASTRIM

UMA CRIANÇA CAIU DA JANELA E FICOU À MORTE

VISEU, 30 — Caiu da varanda da sua residência a pequenita Rosa Maria Rodrigues Lopes Quental, de 22 meses, de Pascoal.

Foi internada no Hospital de São Teotónio, em estado grave, pois sofreu fractura do crânio.

MAXIME VAULTIER

FALECEU

A Direcção e Pessoal da Câmara de Comércio dos E. U. A. do Norte em Portugal participam o falecimento de seu director e amigo no passado dia 24.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ADOLESCÊNCIA DE UM BAIRRO

(Continuação da pág. central)

na, se atendermos à população de Olivais-Sul.

OUVINDO O PRESIDENTE DO SPORT LISBOA E OLIVAIS

Havia que ouvir um dirigente clubista, e escolhemos o presidente da direcção do Sport Lisboa e Olivais, sr. José Nazar, que nos recebeu na sede da colectividade, sita em Olivais Velho. O Sport Lisboa e Olivais tem a sua equipa de futebol na primeira divisão distrital — o futebol é, por enquanto, a sua única actividade —, conta com cerca de 700 sócios e existe há 35 anos. Dispõe de um campo de futebol — o Campo Branca Lucas, em Olivais-Sul — e o sr. José Nazar falou-nos dos projectos para o futuro:

— *Existe uma comissão pró-bancada, e, uma vez esta feita, pensa-se num ginásio e num rinque de patinagem, onde seria possível praticar basquetebol e andebol. A existência de um ginásio, a construir por baixo da bancada, permitiria que muitas crianças ali tivessem aulas da modalidade. Dentro do terreno do estádio, o clube encara, também, a possibilidade de ter, no futuro, um parque infantil.*

O Sport Lisboa e Olivais está, portanto, a trabalhar com vista ao futuro. O sr. José Nazar, que é natural dos Olivais, também pertence à Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense.

— *Chegou a ter a única banda de música de toda a cidade de Lisboa. Dispõe de uma boa biblioteca e funcionou lá, há tempos, um grupo dramático* — afirma-nos.

A Sociedade promove bailes, todos os domingos, à noite. Perguntámos ao sr. José Nazar quais os seus anseios, em relação aos Olivais. Respondeu-nos:

— *Esta zona da cidade tem grandes tradições. Titulares e plebeus davam-se bem, sem descriminações. Eu andei na escola com a actual viscondessa dos Olivais e os filhos do dr. Menano. Dou-me bem com os rapazes da zona nova, alguns são já sócios do Sport Lisboa e Olivais, e contamos ter 5000 adesões, dentro de um ano. Sinto a falta de um cinema, pois acho que o bairro tem de começar a ter vida própria. Parece-me essencial, por outro lado, começarem a surgir parques para crianças, defendidos do trânsito. Existem zonas verdes, mas não defendidas do trânsito, o que pode fazer perigar a integridade das crianças.*

Na Praça Cidade do Luso (abundam os nomes ultramarinos em todo o bairro), fomos encontrar, num *café*, o actor Mário Sargedas, do elenco do Teatro Maria Matos.

— *Moro aqui há pouco tempo e estou bastante satisfeito. É um bairro sem vida nocturna, os «cafés» fecham à meia-noite, mas não há dificuldades de transporte, pelo menos até certa hora e excluindo as horas de ponta, claro.*

No capítulo das infra-estruturas, segundo parece, ainda muita coisa há a fazer nos Olivais, de modo a dotar aquela zona da cidade com condições de vida autónoma. Resulta o facto, no capítulo assistencial, de não existir qualquer policlínica. No que diz respeito a ensino, acentua-se a falta de um liceu. E assim por diante... Mesmo no domínio da iniciativa privada não haveria vantagem em estar a mesma submetida a uma certa orientação (no caso de não estar!...), de modo a definirem-se prioridades?

É que não basta alojar pessoas, é necessário, também, pôr à sua disposição um equipamento colectivo eficiente, fruto de uma estrutura préviamente estabelecida, de acordo com os anseios de quem a vai utilizar.

FÉRIAS NO ALGARVE

Uma semana (7 dias), pensão completa 900$00 — todas as taxas incluídas

Aproveite p/ conhecer as famosas Ilhas da Armona e Farol e instale-se na

ESTALAGEM CAIQUE

sob a gerência do seu proprietário

40 quartos todos c/ banho e telefone

OLHÃO **Telefone 72167**

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O BENFICA EM COPENHAGA

A LINHA QUE JOGOU EM LISBOA — ADMITE O TÉCNICO OTTO GLÓRIA

• OS ENCARNADOS TREINARAM-SE ONTEM À NOITE PARA ADAPTAÇÃO À RELVA

COPENHAGUE, 30 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — *A equipa do Benfica, que se encontra nesta cidade para defrontar o K. B. no jogo da segunda mão da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus, conseguiu ontem um considerável acréscimo de simpatia popular, particularmente o seu jogador mais cotado — o famoso Eusébio — ao visitar o infantário do pessoal de uma fábrica de cerveja, nos arredores desta capital.*

As crianças — mais de cem — exultaram de alegria pelo convívio que lhes foi proporcionado por largo tempo, com os famosos jogadores benfiquistas. E Eusébio não escondeu também a sua alegria, embora se não tivesse podido estabelecer qualquer diálogo devido aos insoluveis problemas de idioma.

Depois da visita, toda a equipa do Benfica, Otto Glória e todos os membros da comitiva que se deslocou á Dinamarca foram homenageados com um almoço que se realizou no Museu Carlsberg.

Entretanto o Benfica efectuou ontem, á noite, no Ihtraesparken, um ligeiro treino para desentorpecimento muscular e adaptação dos jogadores á iluminação e ao piso do relvado onde, amanhã se disputará o desafio. O técnico benfiquista recusou-se, porém, a anunciar a constituição da equipa que defrontará o K. B. admitindo, no entanto, que poucas ou nenhumas alterações haverá em relação á formação que jogou a primeira partida em Lisboa.

OTTO GLÓRIA

Uma conferência do prof. José Esteves

Integrada nas comemorações das «Bodas de Ouro» de «Os Belenenses» o professor José Esteves profere esta noite na delegação daquele clube, na Avenida da Liberdade, 105, 2.º, uma conferência subordinada ao tema «A sociologia desportiva através de uma duzia de problemas concretos».

HOJE À NOITE

PALESTRAS — Pelo professor de educação física, José Esteves, na secretaria do Belenenses, ás 21 horas.

TAÇA DE PORTUGAL

OS 28 CLUBES DA 2.ª DIVISÃO

ENTRAM NA LIÇA NO PRÓXIMO DOMINGO (2.ª ELIMINATÓRIA)

Já com a participação das vinte e oito equipas que disputam o campeonato nacional da 2.ª Divisão, prossegue, no próximo domingo, a Taça de Portugal.

O sorteio, para elaboração do calendário realizou-se, ontem, na sede da A. F. L., presidido pelo director da F. P. F., Egídio Vilar.

A segunda eliminatória, que proporciona a repetição de oito encontros do campeonato secundário (2.ª Divisão) incluirá os seguintes desafios:

GRUPO NORTE

Ala Arriba-TORRES NOVAS
PENAFIEL-MARINHENSE
SANJOANENSE-Vila Real
Desp. das Aves — vencedor de Riopele-Lusitania
FAMALICAO-GOUVEIA
S. C. Régua-S. Pedro da Cova
LEÇA-TIRSENSE
Sp. Covilhã-U. Coimbra
FAFE-Sp. Espinho
Marialvas-Sp. Lamego
Chaves-SALGUEIROS
VIZELA-ACAD. VISEU
Rio Aves-Avintes
Vianense-Beira-Mar
União Lamas-Alba

GRUPO SUL

Juventude-Olhanense
MONTIJO-PENICHE
SP. FARENSE-SEIXAL
Desp. Beja-SESIMBRA
SINTRENSE-Est. Portalegre
Naval 1.º Maio-Sacavenense
Benf. Cast. Branco-U. SANTARÉM
LUSITANO (ÉVORA)-LUSO
Vencedor de Silves — Almeirim-Casa Pia
Vasco da Gama — Vencedor de Caldas-Algés
Nazarenos-Odivelas
ORIENTAL-TRAMAGAL
U. LEIRIA-PORTIMONENSE
TORRIENSE-Portalegrense
ATLÉTICO-Cova da Piedade

Os clubes indicados em maiusculas são da II Divisão Nacional; os restantes pertencem á III.

Os jogos de desempate realizam-se amanhã

Os três encontros de desempate da primeira eliminatória da Taça de Portugal, disputam-se amanhã, ás 15 horas, o Riopele-Lusitania e Silves-Almeirim, e ás 21 horas, o Caldas-União de Algés.

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

Resultados dos encontros disputados ontem á noite a contar para o Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão.

E. Física-Salesiana	0-3
C. Ourique-Cascais	5-3
Parede-Sporting	1-0
P. Arcos-Belenenses	8-4
Sintra-C. U. F.	2-2

Em reservas a E. Física perdeu com a Salesiana (2-3) e o Cascais foi vencer a Campo de Ourique (3-2). Nos restantes jogos foi atribuída a vitória ás equipas visitadas por falta de comparência, com excepção do Sintra-Cuf a que o árbitro se recusou a dar início porque (segundo ele) as equipas chegaram atrasadas para além dos 15 minutos regulamentares de tolerancia.

ANDEBOL NO BELENENSES

Promovido pelo Belenenses realiza-se no dia 4 de Outubro um torneio internacional de andebol de sete.

O programa de jogos, já elaborado, é o seguinte: Belenenses-Passos Manuel (juniores) e Belenenses-Sporting e Belenenses-Sevilha (seniores).

HÓQUEI EM CAMPO

Realizou-se o sorteio do «Torneio de Abertura»

Realizou-se ontem, na Associação de Hóquei em Campo de Lisboa, o sorteio do Torneio de Abertura, prova com que se iniciará a época de 1969-70.

Na presença dos delegados dos clubes inscritos, Belenenses, Palmense, Hóquei, Benfica, Futebol Benfica e Atlético, o sorteio forneceu o seguinte calendário de jogos, disputando-se a primeira jornada no próximo domingo, dia 12,

1.ª jornada — Palmense-Belenenses; Hóquei-F. Benfica; Benfica-Atlético. **2.ª jornada** — Belenenses-Hóquei; Atlético-Palmense; F. Benfica-Benfica. **3.ª jornada** — Benfica-Belenenses; Hóquei-Palmense; Atlético-F. Benfica. **4.ª jornada** — Belenenses-F. Benfica; Palmense-Benfica; Hóquei-Atlético. **5.ª jornada** — Atlético-Belenenses; F. Benfica-Palmense; Benfica-Hóquei.

A prova será disputada em duas mãos, sendo os jogos realizados nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar. O Hóquei Clube de Portugal, que ainda não possui campo próprio, jogará sempre no campo do adversário. Sabemos no entanto, que brevemente entrará na posse do terreno para a construção do seu parque de jogos. Daqui as nossas felicitações.

Dos clubes inscritos, Benfica, Belenenses, F. Benfica e Atlético apresentarão duas equipas, e os clubes restantes uma equipa apenas.

É intenção da Federação Nacional, levar este ano ao Campeonato da Europa de Hóquei em Campo, uma equipa nacional, o que muito beneficiaria o hóquei em campo português, tão falho de contactos internacionais.

S. P.

PESCA DESPORTIVA

Vai realizar-se no dia 9 de Novembro na zona compreendida entre a Torre de S. Julião da Barra e os Cinzentos, a noite da praia do Guincho, o XI Grande Concurso de Pesca Desportiva de Mar de Cascais.

A competição poderão concorrer pescadores inscritos quer na F. N. A. T. quer nas Associações.

SPORTING, V. SETÚBAL E ACADÉMICA ESPERANÇA (COMUM) DE QUALIFICAÇÃO

Entretanto as outras equipas portuguesas que seguiram rotas europeias, alcançaram já os respectivos destinos. Em Linz, na Áustria, o Sporting aguarda confiadamente o seu segundo confronto com o Lask. A vantagem de quatro tentos e a consciência do próprio valor transmitem ao conjunto leonino a serenidade bastante, para encarar, tranquilo o confronto.

Fernando Vaz, o técnico sportinguista, espera poder fazer hoje um treino de adaptação ao relvado, e que servirá, também, para desentorpecimento muscular dos jogadores. De resto o «responsável» pela equipa do Sporting conta inicialmente apresentar amanhã a formação habitual, ou seja: Damas, Pedro Gomes, Alexandre Baptista, Caló e Hilário; Gonçalves, Pedras e Peres; Morais, Nelson e Mário.

Em Bucareste, o Vitória de Setúbal efectuou esta manhã uma ligeira sessão de preparação física o que serviu também para que os jogadores contactassem, pela primeira vez, com o piso do rectângulo onde irá disputar-se o desafio.

De resto toda a equipa acredita que a vantagem de dois golos alcançada em Lisboa seja suficiente para eliminar o Rápid, até porque são excelentes as condições atmosféricas que os portugueses vieram encontrar na capital romena.

Um único problema subsiste na equipa do Vitória: a dúvida: a dúvida quanto á recuperação total da lesão sofrida por Arcanjo. Porém é de admitir que o excelente jogador possa dar o seu contributo á equipa que deverá alinhar: Vital; Conceição, Cardoso, Herculano e Carriço; Tomé, Vagner e José Maria; Arcanjo, Guerreiro e Jacinto João

Por outro lado e com a descontracção que lhe é habitual, mesmo nos momentos mais difíceis, a Académica irá tentar em Kuopio, na Finlândia, desfazer a seu favor, a igualdade a zero que o Knorpion impôs em Coimbra no jogo da primeira mão.

Aos estudantes deparou-se, ontem, no hotel onde se encontram instalados, uma agradável contrariedade: durante o jantar actuou um conjunto feminino, o que certamente irá constituir mais uma preocupação para Francisco Andrade o treinador escolar

Também, em princípio foi já decidido qual a equipa a apresentar. Será a mesma que defrontou o Benfica, ou seja: Maló; Curado, Alhinho, Belo e Araújo; R. Rodrigues e Gervásio; Mário Campos, Manuel António, Néne e Vítor Campos.

Guimarães: Partida esta manhã

Também esta manhã a equipa do Vitória de Guimarães partiu por via aérea para Ostrava, onde defrontará o Banik, no jogo-retribuição da 1.ª eliminatória da Taça das Feiras.

A comitiva vimaranense tem a seguinte constituição: Fernando Bastardo e Gil Mesquita (directores); Ribeiro (massagista); Fernando Caiado (treinador) e pelos seguintes jogadores. Roldão, Costeado, Manuel Pinto, Joaquim Jorge, Silva, Artur, Bilreiro, Manuel, Mendes, Peres, Carlos Manuel, Castro, Bernardo da Velha, Augusto e Daniel.

Externato Sá de Miranda
PRIMÁRIO ★ C. PREPARATÓRIO ★ LICEAL
● Inexcedível Corpo Docente
● Instalações funcionais a aprazíveis
R. ALEXANDRE BRAGA, 17 (A ESTEFÂNIA)
Telefs.: Secret. 45310 — Direcção 537532

EXPLICADOR
Lições individuais
5.º, 6.º e 7.º anos
Liceus e Adm. Fac.
Matem., Fis.-Quím. e Des.
Tel.: 83.33.32

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS

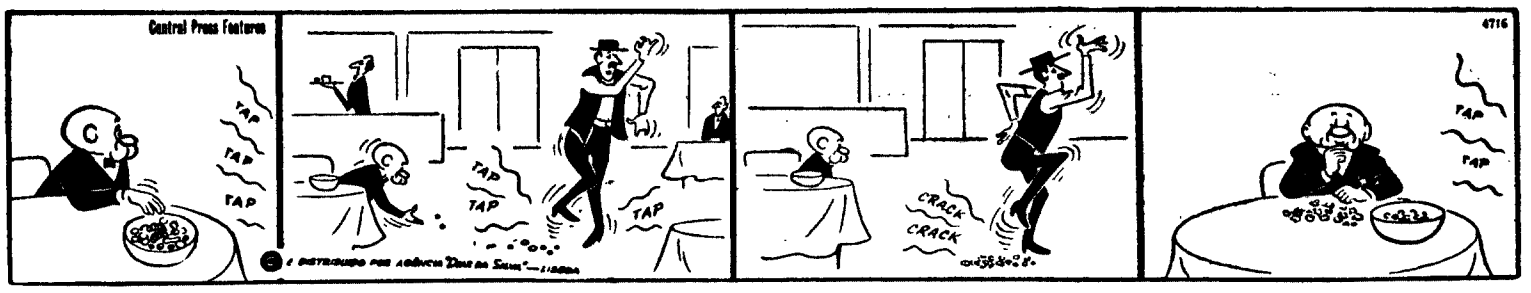
☐ PROFESSORES DA NACIONALIDADE ALTAMENTE QUALIFICADOS
☐ MÉTODOS ACTUAIS C/ LABORATÓRIO DE LÍNGUAS E OUTROS MEIOS AUDIO-VISUAIS
☐ PROGRAMA SOCIAL
☐ CURSOS PROLONGADOS INTENSIVO DE ESPECIALIZAÇÃO (Médicos, engenheiros) PARA PROFESSORES

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:
RUA MARQUÊS SÁ DA BANDEIRA, 16
(Junto à estação do Metro de S. Sebastião)
Telefs. 51496-534054-534062

Os Peanuts

Carol Dav

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

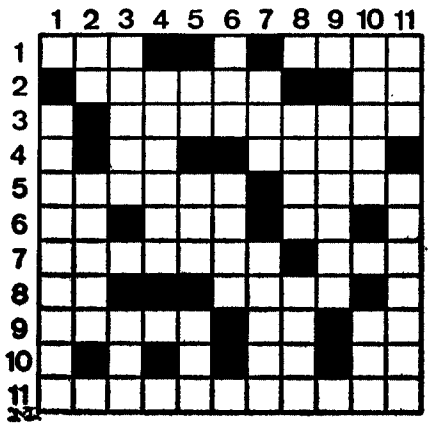
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA Nº 5314

HORIZONTAIS: — Peliça que os senhoras põem ao pescoço. Aquele que 2 — Espécie de trombeta, de som claro e estridente. Nota de musica. 3 — Agireis. 4 — Eduardo (abrev.). Rio da Sibéria, que desagua no Árctico, onde forma um admirável delta. 5 — Subscreva. Recipiente. 6 — A mim. Preposição e artigo (pl.). Prefixo que designa modo, estado, movimento para dentro. 7 — Obriga-se. Olá! 8 — Nesse lugar. Vereadores. 9 — Quinhões. Partir. Idem (abrev.). 10 — Basta! Conceda. 11 — Desejariam ardentemente.

VERTICAIS: 1 — Instalados em campo. 2 — Língua que na Idade Média se falava entre o Líger e os Pirenéus. Grave. 3 — Cordilheira da Europa ocidental. Solitários. 4 — Queimavam-se. 5 — Nome de letra grega. O primeiro vitivinicultor. Conheço. 6 — Textualmente. Nascente. 7 — Doçura. Publica. 8 — Tem por obrigação. Encolerizar. 9 — Anões. 10 — Profeta judeu no tempo de Acab e de Jezabel (Bibl.). Partida. 11 — Imperfeitas. Magoam.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5313

HORIZONTAIS: 1 — Ascender. 2 — TEIMA. Móbil. 3 — Arma. Aram. 4 — Rio. MAS. 5 — Ró. Zé. Orca. 6 — Auxiliavo. 7 — Cátre. Are. 8 — Amarro. Sele. 9 — Roca. Si. NÃO. 10 — APOSTES. 11 — Atrasou. Eco.

VERTICAIS: 1 — Atarracar. 2 — Sério. Amo. 3 — Cimo. Atacar. 4 — Ema. Zurrapa. 5 — Na. Mexer. Os. 6 — Vá. Osso. 7 — Em. Sol. Itu. 8 — Roa. Rias. 9 — Bracarense. 10 — Ia. Avelã. 11 — Alma. Eolo.

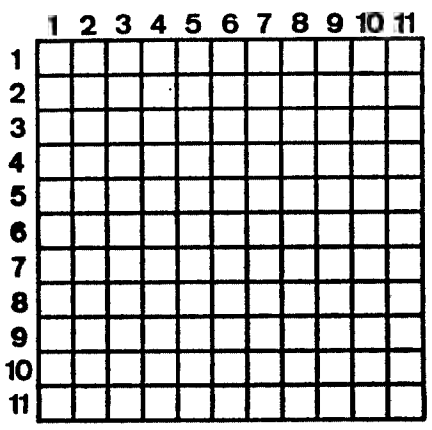
(Provérbio: TEIMA MAS NÃO APOSTES).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9157

HORIZONTAIS: — Vila e concelho do distrito de Faro. Querido. 2 — A Pérsia. Fileiras. 3 — Cânhamo de Manila. Dois mil em romano. Artigo definido. 4 — Proced. Rio da Sibéria. 5 — Mamífero desdentado espécie de tatu. Rates. 6 — Espaço de doze meses. Sufixo que designa abundancia. Redução popular de senhor. 7 — Li. Guarnecido de casas. Ouro (s. q.). 8 — Intriga (Fam.). 9 — Voltas. Aves semelhantes ás pombas. 10 — Lavram. Emblema. 11 — Nome de flores. Uma das Espórades.

VERTICAIS: — Rio de Portugal. Realçar. 2 — Agora. Agência telegráfica de Imprensa. Enguia. 3 — O mesmo que uma (ant.) e pop.). Constelação austral. Após. 4 — Comprida. Guarnece de arames. 5 — Elegantes. 6 — Figura que simboliza o povo americano. 7 — Inquilino. 8 — Autoridade cafreal, governador, administrador. Pequenino barco de pesca, usado no Sul de Portugal. 9 — O mais. Seguras. Acoiá. 10 — Rio de Portugal. Ecoa. Patrão. 11 — Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Da Russia.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9155

HORIZONTAIS: 1 — Tabor. Praga. 2 — Riana. Eiros. 3 — Or. Úmero. Na. 4 — Pão. Alô. Asi. 5 — Aoro. Avós. 6 — Cio. Alt. 7 — Uvas. Essa. 8 — Nem. Faz. Ois. 9 — Il. Pirãs. Ps. 10 — Canal. Rolão. 11 — Asira. Areia.

VERTICAIS: 1 — Tropa. Única. 2 — Airão. Veias. 3 — Ba. Orçam. Ni. 4 — ONU. Sio. Par. 5 — Rama. Fila. 6 — Ela. Mar. 7 — Pero. Zara. 8 — Rio. Ale. Sor. 9 — Ar. Aviso. Le. 10 — Ganso. Sipaí. 11 — Asais. Assoa.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Setembro de 1939 publicava:

«BERLIM, 30 — Hitler veio a esta capital expressamente para receber von Ribbentrop que regressou de Moscovo e ouviu o seu relatório acerca das negociações realizadas com o governo dos sovietes.

Nos círculos nazis há a impressão de que a Alemanha e a Rússia tomarão importantes decisões nas próximas 48 horas.»

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
ALTA FIDELIDADE
ESTEREOFONIA
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º
Telef. 43464 — LISBOA

LICEU
Diurno e nocturno
Ext. N.ª Sr.ª da Saúde
L. CONDE POMBEIRO, 12
T. 57048 (aos Anjos)

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR
AUTO ESTRELA
Os melhores preços
Av. João Crisóstomo, 65-A
Telefs. 534331 - 561394
LISBOA

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
Inscrições das 10 ás 12 e das 17 ás 22 horas

LICEU
E COMÉRCIO COLÉGIO B. DIAS
INTERNATO MASCULINO ● PENSIONATO FEMININO
ST.ª IRIA DA AZOIA
T. 259222
a 10 km de LISBOA
(Transporte privativo)

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PORTO» a sair em 19 de Outubro — Com escala por LEIXÕES para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega — Porão: de 12 a 16 de Outubro. Frigorífico: em 18 de Outubro.

«AMBOIM» a sair em 20 de Outubro — Directo a LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega — Porão: de 12 a 17 de Outubro. Frigorífico: em 18 de Outubro.

«BAILUNDO» a sair em 24 de Outubro — Com escala por LEIXÕES para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 17 a 21 de Outubro.

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 31 de Outubro ás 12 horas — Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega — Porão: de 23 a 28 de Outubro. Frigorífico: em 29 e 30 de Outubro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 17 de Outubro ás 18 horas — Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua do S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3 SEMANA
Um novo filme de CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR MORRER
com Amidau — Caroline Cellier

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de FRANCESCO MASSELI segundo o romance de ALBERTO MORAVIA
OS INDIFERENTES
c/ Claudia Cardinale, Rod Steiger e Shelley Winters

ALVALADE
(Adultos) Tel 763080
Às 15.45 e 21.45
CLAUDIA CARDINALE e ROD STEIGER em
OS INDIFERENTES

EUROPA
(Adultos) Tel 661016
Às 15.15 e 21.30
BARBRA STREISAND e OMAR SHARIFF em
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
A RAPOSA
GOLPE SOBRE GOLPE

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um «western» cheio de acção e violência
TEMPO DE MASSACRE
com Franco Nero e George Hilton

VASCO MORGADO apresenta o TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol em
«A MAÇÃ»
de Jack Gelber
só até Domingo no
TEATRO LAURA ALVES
Hoje, às 21 e 45 h. (Adultos) Interpretação de Vitor Ribeiro, João Vasco, Zita Duarte, António Marques, Augusto Leal, Céu Guerra e Santos Manuel. Cenário de Espiga Pinto. Encenação de Carlos Avilez. Tradução de Mário Delgado. Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian
ESTUDANTES — 50 % DESCONTO

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Em 3.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A mais bizarra concepção de sexo na era do espaço
BARBARELA
com Jane Fonda e Ugo Tognazzi

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA SEM FIM!
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNES

EDEN
(M. 6 anos) Tel. 820768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
ÚLTIMOS DIAS
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O LIVRO DA SELVA

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Em 2.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

AVIS
(M. 6 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Uma sensacional comédia
O AS DO PEDAL
com Bourvil
Franscope — Eastmancolor
Autorizado para maiores de 6 anos á tarde e á noite

ROMA
(Adultos Tel 727778
Às 15.30 e 21.45
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

LIDO
Praça D João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 17 anos)
O inesquecível filme de maior sucesso mundial
DOUTOR JIVAGO
Maravilhoso espectáculo em 70 mm

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
OS MILIONÁRIOS
BEAU GESTE

IMPERIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
A última obra de CLAUDE CHABROL
A MULHER INFIEL
com Stephan Audran, Michel Bouquet e Maurice Ronet

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
6. SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(O Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 32 63 05
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
SÓ HOJE E AMANHÃ:
ÚLTIMAS
Um filme de acção explosiva
COMISSARIO X 3 PANTERAS AZUIS
com Tony Kendall e Brad Harris
Mais aventuras. Mais mulheres... Mais acção. Mais «suspense»...
Eastmancolor

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel 779095
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO TE, AMO TE
c/ Claude Rich, Olga Georges-Picot

ODEON
(Adultos Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
O FILME DE MISTÉRIO
PASSAPORTE PARA A MORTE
com Tom Tryon (o famoso protagonista de «O Cardeal») e Lorenza Guerrieri
Tecniscope — Eastmancolor

LIZ
(Adultos) Tel 48560
Às 21 h
OPERAÇÃO KID BROTHER
ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e ás 21.30
DUNYA, A NOIVA ETERNA
com Eva Bartok e Ivan Desny

VOX
(M 21 anos) Tel. 720803
Às 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(As condicionado)
AVISO:
É indispensavel a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida na avaliação da idade

Refrescante! Estimulante!

Gordon e Água Tónica

O GIN que mais se vende em todo o mundo

AGENTES
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
LISBOA
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PORTO COIMBRA FARO

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional»

TEATROS
TRINDADE — Às 21 e 30: «Silva Vicentina» (12 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ena, já fala» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Fando e Liz» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 25: «Amor ás riscas» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos)

CINEMAS
JARDIM — Às 21: «Livra-me desta mulher» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21 h.: Um ingénuo diabólico».
PARIS — Às 21: «Testemunha suspeita» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Os maus também amam» (17 anos).
CINEARTE — Às 21 h.: Vingança ao amanhecer» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 2 e 5: «Esta noite é minha» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O homem da aventura» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «As duas mulheres» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «7 Homens e uma mulher» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Caminhos perigosos» (17 anos).

● Linha de Cascais
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Brincadeiras proibidas» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «As viuvas do sr. Valmont» e «E-L-D, o droga alucinante» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 7 e ás 21 e 30: «Dunya, a noiva eterna» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Dez convites para a morte» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Perseguição a sangue-frio» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «As sandálias do pescador» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Diamantes ao pequeno-almoço» e «Assinatura do crime». (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO-JARDIM — Às 21 e 15: «Adeus ás armas» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA—Às 21 e 15: «Mata-me depressa que tenho frio» (17 anos)

● Linha de Sintra
VENDA NOVA — CINE - PORTUGAL — Às 21: «Django atira primeiro» e «O jogo do assassino».
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Perseguição a um espião» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «001/4 e os bikinis de ouro» e «Frankenstein '970» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Johnny Yuma o vingador» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15 «Filhos de ninguém» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Matt Helm não perdoa» (17 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M
(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parênteses)
ALCANTARA — Probidade, R de Alcântara, 5-A-B (638589)
AJUDA — Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 70 (6373 8
ALTO DO PINA — Eusil, R Barão Sabrosa, 94 (84 9 2)
ALVALADE — Rainha Santa, Rua Af Lopes Vieira, 57-B (765262) e Alentejo Av do Igreja, 28-B (7 2682)
ANJOS — Guerra Rua Andrade, 32-36 (8455 3)
AREEIRO — Belo, Av de Roma, 53-A (7768 4) e Estados Unidos, Av Estados Unidos da América, 6-B (725859) e Central do Areeiro Av Paris, 2 e (720820)
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av 5 de Outubro, 283-A (763016) e Cardoto, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) e Saldanha, Av Praia da Vitória, 53-55 (43938)
BAIRRO AZUL — Sirius, R Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 4 (3 2 6)
BAIXA — Frazão, R das Portas de St.º Antão, 72 (328 80) e Durão, R Garret, 90-92 (324 66)
BENFICA — Marques, E de Benfica 648 (700096) e Vitex, Est de Benfica, 373-B (780548) e S. João, Est do Luz, 24-A (783 79)
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) — Almeida, R. Silva Carvalho, 36 (68 726)
CAMPOLIDE — Imparcial, R General Taborda, 28 (68093) e Rualto, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A-5-B (651 74)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CHILE — Lab.º do Brasil, R Alves Tongo, 29-31 (46843)
CONDE BARÃO — Lys, R do Esperança, (17-19 (6609 3)
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 30 (660339)
GRAÇA — Anunciada, R do Vigário, 74 (866360) e Progressiva, Rua St.º Marinha, 18 (8636 9)
LUMIAR — Patutela, Herdeiros, R do Lumiar, 22-24 (790332)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R C. 3, Lote 300 (31 09) e Central dos Olivais, Rua Alferes Barbaro, Ruas 7-C, Olivais-Norte (315539)
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 5-A (778439
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003).
PATRIARCAL — Cunha, Rua do Escola Politécnica, 6 (32545)
PEDROUÇOS — Restelo, R Duarte Pacheco Pereira, 1-C — (610741)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç do Pichelaria 40-B-C (720703 e 128395)
REGO — Prates & Mota, Rua do Benemerência, 9 (773128)
SANTO AMARO — St Amaro, Rua F Elísio 29-A-B (637070)
SÃO PAULO — Ultramarino Rua de S Paulo, 0 (32 11
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R do Grilo, 25 e Alves de Carvalho, Rua do vale de St Antônio, 1-9 (840 25) 48-A (25 234)
MOSCAVIDE — Varela — Av de Moscavide 44 (Tel 251850) e Império — R de Olivença.

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva 8 (212048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 2-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av.ª Patrão Lopes, 4 (Tel 243 2039)
OEIRAS — Central, R João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Macau, R Elias Garcia, 62-B (247 785)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260 91)
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb. G Guerra, 40 — (Tel. 280170); Nova — Est de Alvide — Fontainhas (Tel 28 044)

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio 3-A (9355 8) e Carmelo, R Elias Garcia, Lote 28 (933303) e Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (9336 3) e S. Jorge, R Pedro del Negro, 5 Rebaleiro (938703)
DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão, 9-A (F 933920).
QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 15 (Tel 950043); Queluz — Av Miguel Bombarda, 23-A (Tel 951841)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Velestim (Telef 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D Amélia, 26 (T 980155).
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — Colares — Abreiu (Tel. 299088).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234 31
ALHOS VEDROS — Portugal, Av do Belo Rosa 8 (224250)
ALMADA — Cristo Rei — Av. Cristo Rei 3-A (Te 273498)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 22-B (Tel 224'4)
BARREIRO — Soares — Av da Republica, (Tel 2273023)
COVA DA PIEDADE — Império, Rua do Boa Esperança 3-A 274356
MOITA — União Moitense — Av.ª Dr Teófilo Braga (Tel 239025)
MONTIJO — Higiene — R José Joaquim Marques 42 (Tel 230370)
SESIMBRA — Leão Av Navarro (22947)
SETUBAL — Oliveira — L do Misericórdia (Tel 22488)
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho 38 (Te 22 8560.

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 e Companhias Reunidas, 537011 e Gazcidla 538821 e Gazcidla idem e feriados, 382069

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 e Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 e Segurança Publica, 866141 e Judiciária, 535380 e Marítimo, 326456 e Internacional, 362721 e Viação e Trânsito, 42205 e G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 e Enfermagem permanente, 766161 e Enfermagem de urgência, 43738 e Hospital de Santa Maria, 775171 e Hospital de S. José, 860131 e Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 e Transfusões, soros e oxigénio, 538524 e Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 e Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 e Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 e Estação fluvial (T. Paço), 325345 e Estação Marítima de Alcântara, 663195 e Estação Marítima da Rocha, 672445 e Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 530758

POPFADO
(M. 17 anos)
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
HOJE
ABERTURA DE
BAR E DA BOITE
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 36-D
(à Av. Duque de Loulé)

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade $ 42 21
Tel. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

«O facto de as coisas irem correndo não é sintoma de que tudo esteja bem»

— disse-nos o técnico francês que orienta a reforma administrativa em Lisboa

Encontra-se em Portugal um perito francês em ciência administrativa, o prof. Lucien Mehl, o qual, sob os auspícios da O. C. D. E., tem estudado os projectos já existentes da reforma administraitiva entre nós, assim como e especialmente os problemas de metodologia da reforma de estruturas. A sua presença deve-se á iniciativa do Secretariado da Reforma Administrativa, serviço que trabalha junto da Presidência do Conselho, onde tem entrado em contacto com os documentos e as pessoas necessárias para se inteirar da situação actual das estruturas protuguesas.

Foi aí precisamente que o fomos encontrar e trocámos com ele algumas impressões. Interrogado sobre a urgência de transformação de estruturas confidenciou-nos:

O trabalho não está rígidamente condicionado pelas estruturas

— *Nos ultmios 30 anos as estruturas administrativas não mudaram, enquanto a função do Estado se modificou radicalmente. A intervenção publica nos aspectos económico e social é um facto relativamente recente, não só aqui aliás — e entretanto as estruturas permaneceram. Prefiro, no entanto, falar de «adaptação» e não reforma, expressão que suscita frequentemente reacções e receios de vária ordem. A adaptação das estruturas é, pois, neste momento, uma tarefa indispensável e inadiável. Porque o facto de as coisas irem correndo, não é sintoma de que tudo está bem: as autoridades podem sempre atacar os problemas, melhor ou pior, já que o trabalho não está rigidamente condicionado pelas estruturas. A desadequação destas dificulta e onera, inevitàvelmente a gestão dos negócios publicos. A excessiva proliferação das comissões de coordenação, de resto um pouco por todos os países, é indício daquele desadequação, nomeadamente nos escalões intermediários e inferior.*

A despesa de uma adaptação é mínima

— Pode exemplificar, no que diz respeito a Portugal?

— *Certamente. Nos capítulos do investimento e do equipamento, a direcção está aqui concentrada no Ministério das Obras Publicas. Ora, porque não conceder competência aos departamentos da Educação e da Saude no concernente ao equipamento dos seus próprios serviços e organismos dependentes?*

— Tomou conhecimento de significativas reacções á reforma, no nosso País?

— *Não significativas. O que poderá faltar é consciência do que seja a reforma (ou melhor, «adaptação») especialmente por parte do publico e menos por parte dos próprios funcionários, que na generalidade me parece quererem a reforma. Note que a despesa de uma adaptação deste género é mínima, senão mesmo inexiste: as despesas em Portugal com a administração ascendem a 25 por cento do produto nacional bruto, enquanto o orçamento dos serviços próprìamente administrativos retiram dos cofres publicos apenas 2 por cento desse produto.*

Há que criar a remuneração competitiva para o funcionário publico português

E acrescentou:

Que, se aumentam estas ultimas despesas (mesmo em 20 por cento, 30 ou 40 no sentido de racionalizar e eventualmente diminuir aqueloutras, por elevação da respectiva rentabilidade) esse aumento não será verdadeiramente uma oneração mas sim um alivio. É isto que se pretende com a adaptação, como se sabe aliás na ordem do dia em todo o mundo. Trata-se afinal de um reajustamento técnico e científico do aparelho publico, de acordo com a moderna processologia de gestão, já tão disseminada nas grandes empresas privadas.

— E quanto ao pessoal administrativo, tem algo a dizer?

— *Os funcionários publicos portugueses com quem tenho tido contacto pareceram-me competentes. É verdade que quase só conheci funcionários dos mais altos graus. Reparei, contudo, que muitos trabalhos e projectos portugueses que estudei, e que considero bons, não passaram do papel, nunca sofrendo aplicação prática. E depois, há o problema da remuneração competitiva a criar, sem o que tudo o mais se esboroará. Em nenhum país que conheço a remuneração da função publica é brilhante, mas trata-se de a tornar aceitável, no caso português.*

Lucien Mehl é professor de várias escolas de administração francesas, membro do Conselho de Estado do seu país e autor de numerosos trabalhos da sua especialidade em que se notabilizou pela aplicação dos mais modernos conhecimentos de cibernética ao estudo da ciência administrativa.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado ou encoberto; o vento era fraco ou moderado do quadrante Oeste; caíam chuviscos ou havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 27°; mínima: Penhas da Saude, 7°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Faro, 19°; Funchal, 20°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas, 11°; Portalegre, 15°; Porto, 15°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18°,2; na água do mar: 16°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado predominando de Noroeste; períodos de chuva ou aguaceiros; possibilidade de trovoadas em especial nas regiões montanhosas; condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal.

Amanhã
Nascer ás 7 e 32
Ocaso ás 19 e 20

Dia 3 Dia 11 Dia 18 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 30** — 6 e 54 (3,9 m); 19 e 19 (3,7 m). **Dia 1** — 7 e 33 (3,7 m); 20 e 01 (3,4 m). **Dia 2** — 8 e 20 (3,4 m); 21 (3,2 m). BAIXA-MAR: **Dia 30** — 0 e 15 (1,1 m); 12 e 33 (1,2 m). **Dia 1** — 0 e 47 (1,4 m); 13 e 12 (1,5 m). **Dia 2** — 1 e 27 (1,7 m); 14 e 03 (1,8 m).

Um morto e um ferido

em estranho desastre com uma camioneta

TORRÃO, 30 — De manhã, foi encontrada uma camioneta, que, provàvelmente, durante a noite, embateu violentamente num eucalipto, na estrada, próximo desta vila. Desconhecem-se, contudo, as causas do acidente.

A camioneta, com a matrícula «AH-37-53», registada em Aljustrel, ficou muito danificada. Na cabina, um morto e um ferido grave, que não foi possível identificar.

O subdelegado de saude ordenou a autópsia. O ferido está internado, sem fala, no Hospital de Alcácer do Sal. A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano reuniu-se hoje, no Palácio de S. Bento, o conselho de ministros.

IMPORTANTES MELHORAMENTOS PARA BENEFÍCIO E VALORIZAÇÃO DA VILA DE ÍLHVAO

ÍLHAVO, 30 — Para benefício do público e dos vendedores do novo Mercado Municipal, a Câmara resolveu mandar construir uma ligação rodoviária, com cobertura a betuminoso, para o referido mercado e arranjar os passeios, correspondendo assim aos desejos de todos. A obra, entregue a um empreiteiro, deve começar muito em breve.

Louva-se a realização desses trabalhos, pois com tempo chuvoso, o acesso ao mercado tornava-se dificílimo e causava embaraços aos que, diàriamente (compradores e vendedores), se servem do moderno edifício

Obras em curso

A nossa terra atravessa um surto de progresso em todos os aspectos. Prosseguem as obras de aformoseamento da Praça D. Manuel Trindade Salgueiro; continuam, em bom ritmo, os trabalhos de pesquisa de água para abastecimento da vila, das praias do concelho e das Gafanhas; foi inaugurado o posto da P. S. P.; foi criada a Zona de Turismo (antiga aspiração de tantas gerações); e, agora, com viva satisfação, anunciamos que começaram os trabalhos de revestimento a tacos do piso do Pavilhão dos Desportos, onde estão em curso obras nos balneários e outras beneficiações. Surgiram, entretanto, problemas no escoamento de águas e esgotos mas, julgamos, que tudo se resolverá com eficácia.

Quanto aos serviços da P. S. P., eficientes, impõe-se que seja aumentado o número de guardas, há muitos assuntos a resolver, como seja a regularização do trânsito e estacionamento de veículos, além de outros.

VESTIDOS DE PAPEL DE JORNAL EM LUANDA

LUANDA, 30 (A. N. I.) — Realiza-se na próxima semana em Luanda o «Concurso do Vestido de Papel», organizado pelo Ginásio Futebol Clube, com o patrocínio do vespertino «ABC».

Na noite de 4 de Outubro as concorrentes desfilam pela primeira vez com os seus trajos de papel de jornal, sendo o juri constituído por representantes dos diversos jornais da cidade.

O «ABC» publica uma série de cupões de voto para que o publico eleja a sua favorita, independentemente da decisão daquele juri de jornalistas.

José Maria dos Santos

Foi hoje submetido a nova intervenção cirúrgica do foro oftálmico o nosso estimado companheiro de trabalho José Maria dos Santos, há largos anos correspondente do «Diário de Lisboa» em Coimbra. Fazemos sinceros votos por que a sua recuperação se processe, como da vez anterior, sem margem para quaisquer cuidados.

A PARTIR DE AMANHÃ

Novas regalias na Assistência na Doença aos Servidores Civis do Estado

Conforme acordos firmados entre a Assistência na Doença aos Servidores Civis do Estado (A.D.S.E.) e a Direcção-Geral dos Hospitais e o Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil, os Servidores Civis do Estado passam, a partir de amanhã, a ter recurso gratuito a todas as modalidades de assistência prestadas pelos estabelecimentos dependentes daquelas instituições.

Assim, os servidores do Estado que necessitem de tratamento podem obtê-lo, sem encargo e em condições completas, pois a A. D. S. E. suportará a totalidade dos custos nas modalidades de medicina, cirurgia e obstetrícia, bem como nas respectivas especialidades em três regimes distintos: AMBULATÓRIO (consultas e utilização dos meios auxiliares de diagnóstico e terapêutica); internamento (em enfermaria); domiciliário.

Por outro lado, o regime de comparticipação da A. D. S. E., 40 a 70 por cento, nas consultas de clínica particular, posto a vigorar por despacho do ministro das Finanças, de 11 de Abril do corrente ano, salvaguardada inteiramente a livre escolha do médico por parte dos doentes, vai passar a abranger também os meios auxiliares de diagnóstico e terapêutica.

Foi estabelecido também um acordo com o Grémio Nacional das Farmácias que assegurará aos beneficiários, em relação aos medicamentos, uma comparticipação da A. D. S. E. que é elevado para 50 por cento.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, a/l. (unico no género).

A FEIRA POPULAR ENCERRA-SE HOJE

No parque de Entrecampos, encerra-se esta noite a edição de 1969 da Feira Popular de Lisboa, que durante quatro meses divertiu milhares de pessoas. Muito possìvelmente é hoje o ultimo dia em que o lisboeta poderá encontrar em Entrecampos o popular recinto de diversões. Porque tudo leva a crer que, no próximo ano, a Feira mudara de «casa». Emboora, é claro, nunca se saiba...

Iniciativa do nosso prezado colega «O Século», a favor da sua Colónia Balnear Infantil, a Feira Popular torna possível que alguns milhares de crianças tenham anualmente as férias que de outra maneira não poderiam gozar.

A «Noite de despedida», que engloba a «Noite do expositor» (a qual não se festejou ontem devido ao mau tempo) fica assinalada com o sorteio de 60 prémios. Para o ano, onde será?

AO TÁXI

que transportou passageiros, da Est. de Santa Apolónia para a Rua dos Navegantes, 58, hoje por volta da 1 da manhã, agradece-se o favor do sr. motorista comunicar para o telefone 670705, por ter sido esquecida no carro uma «valise» cor acastanhada e de forma quadrada.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Da Federação Portuguesa de Ciclismo recebemos um ofício de agradecimento pela cobertura feita pelo «Diário de Lisboa» na 32.ª Volta a Portugal em bicicleta.

1 AUTOMÓVEL E MAIS 19 VALIOSOS PRÉMIOS

CONCURSO VIGORMALTE

UM RECONSTITUINTE PARA TODAS AS IDADES

ENTREGUE AS SUAS SENHAS ATÉ 10 DE OUTUBRO

Perspectivas e problemas da vida política em Portugal

Mesa-Redonda em que participaram Henrique Barrilaro Ruas (C. E. M.), Mário Soares (C. E. U. D.) e Mário Sottomayor Cardia (C. D. E.)

(PÁGINA CENTRAL)

«QUEREMOS CONVENCER»

• UM DISCURSO DO PROF. HENRIQUE DE BARROS

A abrir a reunião do Plenário Distrital da Oposição Democrática de Coimbra, efectuada em 27 do corrente, o sr. prof. eng.º Henrique de

(Continua na 4.ª pág.)

MESA REDONDA

especial eleições

PERSPECTIVAS DO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL

I — A procura de ensino superior pelos estudantes

MÁRIO MURTEIRA

A análise da orientação dos estudantes no acesso ao ensino superior em Portugal, fornece-nos uma base objectiva de reflexão sobre certas características desses sistema de ensino (1)

O Quadro I revela-nos aspectos essenciais dessa orientação, nos ultimos anos, segundo os dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística.

QUADRO I

TRANSIÇÃO DO LICEU PARA A UNIVERSIDADE POR CURSOS (em %)

RAPAZES:

Anos lectivos	*Cursos*					*Total*
	Ciências e Engenharia	*Direito*	*Letras*	*Medicina*	*Económicas*	
61/62	16,0	6,6	2,8	5,1	4,9	37,9
67/68	9,1	5,1	1,2	6,3	5,7	29,6

RAPARIGAS:

61/62	10,9	2,2	19,8	2,8	1,6	40,7
67/68	4,8	2,2	12,0	5,2	2,3	28,8

As percentagens indicam-nos a relação entre o numero de alunos que pela primeira vez se inscreveram, em dado ano lectivo, em determinadas faculdades e o numero daqueles que concluiram o liceu no ano anterior. Por exemplo, no ano lectivo de 67-68, cerca de 9,1 % dos alunos do sexo masculino que concluíram o 7.º ano matricularam-se em cursos de ciências e engenharia A coluna sob a designação de «Total» dá-nos a proporção de alunos «caloiros» da Universidade relativamente aos estudantes que terminaram o curso complementar do liceu no ano lectivo anterior. Essa proporção *decresceu* entre 1961 e 67, primeiro facto importante a assinalar, e isso em relação a ambos os sexos. Essa evolução é algo surpreendente, pois seria de esperar que uma proporção crescente de finalistas do liceu passasse á universidade.

Na realidade, mesmo o numero absoluto de «caloiros» na universidade diminuiu entre 1965 e 1967. Porquê?

Julgamos que dois factores explicarão em grande parte o fenómeno, embora não possamos avaliar com precisão a respectiva influência: uma crescente preferência dos estudantes saídos do liceu por escolas superiores *não universitárias* (publicas e privadas); maior rigor, nalgumas faculdades, na selecção efectuada através dos exames de aptidão.

O primeiro facto explicar-se-á, em parte, pela menor dificuldade dos cursos superiores não universitários — nomeadamente traduzida em menor duração — e também, nalguma medida, por alguns desse cursos preencherem lacunas do próprio ensino universitário.

A selecção mais rigorosa de certas faculdades, a resultar duma política e não de factores acidentais, traduzirá uma reacção de autodefesa face á expansão dos efectivos sem contrapartida nos meios de ensino — professores e salas de aula...

E quanto á orientação por escolas universitárias ou grupos de cursos?

O Quadro I revela-nos, quanto aos rapazes, uma crise nas *ciências e engenharia* e tendência para crescente orientação no sentido da *medicina* e *economia*. Relativamente a raparigas, são sensíveis os decréscimos nas proporções correspondentes a *ciências e engenharia* e *letras*. Neste ultimo caso, a principal explicação para a redução espectacular observada no período encontrar-se-á, possívelmente, na criação de institutos não universitários que recebem grande numero de raparigas orientadas para a aprendizagem de temas tais como psicologia, administração privada e estudos sociais.

Tudo somado, a conclusão geral que se poderá retirar desta sumária análise é de que a «procura» de ensino superior pelos estudantes se tem modificado substancialmente nos ulti-

(Continua na 8.ª pág.)

Uma das dependências da Sede da Comissão Eleitoral Democrática do Porto, durante os trabalhos de decoração por um grupo de aderentes

ACTUALIDADE ELEITORAL

● *Sessão da C. D. E. em Braga* — Realiza-se depois de amanhão a primeira sessão pública de propaganda da lista da C.D.E. de Braga. Para a sessão no Tearo-Circo, ás 21 e 30 encontram-se já em distribuição, através das diferentes comissões de apoio formadas no distrito, os respectivos bilhetes de acesso. Dada a exiguidade do recinto, os bilhetes serão reservados exclusivamente aos eleitores do distrito de Braga. A sessão será presidida pelo dr. Vítor de Sá.

● *Problemas e sugestões em Viseu* — Candidatos da Oposição Democrática do Distrito e dois responsáveis pela Comissão Eleitoral Democrática, encontraram-se com o governador civil, a quem apresentaram uma série de questões, observações, sugestões e pedidos de esclarecimento. No final da entrevista, e dada a extensão dos problemas apresentados, concluiu-se pela vantagem de os apresentar por escrito, o que foi feito já,

(Continua na 12.ª página)

espelho da imprensa

Portugal de amanhã

«Se temos, internamente, opções fundamentais a fazer e rumos a traçar ante um futuro de ciclópicas exigências, é no plano externo que o esforço de trabalho e de progresso do País terá de situar-se e integrar-se para que possa assegurar-nos um lugar condigno no mundo civilizado. Não devem esquecê-lo todos os participantes na campanha eleitoral e, sobretudo, os responsáveis mais qualificados de todas as correntes de opinião que se defrontam. O Portugal de hoje — o deste momento crucial da vida do País — terá de construir o Portugal de amanhã. O momento político que se atravessa é uma experiência e uma prova decisivas.

(«Jornal do Comércio» — 29-9-69)

Frentes do velho quadrado

«No período de propaganda eleitoral que agora começa, não faltará quem pretenda negar os rumos que o Governo tem procurado dar nas últimas dezenas de anos á política nacional, mesmo nos aspectos que todos deveríamos considerar indiscutíveis. Não será, porém, a algazarra de uns tantos, a traição de outros ou o servilismo a Moscovo e a Pequim de mais alguns, que há-de destruir as frentes do velho quadrado português. Que há-de tornar vão o sangue derramado pelos soldados nossos irmãos nas terra de Além-Mar. Ou há-de desintegrar essa unidade, que tem garantido a continuidade de Portugal como País independente, congregando numa só fé e num só querer este pequeno País, que sempre se agigantou quando o perigo bateu á sua porta, qualquer que fosse o seu disfarce para franquear a entrada na fortaleza.

Não será ainda desta vez. Basta que todos saibamos colher a nobre lição que de cima nos é dada pelos dois homens a quem Deus, nesta hora histórica, confiou os destinos de Portugal.

(«A Voz» — 29-9-69)

Pátria igual, mãe de todos

«O Estado Novo ocupa o poder vai em mais de quarenta anos. Os seus mais responsáveis luminares não se têm cansado de proclamar, décadas em fora, que têm por si o apoio da maioria do nosso povo. Pois que tenham, demais que desse modo nada têm a recear.

No mais patriótico desejo de pacificação e unidade nacional nós apenas estimaríamos que no Governo e na Assembleia Nacional estivessem representados todos os portugueses. Os portugueses de todas as ideias, de todas as crenças e de todas as cores, objectivo este que fácilmente se pode efectivar através de eleições. Eleições em que tivessem voto o maior número possível de portugueses de ambos os sexos, maiores de dezoito anos, realizadas em condições que constituissem garantia absoluta de que os seus resultados correspondiam insofismávelmente á vontade da Nação.

Deste modo se atenderia aos patrióticos anseios de quantos portugueses desejam ver varridos do solo da Pátria, as incompreensões, os ódios, as malquerenças, os injustificáveis dissídios que nos dividem e enfraquecem e se implantaria no País a era de liberdade e verdadeira pacificação nacional por que patrióticamente se almeja.»

(«República» — 29-9-69)

Linha média

«É evidente que a renovação apresentada pela União Nacional corresponde a uma superação de certo elemento político ambiental, que não deriva dos homens mas da própria rotina da instituição parlamentar e que não é dos menores defeitos desta; e significa também da parte dos antigos, dos que estão desde 1933, ou já estavam mesmo antes da estruturação constitucional definida nesse ano, um admirável sentido de espírito nacionalista, em tanto que consideram a Nação como valor permanente, a ser servido em cada época, na sua dinâmica criadora, pelas gerações em que se juntam a pujança da juventude e a sua capacidade de estudo e acção em prol da comunidade nacional.

Quer isto dizer que no conjunto dos candidatos apresentados pela União Nacional se revelam os elementos suficientes para definição de uma linha média em que se entendem tanto a continuidade como a evolução que constituem o lema da política governativa de Marcello Caetano.

(...)

Havemos de voltar a estes pontos, Por agora, relembramos esta superioridade dos candidatos da União Nacional. Eles representam a continuidade de algo que deu ao País, sem dúvida nenhuma, progresso e paz. Ora entre o pássaro que tem na mão — a certeza das boas obras — e os dois pássaros das fantasias ilusórias que os propagandistas da oposição lhe apontam, o Povo não hesitará.»

(«Diário da Manhã» —29-9-69)

Eleições à vista

De um artigo de José Sales, extraímos as seguintes passagens:

«Eleições: eis o que o professor Marcello Caetano considerou como de democracia, apesar de já saber, conforme também afirmou na última «conversa em família», qual a vontade dos portugueses pelas manifestações que tem recebido («...o País demonstrou por modo inequívoco, a sua adesão à política que me propus seguir.»). Portanto, não será o regime que estará em causa neste acto eleitoral.

A ideologia política que rege o nosso país há mais de quarenta anos e que criou uma certa mentalidade não pode estar em causa numas eleições, enquanto acto de votar, pelo menos. O Governo pratica esse processo, dito «democrático», sem que alguém o tenha exigido. Que saibamos não foi a «oposição democrática» que, em qualquer prova da sua força, obrigou o Governo actual a modificar, de certo modo, a maneira de praticar essa «democracia». A propósito, relembramos o que escrevia Jorge Sampaio na «Seara Nova» de Maio p. p.: «Haverá algo, contudo, que tenha tornado este ano diferente dos anteriores? Creio que sim, do ponto de vista governamental. Essa diferença parece-me consistir na necessidade em que o Governo acual se encontra de conseguir um reforço de legitimidade que seja a consequência de um voto a modos que plebiscitário no próximo acto eleitoral. Nem vale a pena notar a contradição». E não foi por acaso que o professor Marcello Caetano, também na última «conversa em família», assinalou a importância deste acto no plano internacional, além do nacional: «É preciso que cá dentro e lá fora fique bem claro se o povo português é pelo abandono do Ultramar, ou se está com o Governo na sua política de progressivo desenvolvimento e crescente autonomia das províncias ultramarinas». Esta foi também a definição do problema que, segundo parece, irá constituir o ponto de maior controvérsia na «luta eleitoral», até porque foi considerado como condicionante de toda a política nacional (vide depoimentos sobre o problema fundamental dos portugueses, in «Mesa-Redonda», «Diário de Lisboa»). Problema que pode ser tratado segundo diversas ópticas, conforme o fim que estas propõem, de facto, atingir, mesmo para os que não concordam com a actual política do Governo. Por isso, também é natural que, dentro do sector oposicionista, haja o que podem considerar-se desentendimentos, os quais levarão à apresentação de duas listas em Lisboa, Porto e Braga. Desentendimentos que, no futuro, ainda se poderão aprofundar, se as opções se forem tornando mais claras, de tal modo que os acordos tácticos em relação à apresentação de uma frente oposicionista unitária poderão tornar-se impossíveis. Poderá suceder, no futuro, que a unidade venha a ser feita com o outro lado, se a modernização da actual política for considerável, como tem acontecido, por exemplo, em Itália. O Governo sabe-o.

Uma oposição que o Governo pretende integrada nas bases fundamentais poderá ser conseguida, então, nos próximos anos, encontrando um «interlocutor oposicionista», que permita a discussão na edificação de um ideal comum ao regime e ao interlocutor.»

(«Comércio do Funchal», 21-9-69)

ASSIM VAMOS NÓS

5 de Outubro

Começam já a conhecer-se alguns dos programas previstos para as comemorações da passagem de mais um aniversário da proclamação da

Republica, que este ano, como já dissemos, devem atingir particular repercussão em todo o País.

A C. D. E. do Porto anuncia: uma sessão publica no dia 4 (ás 21 e 30), e uma romagem ao tumulo do dr. António Luís Gomes e ao monumento aos mártires do 31 de Janeiro (ás 11 horas do dia 5).

Começou um jogo?

Os jogos têm: jogadores, regras, árbitros para as fazer cumprir, locais para a sua prática, eventualmente espectadores.

Existe um «jogo da democracia»? Aceitemos a imagem, como hipótese de trabalho e não como menosprezo pela prática.

Jogadores há, embora com concepções bastante diferentes sobre o jogo em si. Desde «mal necessário» até «prática pela prática» (ou arte pela arte). Com graduações que, no entanto, possibilitam separar duas equipas não homogéneas.

Regras e árbitros existem. Mas regras muito hipotecadas a uma concepção do jogo, e árbitros predispostos a interpretar as regras e as actividades dos jogadores, em obediência a essa concepção, que também é a de um lado dos jogadores.

Os locais para a prática são difíceis de encontrar. Há quem goste de jogar sózinho e até receie não ser suficiente a vantagem de «jogar em casa», e com as bem elaboradas e cuidadosas regras... da hospitalidade.

E espectadores? Há espectadores interessados, há espectadores esquivos, há potenciais espectadores que, ou desconhecem o jogo, ou se dizem indiferentes. São milhões que, como espectadores, também jogam.

Mas este é um jogo muito sério. O «não me interessa», e «do que quero saber é da minha vida» são jogadas em falso ou são, mesmo, jogadas de «antijogo».

Para fecho da parábola, uma sentença: que se ganhem praticantes para a modalidade, para que cada vez menos seja «desporto de élite».

Diálogo

— É pena estarmos divididos — diz o oposicionista de Braga.

— É pena estarmos divididos — diz o situacionista de Braga.

O preço...

O Boletim da C. E. U. D. de Lisboa publica, sob o título «As Instruções do Ministério do Interior», um comentário de que extraímos as seguintes passagens:

«Os jornais publicaram no dia 23 extensas instruções sobre a campanha eleitoral dadas pelo Ministério do Interior aos governadores civis. Por uma forma geral não oferecem grande novidade tais instruções

Com efeito, não se pode pretender que as eleições são sérias quando não se asseguram aos candidatos condições de perfeita igualdade. Ora, o cerceamento dos mais elementares direitos de propaganda — como o impedir-se o acesso

Boletim Interno - N.º 1 20 de Setembro 1969

UNIDADE DEMOCRÁTICA

C.E.U.D.

SEDE: Rua dos Fanqueiros, [illegible], 4.º [illegible] // Telefone [illegible] // LISBOA

COMUNICADO

Reuniu-se a Comissão Coordenadora da [illegible] que aprovou a lista dos candidatos à [illegible] deputados à Assembleia Nacional, [illegible] próximo dia 26 de Outubro. [illegible]

Gomes, 22 anos, [illegible]

á rádio e á televisão — vem dificultar o contacto com as grandes massas e finalmente, prejudicar sériamente o esclarecimento do eleitorado.

Não é por acaso que isto acontece. O Governo tem demonstrado que teme o diálogo e que é incapaz de sujeitar a sua política á contraprova dos grandes debates públicos.

É certo que se poderá argumentar com a circunstancia da televisão ser uma sociedade anónima e das emissoras privadas poderem teóricamente reservar um pouco do seu tempo á propaganda da oposição. Mas toda a gente sabe que não é assim.

manifesto

Da C. D. E. ao povo de Lisboa

Recebemos da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa, com pedido de publicação, o seguinte documento:

«Dada a actual conjuntura nacional e tendo em vista a realização de eleições para deputados no próximo mês de Outubro, entende-se que os democratas devem intervir nesse acto político sob forma de ampla frente unitária, mas perfeitamente conscientes do significado dessas pretensas eleições no quadro de uma política repressiva geral que o Governo perpetua e é, ao fim e ao cabo, a sua estrita condição de sobrevivência.

Um regime político como aquele que detém o Poder em Portugal desde há quarenta anos não retira a sua legitimidade de uma vontade nacional autêntica e livremente expressa, mas apenas de uma situação de força, opressão e violência.

Pretende o Governo, como perfeitamente transparece dos respectivos actos e das declarações publicas dos seus principais responsáveis, que a participação dos democratas nas próximas eleições não passe de um pequeno episódio político, porém susceptível de «legalizar» a posição do regime perante a opinião publica nacional e internacional.

Compete aos democratas, compete ao povo do distrito de Lisboa e de todo o País, fazer cair pela base tal propósito do Governo.

Organizando-se em todas as freguesias e concelhos e bem assim nos diversos sectores profissionais; constituindo-se em comissões, desde as mais restritas, por simples locais de trabalho, ou por ruas e zonas, até ás mais amplas, abrangendo toda uma divisão administrativa ou um grupo sócio-profissional; formando comissões de mulheres e de jovens; coordenando e interligando essas multiplas organizações e esforços — poderão assim os democratas unir-se num vasto trabalho de consciencialização cívica, de estudo dos magnos problemas que se colocam ao País e de formulação das reivindicações básicas do povo português no plano político, económico e social.

Note-se que todo este movimento não pode nem deve assumir o carácter de oposição utópica ou, o que seria até pior, de oposição condicionada pelos designios do Governo.

Não: neste País e neste momento histórico, o problema fundamental que temos de formular é precisamente o da instauração da democracia, ou seja, a conquista do Poder pelas forças democráticas

Nenhuma actividade política, nenhuma participação em qualquer acto publico, nenhum movimento de autênticas raízes democráticas poderá atraiçoar ou mistificar tal objectivo e tal responsabilidade.

Ora, se os democratas do distrito de Lisboa e de todo o País quiserem — e querem-no indiscutivelmente — a campanha eleitoral será um vasto esclarecimento e definição da opinião publica perante os problemas nacionais, com maior expressão e dinamismo que os verificados em situações anteriores.

O Governo continua a agitar, com puros objectivos demagógicos, o espantalho da subversão.

Pois bem: os democratas de Lisboa, como os do País inteiro, lançam ao Governo um desafio que só por si destrói tal verbalismo discursivo e intimidativo — *o desafio da legalidade*.

Pretende o Governo fazer eleições livres? Pretende o Governo escutar a vontade autêntica do povo?

Sem antecipar uma resposta — que entretanto não se afigura passível de duvidas — deve desde já declarar-se liminarmente que o próximo acto eleitoral está falseado á nascença, na medida em que o recenseamento dos cidadãos eleitores se mostra inquinado por consabidos vícios de fundo.

Proibidas como foram por despacho do ministro do Interior as Comissões Promotoras de Voto e as Comissões Democráticas Eleitorais existentes á data e a constituir; impedido o acesso da opinião democrática á imprensa diária e regional e bem assim á Rádio, Televisão e outros meios informativos; restringidos, como sempre, os mais elementares direitos de associação e reunião, culminando com uma ameaça á liberdade individual dos participantes das Comissões Democráticas Eleitorais, expressa em documentos solicitados e publicados pelo Governo com ostensiva atitude de intimidação — por tudo isso, comprometeram-se irremediávelmente algumas das condições indispensáveis para a realização de um acto eleitoral sério e digno.

Entre continuidade e renovação (palavras que foram utilizadas, como sabemos, pelo dr. Marcello Caetano) verifica-se que o regime se mantém fiel á primeira alternativa

O regime é o mesmo, na sua estrutura e na sua ideologia, tendo apenas a servi-lo uma nova equipa, que pretende activar a máquina burocrática e utilizar fórmulas mais eficazes de exercício do Poder.

Entretanto, o País defronta-se com a mais grave crise de toda a sua história.

Guerra colonial; baixissimo nível de vida das classes trabalhadoras e da maioria da população; atraso endémico no plano da instrução e da cultura; ausência das liberdades políticas ditas fundamentais — não há direito de associação, de reunião, de informação para o povo português; coarctação total do direito ao trabalho, pois este implica o reconhecimento do direito á greve e á liberdade sindical; isolamento no plano internacional — estes e tantos outros problemas são as premissas impostas ao nosso povo por um regime político ao fim de quarenta anos.

Será tarefa de uma Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa formular e desenvolver adequadamente os diversos pontos programáticos a apresentar ao eleitorado como base de intervenção política — tendo em conta já a plataforma de acção comum que foi aprovada na reunião de S. Pedro de Muel.

Tal programa terá de ser elaborado a partir das bases sociais activas, ou sejam, os nucleos de acção cívica e política organizados por sectores profissionais e por divisões administrativas, por forma a exprimir democráticamente os problemas e reivindicações do povo do Distrito de Lisboa.

Como simples linha de orientação, desde já se declaram os seguintes princípios:

— abertura de negociações com interlocutores válidos, com vista ao termo imediato da guerra, ao estabelecimento da paz e ao reconhecimento da autodeterminação dos povos;

— exercício efectivo de todas as liberdades fundamentais, não apenas as estritamente políticas (direito de reunião, associação e livre expressão de pensamento) mas sobretudo as de carácter social (direito ao trabalho, direito á habitação, direito á instrução e á cultura, direito á dignidade social).

— combate aos monopólios e latifundios e á penetração crescente do capital estrangeiro, a quem o Governo vem hipotecando as melhores riquezas do País;

— melhoria das condições de vida do povo, com base num processo de desenvolvimento em que as classes trabalhadoras participem no planeamento e controle da política económica e social da Nação;

— liberdade sindical, com o necessário reconhecimento do direito á greve;

— livre acesso a todos os graus de ensino, sem discriminação social;

— libertação dos presos políticos e regresso dos exilados;

— extinção da policia política e dos Tribunais Plenários;

— estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os povos;

— em suma: combate a toda e qualquer forma de sujeição do nosso povo ao imperialismo e definição das grandes vias que podem e devem impelir o País para uma fase de verdadeiro progresso no plano económico, político e social.

Dentro desta perspectiva geral, os democratas do Distrito de Lisboa deverão intervir nas eleições, definindo desde já o direito e o propósito de discutir amplamente os problemas nacionais

Incumbe ao povo do Distrito, a todos os antifascistas, a grande e urgente tarefa de organizar um amplo movimento cívico e político, capaz de definir e coordenar toda uma linha de acção, formulando as reivindicações básicas das classes trabalhadoras, dos intelectuais progressistas, dos jovens, das mulheres e conferindo assim á sua intervenção eleitoral uma força e significado político ricos de perspectivas no actual momento histórico.

DEMOCRATAS!

A Vitória exige a nossa unidade!

Uni-vos em torno dos objectivos aqui expostos!

Uni-vos pela Democracia, pela Liberdade, pela Paz!

ORGANIZAI-VOS NO MOVIMENTO DEMOCRATICO ELEITORAL DE LISBOA!

Uma nota do Governo Civil de Portalegre

O Governo Civil de Portalegre tornou publica a seguinte nota:

«1 — Na tarde do dia 16 de Setembro, o governador civil de Portalegre recebeu, pela primeira vez, uma delegação de elementos oposicionistas, constituída pelos srs. Raul dos Santos Pinto, José Panasco de Sousa Gomes, Fernando José Fernandes Costa Mascarenhas (marquês de Fronteira) e arquitecto Nuno Teotónio Pereira, de Lisboa, que verbalmente lhe manifestaram o desejo de efectuar uma sessão preparatória de apresentação de candidaturas.

2 — Na manhã de 18, foi entregue na secretaria do Governo Civil o requerimento pedindo a autorização para a realização da referida reunião para o dia seguinte (dia 19), em Portalegre.

3 — O requerimento foi indeferido no mesmo dia 18, no termos do art.º 2.º do Decreto n.º 22 468, por não ter sido apresentado com a antecedência legal. Deste despacho foi dado conhecimento aos interessados na própria tarde do dia 18.

4 — Na manhã do dia 19 (sexta-feira), foi entregue novo requerimento pedindo autorização para realização da sessão na segunda-feira, dia 22, ás 21 e 30, no Cine-Teatro de Portalegre.

5 — No mesmo dia foram notificados os requerentes do deferimento do seu pedido facultando-se o cumprimento das condições anteriormente determinadas (apresentação da autorização dos arrendatários do cinema, identificação do presidente da reunião e indicação do numero aproximado de participantes), até ás 16 horas do dia marcado para a reunião, o que foi cumprido, pelo que a mesma se realizou.

6 — O governador civil, ao tomar conhecimento pelos jornais e mais tarde pelos interessados de que os promotores da candidatura alegavam terem dificuldades para a obtenção das certidões de eleitor, imediatamente procurou saber, junto das Camaras Municipais do distrito, a verdade dos factos, e embora tivesse averiguado que em nenhum caso houve desrespeito do prazo fixado no artigo 15.º do Decreto-Lei n. 37 570, recomendou particularmente, que fossem prontamente satisfeitos os pedidos de certidões existentes e quaisquer outros que viessem a ser apresentados.

7 — Deste facto foi logo dado conhecimento pessoal e telefónico ao sr. Raul dos Santos Pinto, pelo próprio governador civil, tendo sido acentuado que, se houvesse dificuldades derivadas da distancia a outros concelhos, se requeressem certidões que faltassem na Camara sede do distrito, o que efectivamente veio a verificar-se.

8 — Pelas 18 horas e 5 minutos do dia 25, compareceram neste Governo Civil, os srs. Raul dos Santos Pinto e Fernando Mascarenhas (marquês de Fronteira), informando que, apesar de terem todas as certidões, não lhes havia sido possivel, até áquela hora, obter numero suficiente de assinaturas, sendo esclarecidos de que, nessas condições, o processo não poderia ser considerado válido, mesmo que tivesse sido entregue dentro do prazo legal. Posteriormente, teve-se conhecimento de que essas assinaturas não haviam chegado a ser reconhecidas».

Comunicados

A C. D. E. de Vila Real distribuiu o seguinte comunicado:

«1. Foi participada ao Governo Civil a constituição da Comissão Democrática Eleitoral de Vila Real.

2. Foi recebida uma circular que regula a fiscalização das assembleias de voto que dificulta enormemente a realização dos planos eleitorais da C. D. E. V. R. Tal dificuldade se há-de anteolhar como inibitória de uma actividade regular e que se prometia normal, no planeamento das delegações às diversas secções de voto. Isto de ter de saber-se quanto aos delegados das comissões para efeitos de fiscalização, «que se trata de cidadãos já inscritos pela assembleia ou secção a que se destinam» só facilita a U. N., cujos serviços e pelos motivos que todos nós muito bem conhecemos, se encontram *sòlidamente* apetrechados e organizados.

3. Os quatro candidatos a deputados da Oposição Democrática deste círculo têm-se reunido com a finalidade de assentar nos pontos fundamentais do seu programa de acção eleitoral. A última reunião decorreu em Chaves, a cuja Comissão Concelhia pertence o candidato dr. Júlio Montalvão Machado. A próxima reunião será em Alijó

4. Roga-se mais uma vez

(Continua na página seguinte)

«QUEREMOS CONVENCER»

(Continuação da 1.ª página)

Barros proferiu a seguinte alocução aos democratas presentes:

É esta a primeira vez que compareço perante vós, que tomo parte numa reunião da Assembleia dos Democratas de Coimbra. Por isto mesmo, estou em crer que ninguém estranhará que eu comece esta breve e singela alocução com a afirmativa do meu profundo reconhecimento pela honra que me conferiram quando, por unanimidade, deliberaram designar-me vosso candidato a deputado por este distrito, ao qual estou desde sempre estreitamente vinculado, já que nele viveu meu avô durante mais de 80 anos e já que nele nascemos meu pai, na Figueira da Foz, e eu próprio, nesta mesma capital, não muito longe do Penedo da Saudade

O meu reconhecimento é, na verdade, profundo e podeis crer que será perdurável. Mas o facto não me impede de afirmar, com uma franqueza a que tereis que vos habituar, e sem nada que se assemelhe a falsa modéstia, que a vossa escolha está muito longe de ter sido a mais feliz. Sou, na verdade, um homem por completo despido de ambições políticas, sem nenhum gosto pelo poder e o exercício da autoridade, sem as aptidões exigidas pela acção política no que esta reclama da maleabilidade, dotes de improvisação e sentido de oportunidade. Sou, uma palavra, um cidadão que não tem o menor propósito de fazer carreira na vida política, de substituir por ela a vida já longa que tem sido a sua de professor e investigador, funções estas que nunca conseguiria trocar por outras que pudessem ser mais do seu agrado.

Se, acaso, for eleito, o que civicamente ambiciono com todo o ardor mas pessoalmente, egoisticamente, não deixo de recear, — os eleitores de Coimbra terão, na Assembleia Nacional, quem os representará com dignidade e zelo, mas também sem aquela combatividade e aquela intrepidez polémica que vão provàvelmente tornar-se indispensáveis perante adversários que não estão habituados a respeitar opiniões diversas das suas, nem sequer a ouvir vozes discordantes.

Os membros da Comissão Eleitoral e os meus camaradas da lista oposicionista estão certamente recordados da resistência tenaz por mim oposta aos seus repetidos convites e sabem o que foram os esforços a que se viram obrigados para finalmente, me convencerem. Não cedi, aliás, por motivos pròpriamente políticos, porque não sou muito sensível a esse tipo de argumentos. Cedi, sim, por me ter compenetrado de que se tratava afinal dum dever de puro civismo, duma autêntica obrigação para com o Povo deste País, tão profunda e duradouramente espezinhado nos seus direitos mais elementares, que até se esquece tantas vezes de lutar por eles.

São muitos e graves os desacertos políticos cometidos por esta situação que já durou muito para além do que é humanamente suportável que não sabemos ainda se deseja evoluir num sentido menos afrontoso da nossa dignidade. São muitos e sérios os seus erros económicos, são muitos e profundos os seus atentados á cultura. Mas estou convencido que a tudo sobreleva, no aspecto negativo, a influência pavorosamente nefasta que o regime tem exercido sobre a fibra moral da Nação.

Meu avô paterno, Afonso Ernesto de Barros, Visconde da Marinha Grande, homem de ideologia sem duvida socialmente conservadora, mas convictamente liberal, no bom sentido do termo que é o da crença nas virtudes da Liberdade, faleceu em 1927, antes de ter celebrado o primeiro aniversário do regime imposto aos portugueses pela espada corajosa mas irresponsável de Gomes da Costa Não assistiu, portanto, se não aos primeiros e incertos passos, àquilo que não foi afinal nada que possa comparar-se com o que estava para acontecer e infelizmente aconteceu. Não obstante, passados já os seus 90 anos, confidenciou ele um dia a meu pai, com lucidez profética: «estou apreensivo com a forma como as coisas estão a correr; se isto continua como promete o povo português que parece ter esquecido as suas virtudes de outrora acabará por perder completamente o seu carácter!»

É certo que, para honra de Portugal e reconforto de todos nós, a sinistra profecia de meu avô não se cumpriu integralmente. Sempre que uma oportunidade lhes é proporcionada, em todas as camadas da população, surgem pessoas corajosas, afirmativas e esclarecidas que sabem o que pretendem e são capazes de o dizer com coragem, inteligência e desassombro; é o que, por exemplo, está a acontecer agora porventura até com mais vigor do que em ocasiões anteriores mais ou menos similares.

Mas nem por isso deixa de ser infelizmente verdadeiro que a persistência na supressão das liberdades mais essenciais, a serieidade desumana com que têm sido punidos os adversários do regime e até os meros delitos de opinião, a recusa sistemáticamente cega de impedir o exercício permanente duma oposição legal — tudo se tem conjugado para induzir massas enormes da população a renunciar a combater pelos seus direitos, a prescindir de pensar pelas suas próprias cabeças, a desistir de tentarem viver á sua maneira a grande aventura da Vida

Vem isto a propósito para dizer que a contribuição que pessoalmente poderei dar á dura campanha que se avizinha, nos curtos intervalos deixados livres pelo serviço de exames a que não posso nem quero eximir-me, será essencialmente de índole cívica de raiz moral. Tentarei, com os meus recursos oratórios, que são fracos, convencer o Povo de que lhe não é lícito deixar de lutar continuamente, incessantemente, durante a Campanha e *após a Campanha*, sempre e em toda a parte pela defesa das suas liberdades, pela reivindicação das suas franquias, pelo seu direito a estar permanentemente associado, quer a favor do poder quer contra o poder, ao Governo da Nação, exercendo assim um papel que é atributo de todos nós e não apenas de grupos privilegiados, sem raizes populares nem consentimento explícito dos governados.

É perfeitamente natural que, sendo eu um economista agrário de profissão e tendo-me proposto a deputado por um círculo em que 60% da população estão ligados á agricultura, tencione dedicar principalmente as minhas atenções aos problemas agrícolas do distrito, que são muitos, gravissimos, difíceis de resolver e até hoje sem um esboço sequer de solução. Mas mesmo neste aspecto, quando tratar de tais questões o que procurarei fazer com objectividade e imparcialidade, mesmo neste aspecto, a ideia matriz continuará a ser a de que não existem soluções válidas que não comecem pela promoção do Homem, pela formação de cidadãos conscientes e informados, capazes de tomar conta de si proprios e não deixar os seus problemas passivamente entregues a outrém

De Portugal direi aquilo mesmo que, do seu país, irmão do nosso, disse o Arcebispo do Recife, D. Hélder Câmara, o padre Hélder como ele prefere que lhe continuem a chamar: «A solução que o país exige é ver governo e povo, forças vivas da Nação, amantes da liberdade e da democracia, unirem-se para transformar leis básicas em leis vivas de um povo vivo, que decide marcar encontro com o seu próprio destino!»

Duas palavras ainda antes de terminar esta minha primeira alocução aos democratas de Coimbra. Estou convencido de que a campanha em que vou colaborar, na medida das minhas possibilidades, será conduzida da nossa parte com elevação, dignidade e respeito pelos adversários. Embora certos de que eles estão errados e que dos seus erros todos temos sofrido, bem duramente por sinal, nem por isso devemos negar-lhes sistemática e acintosamente as virtudes da boa fé, da sinceridade e da lealdade, essas mesmas virtudes que em nós pretendemos cultivar e manter acesas durante toda a campanha, por difícil que esta se revele.

A luta que vamos travar será uma luta legal, no âmbito de uma legalidade que nos desagrada sem dúvida mas que deliberámos conscientemente aceitar. Combateremos, por isso, a peito descoberto, assumindo as nossas responsabilidades, sem injuriar ninguém, sem caluniar, sem ofender. Como escreveu D. Hélder Câmara, que me perdoarão voltar a citar: «Somos democratas e utilizamos pura e simplesmente processos democráticos. Acreditamos na força das ideias. Queremos convencer e não apenas vencer.»

PROF. ENG.º HENRIQUE DE BARROS

COMUNICADO DA C. D. E. DE VILA REAL

(Continuação da pág. anterior)

a todos os democratas deste distrito que se constituam em comissões de freguesia, participando-o à sede Central (Largo do Pelourinho, 11, 3.º, dto., Vila Real). Informamos que essas comissões podem constituir-se e funcionar legalmente. O Presidente do Conselho de Ministros foi bem claro: «quero que o voto seja livremente expresso». A necessidade de coordenação de todas as actividades aconselha, porém, a participação da constituição de todas as comissões democráticas existentes à sede Central. Espera-se essa participação e o envio de mais contribuições monetárias que ainda escasseiam

5. A C. D. E. V. R., à semelhança do que está a acontecer em outros pontos do País, vai fazer condigna celebração do 5 de Outubro.

■ **Novas sedes** — A Comissão Democrática Eleitoral de Setubal anuncia, em comunicado, que em todos os concelhos continua a abertura de sedes e nomeação dos seus responsáveis. E informa ter aberto a sede de Alhos Vedros, na Rua Pedro de Anaia 5.

■ **O voto** — Num comunicado, a C. E. U. D. do Porto «aconselha o exercício de um dos essenciais direitos dos cidadãos: o voto nas urnas».

SE AS DIFICULDADES AUMENTAREM A C. E. U. D. NÃO IRÁ ATÉ AO FIM

— AFIRMOU-SE NA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Na reuniãocom os jornalistas promovida pela C. E. U. D. de Lisboa, o dr. José Magalhães Godinho saudou os representantes da C. D. E. (a quem garantiu que a campanha da C. E. U. D. não começará enquanto a outra comissão democrática de Lisboa não for autorizada a fazê-lo também) e da Comissão Eleitoral Monárquica, e deu a palavra á candidata Etelvina Lopes de Almeida, que fez a leitura do «manifesto» (o qual, em virtude da sua extensão, só amanhã se publica).

Seguiu-se a comunicação sobre o problema do Ultramar, lido pelo candidato dr. Francisco Salgado Zenha, a qual se publica noutro local desta edição.

Por ultimo, antecedendo o período destinado ás perguntas e respostas, o candidato dr. José Carlos Megre leu a breve declaração já referida, a propósito das circunstancias em que tem decorrido a campanha pré-eleitoral e eleitoral.

Ao abrir-se o período de perguntas e respostas, o dr. Mário Sottomayor Cardia, candidato da C. D. E., agradeceu a «prova de solidariedade da C. E. U. D.»

Em resposta ás perguntas formuladas pelos jornalistas nacionais e estrangeiros presentes, usaram da palavra os candidatos drs. Mário Soares, José Carlos Megre Salgado Zenha, Francisco Sousa Tavares, arquitecto Mário Bruxelas, eng.º Gonçalo Ribeiro Teles e estudante Jaime Gama.

Eis os principais pontos focados:

● *Declarações (ontem publicadas) de quatro novos candidatos da U. N. do Porto:* o dr. Mário Soares salientou que não podia deixar de congratular-se com o facto de alguém, na U. N., defender, por outras palavras, a doutrina já largamente exposta pela Oposição, quanto ao problema das liberdades fundamentais.

● *Portugal na N. A. T. O.:* «Os candidatos da C. E. U. D. — segundo o dr. Mário Soares — defenderão a mais leal colaboração com a O. N. U., inclusive no que diz respeito ao problema colonial, e, quanto á integração na N. A. T. O., uma política de independência no quadro da organização, semelhante á adoptada pela França.»

● *A invasão da Checoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia:* ainda o dr. Mário Soares, embora falando a título pessoal — disse condenar «a intervenção da U. R. S. S. na Checoslováquia, tal como a dos Estados Unidos no Vietnam».

● *Participação ou abstenção da C. E. U. D. nas eleições:* o dr. Salgado Zenha dirigiu aos presentes o que afirmou ser uma «mensagem da C. E. U. D.»:

Nós não iremos incondicionalmente até ao fim: só consoante as condições em que a campanha decorrer. O nosso objectivo é aproveitar o momento eleitoral até ao momento oportuno». Noutro passo, diria, adiante, o dr. Sousa Tavares: «Se as circunstâncias legais forem alteradas, se as dificuldades aumentarem, é evidente que não poderemos concorrer. Não por medo de perdermos — mas para não colaborarmos numa farsa».

● *Divergências entre a C. D. E. e a C. E. U. D. de Lisboa:* «As divergências poderiam ter sido sanadas se o País não fosse tão intimidado» (Dr. Salgado Zenha).

● *Profundidade da campanha eleitoral:* Afirmando que «se uma simples conferência de Imprensa foi suficiente para justificar a intervenção das autoridades policiais», o dr. Mário Soares acrescentou, contudo, que a C. E. U. D. procurará levar a efeito comícios amplos, e utilizar o mais possível a colaboração da Imprensa e da Rádio particular, sabido já a impossibilidade de acesso à E. N. e à R. T. P.

Salientou que a Rádio e a Televisão constituem órgãos normais da campanha eleitoral, realizadas em todo o mundo. Afirmou, por fim, que a «comemoração ordeira da data histórica de 5 de Outubro» será feita em colaboração com a C.D.E.

todos os caminhos vão dar à Torralta

e muitos se orientam por este sinal
que não se limita a ser um sinal orientador
é também
o indicativo multiplicador do seu dinheiro

Informações: Av. Duque de Loulé, 66-A
Lisboa — Tele. 54479 - 555681 - 51748

TORRALTA
A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

Perspectivas e problemas d

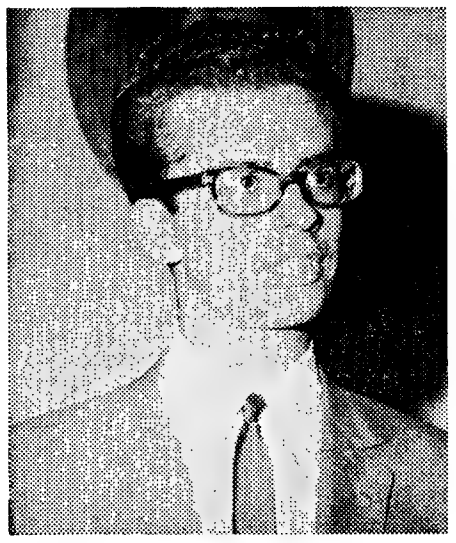
Mesa-redonda sobre os problemas e as perspectivas da vida política em Portugal em que tomaram parte os candidatos Henrique Barrilaro Ruas (C. E. M.), Mário Soares (C. E. U. D.) e Mário Sottomaior Cardia (C. D. E.).

MODERADOR — Sendo o tema desta mesa-redonda «Perspectivas e problemas da vida política em Portugal», pensamos que a primeira pergunta a fazer deve ser: quais os principais problemas da vida política portuguesa?

Vamos tirar á sorte qual dos representantes exporá em primeiro lugar o seu ponto de vista.

(Calhou que o primeiro fosse o dr. Sottomayor Cardia).

SOTTOMAYOR CARDIA — Na ordem estritamente política, penso que os principais problemas da vida política portu-



Sottomayor Cardia

guesa são os das liberdades publicas fundamentais; o problema da estrutura do Estado; e o problema. Sobre estes três assuntos todos teremos alguma coisa a dizer. Não sei se será oportuno tecer sobre eles desde já algumas considerações ou se é melhor as outras pessoas dizerem o que pensam, para depois nos pronunciarmos.

(Calhou ao dr. Mário Soares ser o segundo a falar).

MÁRIO SOARES — Penso que, efectivamente, os problemas postos pelo Sottomayor Cardia são muito importantes. Eu talvez acrescentasse outro problema, que é o do desenvolvimento das estruturas económicas do Pas. Por mim, reconduzo os diversos problemas que ele citou ao problema, em especial, da liberdade, da organização do diálogo entre as diversas correntes políticas e sindicais que possam vir a constituir-se no País. Porque se é certo que há um problema prévio que condiciona toda a vida publica portuguesa, e é efectivamente o problema da guerra ou das guerras eu suponho que para se tratar esse problema e para se poder chegar a opções sobre esse problema é necessária a liberdade. E por isso é que, em variados documentos da Oposição, suponho que há uma grande unanimidade em reclamar, como questão prévia, um amplo debate.

Os indivíduos estão politicamente alienados

Quanto ao problema do desenvolvimento económico e da estrutura do Estado, eu penso que quer um, quer outro, requerem préviamente a liberdade, porque não há planificação económica sem que os indivíduos que participam na vida económica possam efectivamente discuti-la e divulgar as suas opiniões. A grande desvantagem dos planos económicos portugueses, até hoje, é que os indivíduos, no nosso País, estão politicamente alienados, são objectos do progresso e não sujeitos do próprio progresso. Para serem sujeitos precisam, justamente, de terem condições de liberdade e de se poderem exprimir. Por isso é que eu reconduzo todos os problemas ao problema da liberdade.

HENRIQUE BARRILARO RUAS — Não tenho nenhum problema novo a acrescentar. Parece-me que estão enunciados os problemas fundamentais.

MODERADOR — Se não vêem inconveniente, eu passava a um problema que surgiu na intervenção do Mário Soares. Enumerando problemas, ele pôs a tónica num que considerou fundamental, que é o problema da liberdade. Estão de acordo que o debate continue nesta direcção?

SOTTOMAYOR CARDIA — Eu penso que o problema da liberdade é prioritário, por entender que a liberdade é o meio institucional em que todos os outros problemas poderão ter solução. No entanto, a própria solução do problema da liberdade e da conquista da liberdade faz-me reverter a um problema para mim mais fundamental e que não é nenhum daqueles que atrás indiquei; aliás sublinhei na altura que me referia a problemas de ordem estritamente política, e, por isso, não incluí o do desenvolvimento económico-social, precisamente por não o considerar um problema apenas de ordem estritamente política, embora profundamente condicionado por opções de natureza política.

Para mim, a solução do problema da liberdade pressupõe uma modificação estrutural da sociedade portuguesa. Suponho que na sociedade portuguesa só pode funcionar um regime pluralista e democrático se, ao mesmo tempo, não digo préviamente nem consequentemente, mas simultaneamente, se liquidar o poder social dos grupos que são a força antagónica da vigência de qualquer liberdade fundamental. Não creio que seja possível a conquista da liberdade mantendo-se a estrutura dominante na sociedade actual e os seus reflexos ao nível do poder do Estado. Actualmente, o Estado é propriedade privada dos grupos monopolistas e latifundiários. Enquanto subsistir na sociedade portuguesa o poder dos monopolistas e latifundiários, não creio que o problema da liberdade possa ter uma solução suficiente e estável. Portanto, e prioritáriamente, parece-me que o problema da conquista da liberdade, tal como o problema da reorganização do Estado em termos democráticos, tal como o da solução da guerra presupõe a destruição do poder so cial dos grupos dominantes. Sem tal reforma de estrutura não creio que possa assegurar-se um regime de liberdade.

Estou de acordo com o Mário Soares quando ele diz que o problema da liberdade é condição para a solução de todos os outros problemas nacionais: o problema da habitação, o problema da saude, o problema da educação, etc. Ai considero, efectivamente, que a questão da liberdade é condicionante. Mas parece-me que tem de inserir-se a conquista da liberdade num contexto sociológico que é, em linhas gerais, aquele que eu procurei delinear.

MODERADOR — O Sottomayor Cardia põe a questão da prioridade dos problemas mas em termos diferentes do Mário Soares. Enquanto este considerou como problema prioritário o da liberdade, o Sottomayor Cardia liga, ao mesmo tempo, como problemas prioritários, dois: esse da liber-

José Fernandes Fafe

dade e o da liquidação do poder social dos grupos dominantes. Que se oferece dizer ao Mário Soares sobre este ponto?

MÁRIO SOARES — Evidentemente que compreendo muito bem o ponto de vista do Cardia e não tenho grandes objecções de fundo a pôr-lhe. No fundo, quando eu me refiro ao problema da liberdade, refiro-me ao problema da democracia, visto que só um regime com estruturas democráticas é que, efectivamente, pode assegurar a liberdade Evidentemente que, como se sabe, e o Sottomayor Cardia acentuou-o, há um aspecto, que é o da democracia política formal e há outro aspecto da democracia económica. Como socialista, efectivamente, eu penso que só num regime de democracia económica pode ser assegurada a liberdade. Nesse sentido eu estou de acordo com ele, mas poderei não estar completamente de acordo neste ponto: é que para nós chegarmos á democracia económica poderemos ter de passar por uma fase prévia, que terá de ser a conquista da liberdade, isto é, de democracia política prévia, e, dai, passarmos progressivamente para uma democracia económica efectiva

Assim que nós atingirmos a democracia política, isto é, quando houver democracia no Estado português, estão criadas as condições fundamentais para que os grandes problemas nacionais se possam debater e equacionar, embora não se possa resolver tudo de um dia para o outro. E é dessa equação, desse debate, do livre jogo das forças políticas e, o que eu reputo muito importante, do livre jogo das forças sociais, isto é, dos Sindicatos (não, naturalmente, dos sindicatos verticais mas sim dos sindicatos livres, como se entendem modernamente na Europa), que pode chegar-se até á conquista da democracia económica. É apenas só sob este angulo que eu me permito discordar — mas não é uma discordancia de fundo — da formulação do Sottomayor Cardia. Estou, porém, de acordo em que é indispensável, para além da liberdade, atacar as fontes efectivas de onde se derivou o regime autocrático. E naturalmente, para isso, nós temos que nos atacar ás classes sociais que tornaram possível este regime. O Sottomayor Cardia indicou algumas; poderíamos eventualmente indicar outras, mas não há duvida de que há toda uma estrutura social, de base económica, com o exercício de grandes grupos de pressão, que, evidentemente impedem a democracia. Mas isso é um problema diferente, que é o das vias para chegarmos á democracia.

MODERADOR — O Henrique Ruas tem alguma coisa a dizer sobre este ponto em discussão?

A liberdade como algo de essencial ao homem

HENRIQUE BARRILARO RUAS — Penso em relação ao primeiro ponto (se me permitem considerar que há dois pontos nesta conversa mantida entre o Mário Soares e o Sottomayor Cardia), que é o de saber se há ou não prioridade relativamente ao problema da liberdade em face dos outros problemas, que seria conveniente situar a liberdade em dois planos ou dais momentos. Se considerarmos a liebrdade, no primeiro plano, no primeiro momento, como algo de essencial ao homem, ela é certamente anterior aos problemas da estrutura do Estado e tem de ser resolvida antes da consideração do Estado e dos seus problemas próprios. E', portanto, a liberdade considerada como raiz ou fundamento do próprio Estado. A liberdade está na origem de todo o acto político humano. Mas há um outro momento em que a liberdade se revela como problema, que é aquele que pressupõe já a existência do Estado, e em que, portanto, esse problema da liberdade se pode definir como a determinação da amplitude da intervenção crítica e próprimente activa, criadora dos homens como membros da comunidade política, na obra geral do Estado, no seu dinamismo histórico. Para mim, parece-me, portanto, evidente, que o problema da liberdade no primeiro momento tem de ser considerado préviamente a qualquer outro problema, mas no segundo momento tem de ser lógicamente considerado posterior ao problema do Estado. E da sua solução depende, necessáriamente, a solução que for dada em cada momento histórico aos problemas da estrutura do Estado. Gostaria ainda, mas talvez fosse longe de mais, de fazer uma outra distinção entre a liberdade do homem dentro do Estado como político, como cidadão, que intervém críticamente e criadoramente na vida do próprio Estado, nesse seu dinamismo histórico, e, por outro lado, a liberdade do homem enquanto tal, liberdade condicionada, tutelada pelo Estado, mas

Henrique Barrilaro Ruas

em si mesma idêntica áquela liberdade fundamental que, quanto a mim, é a essência do próprio Estado, ou seja, da própria comunidade política. Mas esse problema levar-nos-ia talvez para longe desta questão da prioridade.

Quanto ao segundo problema posto, o da relação entre a estrutura económico-social e o problema da liberdade, e, ao mesmo tempo, o problema da estrutura política do Estado, eu inclino-me mais para a posição do Mário Soares, embora me pareça que a realidade histórica do homem e das nações não permite, talvez, uma teoria em termos absolutos e definitivos. Quanto a mim, temos de pensar na possibilidade das duas vias, o que aliás me pareceu que não estava fora do ponto de vista do Mário Soares. Quer dizer: pode ser que em dado momento se verifique a hipótese defendida pelo Mário Sottomayor Cardia, pode ser que noutras circunstancias se verifique a outra. Quanto a mim não há razão, do ponto de vista geral, para se considerar uma sobre a outra.

MODERADOR — Sottomayor Cardia, considera que a divergência entre a sua posição e a do dr. Mário Soares é insignificante? Segunda pergunta: Queria que nos falasse sobre a distinções semanticas que fez, sobre diversos conceitos, o Barrilaro Ruas. Em terceiro lugar, como

Diário de Lisbôa
Juvenil
N.º 641 DOS JOVENS PARA TODOS

PÁGINA 1 DO LIVRO TRISTE DA ILHA

por José Agostinho Baptista

lentamente olhaste à volta e era estio. percorreste a saudade longínqua da avenida e pensaste uma vez mais a ilha as viagens a morte. habitavas nesse tempo uma paz premeditada nos campos verdes de tua terra. era o liso espaço dos gestos, os deltas gentis dos verdes anos, e havia o porto, o velho porto sem medos explicando o grande mistério do mar. era à tua frente e aí estavas tu. vieras em agosto e tantos anos que passaram. deus teu. e foi sereno o teu encontro com os mesmos homens antigos, os companheiros ternos de uma viagem demorada, devagar ao longo da idade do corpo das estações. era o tempo bom da pele queimada, dos relógios parados. era agosto. em teu peito uma infância morna batia loucamente. queria partir. mas teu peito era todo uma canção meridional, triste e perdida na ilha.
oh a memória que arde: garoto moreno sorrindo, barcos de longe chegando, o sonho estrangeiro, as moedas, o teu mergulho fundo no ventre salgado e frio da alegria — MAR. e depois o meio pão ao ritmo dolente da fome. era estio e os anos que passaram. os nomes que aprendeste, o teu cansaço lento e cerrado sobre os dias. os barcos, os barcos sempre, a serra e o mar, era a ilha o porto as horas. e tu á espera, á espera, tarde a tarde, pelos meses dentro, a doce contemplação do cais, os braços caídos e uns olhos quietos ou quentes, talvez uns olhos diferentes, como as marés, uns olhos vagos que nunca te vieram ensinar o carnaval ou a música, um voo, um grito, uma ternura, rio ou estrela, uma nova lenda do atlântico, talvez.
estavas cansado. fora o país, o silêncio e as mãos, tudo uma planície vazia, o teu castelo em areia, a tua crença em farrapos — sim, o cansaço.
ah amigo ou irmão, como é forçoso escrever teu nome entre estes nomes tristes, escrever teu nome entre nossos nomes, nós os que já não acreditam, mas também esperam, também aqui estão. sim, como é bom dizer serenamente, dizer que folha a folha, de paisagem em paisagem, é possível construir uma nova terra, uma outra história: um jardim à beira das estações, canto livre de areais e palmeiras, canto final para este estar longe. amigo ou irmão...
estavas cansado e era tudo. viveras o oceano, a beira-mar de tua vida, garoto de antigamente, o ventre salgado e frio da alegria—MAR. viveras a mitologia de cada mês, os vinhos e as vindimas, as festas, mulheres fogueiras cantigas, viveras. pouco te restava. por isso, clandestino e só, atravessaste a noite e as noites, sem uma flor vermelha entre os dedos, sem uma paz marítima a guiar-te os passos ao longo do descontentamento. teceste o exílio em novembro. partiste enfim. hoje não cantas porque te não apetece cantar. porque cantar é difícil e a memória dói. lentamente olhas à volta e é estio. percorres a agreste presença da avenida e pensas uma vez mais a ilha as viagens a morte. há um porto. há o silêncio e a angústia. é à tua frente e aí estás tu.

A VÓS DIÀRIAMENTE REPETIDOS

por José Rogério Mineiro Carrola

Um dia na vila. Esgotam-se as ruas, os cantos.
Uma dor cresce dos pés até todo o conhecimento
até ao fim dos dias repetidos.
Cresce nos corpos a angústia de ir.
Ou então a esperança enorme que um visitante
chegue com montanhas e praias
para oferecer.
Crescem estátuas na praça. Enormes
Cresce-lhes sobre a cabeça um peso.
Olham-se nas sombras medem-se na
miséria.
Prolongam-se para lá dos sonhos
encontram-se na distância, para lá
do horizonte daqui.
Estão quietos na praça
em silêncio e esquecidos
do domingo que passa.

SEGUNDO DIGO

por Mário Contumélias

É preciso que saibam. digo o passado doendo nos sentidos.
Em cada mês o período na mulher. Arrancar a página no calendário.
Traçar no papel um novo horário que se não cumpre.
Fumar ainda um maço de cigarros dizendo ser o último.
À noite clamar a ausência do teu corpo.
Chamar a isto poema. enquanto na cidade as meninas riem alto.

«COMPOSIÇÃO», por João Leite Ferreira

QUERO FAZER UMA SUGESTÃO

por A. José Flávio

1. Dão-me licença que sugira?
Muitíssimo obrigado.
2. Tenho à minha frente os dez últimos números do «Juvenil».
Desde o 628 até ao 638 (falta-me o 629. Alguém tem um a mais?).
3. Fiz um balanço, muito simples, como quem faz um aceno.
4. Ofereço-vos os resultados desse balanço (incrível como ainda ninguém se havia lembrado de o fazer...).
5. El-los: Prosa (contos ou não) — 46 trabalhos; Poesia — 71 trabalhos; Artes Plásticas (desenho, colagens et cetera) — 7 trabalhos; Fotografias — 11 trabalhos. Total: 135.
6. Estão incluídos os trabalhos do último «Fósforo Ferrero» e nas fotografias não entram as do Carlos Lopes Ribeiro (como é lógico, dado pertencerem a uma reportagem).
7. Entre os colaboradores (que foram 135), o Manuel Ribeiro Santos executou 7 trabalhos. Bonito! O Vítor Oliveira Jorge presenteou o «Juvenil» com 5, bem como o José Rogério Mineiro Carrola. Saliente-se ainda o José A. C. Reis (4 trabalhos). Há no entanto malta, cuja passagem pelo nosso suplemento foi, neste período, muito esporádica (também posso dar exemplos: o Sousa Fernando, por exemplo...).
8. Conclusões:
a) O «Juvenil» aumenta de popularidade.
b) Consequentemente aumentam os colaboradores.
c) É preferida a poesia. 25 trabalhos dessa espécie a mais do que prosas, eis a razão de uma afirmação deste jaez.
d) O busílis reside nas obras plásticas e na fotografia. Não me venham com essa de o material ser muito caro... então aquela partidinha de bilhar e aquele conhaque de outro dia?
9. Vou arriscar uma classificação de artigos e a seguir faço uma 'proposta,

(Continua na 3.ª página)

CARTA DA SEMANA

«Há muito que não escrevo. Outras coisas, umas úteis, outras inúteis, me têm feito gastar o tempo. Depois são alguns poemas que de quando encontro no caderno. É inútil fazer mais problema sobre o eu escrever ou não. Apenas sei que de repente abro o caderno e encontro uns tantos. Se jamais chegarem a ser bons (falo de qualquer coisa que escreva) jamais sairão do anonimato — é a lei da Arte.

Acresce ainda que o que por vezes tenho de dizer não o lanço só nas páginas de um caderno um tanto aos tombos. Resolvo a minha tempestade tocando ou pintando, também. De modo que me vou repartindo.

Acima de tudo, concorde ou não, a Arte para mim serve para eu ser mais humano, mais livre e de cabeça serenamente arrumada. Isso dá-me um novo prazer de viver, embora um tanto dramático.

Não pense que estou a problematizar uma coisa na sua raiz simples. Há muitos problemas que me torturam quotidianamente, e para os quais tenho de ser paciente e sereno para os resolver, ou esperar resolvê-los. Tenho uma vontade louca de pintar, e os pincéis continuam parados porque não tenho nem dinheiro nem condições para isso. O meu 7.º ano está à vista, e eu a saber que tenho de ir fingir mais um bocado, pisar nas pegadas que os outros deixaram. A guitarra toma-me umas boas horas por dia, e preciso cada vez mais de aprender e trabalhar. Desenhar, isso é trabalho demorado, principalmente seguindo o rumo honesto que imaginei para percorrer. A minha vida devia ser consagrada à Arte; porque me arriscava sem pestanejar a ser um medíocre. Conheci o prof. Duarte Costa. Ouviu-me tocar e ofereceu-se para me ajudar, dizendo ainda que tinha principalmente muitas possibilidades técnicas. Abordou ao de leve — para não me espantar — a possibilidade de eu me dedicar à guitarra. E eu ri-me por dentro, e fiquei triste por fora.

Faço um esforço enorme para não me revoltar. Ninguém tem culpa do que eu quero; por isso não culpo ninguém. Mas há alguma coisa, talvez eu, que é a responsável. Por outro lado não posso erguer um mundo com aquilo que me dão. Não sei o que pensaria o meu Pai se lhe fosse dizer que doravante me ia dedicar à Arte só e só. Mesmo que acedesse, no dia seguinte acordaria com um pesadelo, ou seja, ter de fazer Arte como quem corta palitos, debaixo de olhos reprovadores e sempre prontos a apontarem-me o meu trabalho como inútil. Precisava de sentir a vida como minha. Se esmurasse a cabeça, era eu que a esmurrava. Se vencesse, era eu que vencia.

Desculpe, Alice, já chega de impingir os meus problemas. No entanto já sabe. Todos nós somos pequenos de mais para não extravasar com certos dilemas.

Um abraço amigo do

J. R.»

PROGRAMAÇÃO PARA UM SORRISO E TODA A MATÉRIA

por Vítor Oliveira Jorge

a tua face aí fica para leitura. dos teus reinos,
quem saberá? e depois, se o pudesses dizer. ape-
[nas
ganharias o hábito. ah, esse corrosivo hábito,
[como
te é familiar! ah, as estendidas estações que te
[abriu, esse
peso dos corpos, estações do barro, do calor.
a tua face, aí fica para quem a souber. uma troça
[amarga
à impossibilidade do gume, das recortadas faces.
[dilui-se
o nitidez de tudo no quente choro das raparigas.
[avilta-se
o brilho da palavra primeira. e uma manhã a vio-
[lência não
se reconhece. vai ver o mar, lê as falésias, con-
[sulta
a matéria. e deixa a face sobre a secretária. para
teres alguém que se fique rindo de ti.

PANORAMA

a juventude quer edificar um mundo realmente melhor

● NUNCA COMO HOJE A JUVENTUDE tomou conta de uma época, dando-lhe um tom e um sentido. A juventude está no centro de tudo. Com a sua responsabilidade perfeitamente assumida, com uma consciência aberta ao mundo, com a sua luta feita de sinceridade, de limpidez, de pureza. Se ela ás vezes se engana, isso pouco importa quando os objectivos que a animam são os mais autênticos, os mais profundos e verdadeiros. Nós temos forçosamente de compreender, de acompanhar esta marcha, este empenho, esta determinação. A juventude quer edificar o seu próprio tempo, um mundo realmente melhor do que aquele em que vivemos. Há na juventude de hoje uma chama de generosidade temperada com um sentido de responsabilidade que as gerações anteriores nunca conheceram. E isto é importante e magnífico.

(ROBERT PERROUL)

● SÓ EM TÓQUIO, ONDE VIVE UMA POPULAÇÃO DE 10 MILHÕES DE HABITANTES, consomem-se por dia 1 500 000 quilos de peixe. Deriva deste facto a existência, no Japão, da maior frota pesqueira de todo o Mundo, entregue a 228 mil empresas ligadas á captura e á conserva do pescado. Nelas, três milhões de pessoas exercem a sua actividade quotidiana, sendo para notar que não é só peixe que pescam ou capturam: também algas comestíveis e pérolas, trabalho este ultimo que raparigas efectuam, mergulhando nas águas. (...)

Foi no meio deste cenário que envolve a captura, a distribuição e a conserva das espécies ictiológicas, que se instalaram as cooperativas de pesca japonesas. Isto foi há mais de um século já, e durante este longo período quantas demonstrações têm elas feito de que uma actividade de que se exerce sem a sombra dum intermediário inutil e oneroso, é bem mais aconselhável, e bem mais rica de resultados benéficos! (...) Em Março de 1962 havia, no Japão, 5422 cooperativas de pescadores (...)

(J. Dias Agudo, «Diário de Lisboa»)

● SE TODAS AS ACTIVIDADES DA NAÇÃO ESTÃO DEVIDAMENTE ESTRATIFICADAS (...) mais uma vez sou chegado a uma conclusão — a premente necessidade dum organismo superior das artes (...) Para cerca de um milhão de habitantes, Lisboa dispõe de quatro grandes estádios, com uma lotação de mais de 200 000 lugares, fora outros campos menores, enquanto nem uma sala de concertos existe, nem um palco devidamente apetrechado. O desequilíbrio é manifesto e talvez significativo.

Tudo tem o seu lugar e o seu tempo. O que não se pode compreender muito bem é que a atenção do executivo recaia com exclusividade nuns sectores em detrimento de outros, criando um desnível que pouco se notará talvez na fachada material do país mas que corrói incontestávelmente a formação moral dos seus filhos. Embora os interesses económicos estejam na ordem do dia, não deixa de se estranhar que, quando se fala de investimentos intelectuais, sejam afinal aqueles ou a sua satisfação que se tenham apenas em vista.

(Humberto d'Ávila, «Diário Popular»)

● MAIS UM CAPÍTULO PARA UMA «CRÓNICA DO QUOTIDIANO». Do «Diário de Lisboa» de 20 de Agosto:

Porto — Não resistimos á tentação de contar a história, por ser curiosa e verdadeira.

Pessoa amiga, á ida para o trabalho, dá a uma pobre velhota que se encontra a uma esquina nó percurso, uma escudo diáriamente. No mês passado esteve em férias fora da cidade; e, no primeiro dia de regresso ao trabalho, ao passar pela velhota, deu-lhe, como de costume, a moeda e ao pegar-lhe, ela logo lhe disse:

— O senhor ainda me deve trinta escudos!

— Devo-lhe trinta escudos?

— Deve-me, sim senhor! Há trinta dias que o senhor não passa por aqui e deve-me o dinheiro desses dias!

— E não pode fazer um abatimentozinho, se eu pagar já? Não pode ficar pelos vinte escudos?

— Está bem, mas só se pagar já!

O nosso amigo deu-lhe os vinte escudos, imediatamente, para que a «dívida» fosse assim reduzida!

● ALGUÉM AFIRMOU, E MUITO JUSTAMENTE, que a musica do filme «O Salto» não foi vendida em disco em Portugal por desinteresse dos distribuidores de filmes. As musicas de filmes só coisas como «Um Homem e uma Mulher», e do género, com publico certo...

● DESDE O SEU NASCIMENTO, as crianças japonesas de Hiroshima e Nagasaqui que foram expostas *in utero*, ás radiações provenientes da explosão das bombas atómicas, são submetidas a exame médico anual. Em 1613 indivíduos observados na idade de 17 anos, 1259 apresentavam menor estatura e menor pilosidade que o normal bem como menor perímetro craniano e 30 tinham um desenvolvimento intelectual francamente atrasado. Os efeitos mais graves foram observados naqueles cujas mães se encontravam a menos de 1500 metros do hipocentro da explosão.

A data de gestação no momento do bombardeamento parece não ter tido influência no desenvolvimento da estatura e do peso mas teve influência nítida no atraso mental que foi particularmente acentuado nos casos em que a gestação era de seis a quinze semanas.

(Vida Mundial)

● ENTRE AS DUZENTAS MAIORES FIRMAS ESTRANGEIRAS CITADAS no magazine «Fortune» anualmente dedicado ao comércio mundial, figura uma portuguesa: a Companhia União Fabril, com o numero 196, entre essas duzentas empresas. A lista é baseada no numero das vendas em 1968.

(Dos jornais)

● O NAZISMO. O VELHO NAZISMO reaquecido e o neonazismo não são senão uma traição contra o país e o povo — declarou Willy Brandt, que aproveitou a ocasião para criticar o chanceler Kurt Kiesinger por ter dito, nos Estados Unidos, que o movimento da extrema direita N. P. D., não era realmente fascista, disse que o neonazismo deste movimento estava latente, embora se dissimulasse sob o disfarce democrático.

(Dos jornais)

● PROMOVIDOS PELA MOCIDADE PORTUGUESA, iniciaram-se em Lisboa os primeiros Cursos Nacionais de Jornalismo para a Juventude e que têm como patronos os drs. Augusto de Castro, director do «Diário de Notícias», e Guilherme Pereira da Rosa, director de «O Século». Cerca de 70 rapazes, representantes da Metrópole e do Ultramar estão instalados no Liceu D. João de Castro, onde estão a decorrer as várias lições e colóquios.

(Dos jornais)

● COM BASE NA ESTATISTICA ESTABELECIDA PELA UNESCO, a intensidade da leitura de jornais nos principais países da Europa é a seguinte:

Países	*Numero de habitantes*	*Tiragem*	*Dens. em %*
Inglaterra	53 441 000	26 200 000	49,9
Suécia	7 562 000	3 708 000	49,0
Noruega	3 639 000	1 377 000	37,8
Finlandia	4 505 000	1 597 000	35,8
Dinamarca	4 654 000	1 613 000	34,7
Suíça	6 030 000	1 931 000	33,1
Alemanha	56 947 000	17 431 000	30,6
Bélgica	9 221 000	2 787 000	30,0
França	46 998 000	11 800 000	27,0
Irlanda	2 824 000	680 000	24,1
Holanda	11 797 000	3 335 000	28,3
Itália	53 250 000	6 144 000	11,5
Espanha	30 817 000	3 380 000	11,0
Portugal	8 971 000	688 000	7,7

RECEPÇÃO

crítica aos trabalhos recebidos

por Alice Vassalo Pereira

M. R. D. N. (Alcácer do Sal) — Sim senhora, muitos parabéns, ganhaste a aposta. O conto tem, de facto, qualidades e será publicado. Só não gostei de uma coisa: **«Já não caio é noutra»** — dizes tu. Porquê? Eu não te disse que parasses, pois não? Não te disse que não voltasses a tentar, pois não? Então resolve-te e dá notícias. Tuas, claro. E o Carlos Manuel, se quiser, que mande mais colaboração e perca o medo que eu não sou papão de assustar meninos...

C. PINTO (Almada) — A esta hora já viste os teus poemas publicados, portanto está satisfeita a tua curiosidade (naturalíssima, aliás). Desta nova remessa seleccionei **«Suficientemente»** e **«Poemacróbio»** para serem publicados. Quero, antes de mais, dizer-te que notei uma grande evolução na tua poesia: menos artifícios, menos «palavras de domingo», mais naturalidade de expressão. Fiquei muito satisfeita e espero mais colaboração.

HORÁCIO F. T. (Almada) — Podes mandar os teus contos aqui para o jornal que eu vou lê-los e depois digo-te alguma coisa. Desde já te peço que escrevas só de um dos lados da folha de papel para, no caso de serem publicados, não haver complicações.

M.ª FERNANDA B. M. (Lisboa) — Vamos publicar a tua **«Canção»** mas toma atenção pois penso que te estás a repetir muito e a usar processos muito gastos. O vocabulário também não me parece muito cuidado: navegas demasiado em abstracções e palavras como **«alga»** já deram tudo o que tinham a dar... Procura, pois, libertar-te desse «tom morno» e dá notícias.

JOÃO C. (Linda-a-Velha) — Ora eu pensava que pessoa como tu, que já é, pràticamente, da casa, não necessitava de respostas (?) na Recepção. (Até já houve quem me acusasse de pôr o **«Juvenil»** só às tuas ordens, imagina...) Afinal enganei-me. Já agora aproveito para te dizer que este último poema me pareceu mais fraco do que os anteriores e que, tal como acontece com a Maria Fernanda, me parece que te estás a repetir um pouco. Às vezes noto um tom quase mecânico nos teus poemas que, francamente, não me agrada muito. Mas espero que isso passe depressa...

OLIVER (Coimbra) — Se, realmente, te é muito necessário escrever — então escreve. Por enquanto não podemos publicar os teus poemas, pois ainda são bastante fracos, mas convém não desesperar e trabalhar sempre mais. Convém também ir pondo, **definitivamente** de lado estes temas tão bàtidos como os amores não (ou mal) correspondidos, as tristezas do passado, as ilusões perdidas, etc., etc. Tu tens, certamente, no teu dia-a-dia, coisas bem mais interessantes do que essas. Por que não experimentas contá-las?

EDUARDO C. (Amora) —

«sentado
à mesa dum café
esperando
a tua vinda até mim
estou chorando

Vamos deixar estas angústias-de-café e falar de coisas sérias, está bem?

A. RESENDE (Lisboa) — Em breve daremos notícias dos prémios do concurso, não desesperes. E manda a colaboração prometida.

J. ASSIS (Lisboa) — Vamos publicar o teu trabalho sobre o **«Ciclo de Cinema Francês»** e gostaria que a tua colaboração não parasse aí, valeu? Este trabalho despertou-me a curiosidade.

ALDA M.ª S. M. (Porto) — Não, realmente não sou lá muito adepta dos **«paninhos quentes»**... O teu poema, como amostra das tuas possibilidades literárias agradou-me e será brevemente publicado. É claro que tem os seus defeitos: **«os homens estendem os braços ao céu», «os homens que caminham no pó»**. São expressões que já quase pertencem aos lugares-comuns dos poemas (?) literàriozinhos e bem-escritinhos... Ora o teu poema não tem, de forma alguma, um tom **«-inho»**... É até um poema com certa força. Portanto vamos tentar corrigir esse defeito — e depois dá-me notícias.

J. FEIO (Aveiro) — Há em ti um aspecto fortemente positivo: a seriedade das intenções. Mas não chega — há certos assuntos que são demasiado complexos para serem tratados na brevidade de duas páginas... Quanto aos poemas publicaremos o **«Poema do tempo do Poeta»** como incentivo... Continua a escrever.

J. M. S. T. (Porto) — O teu único poema deixou-me uma impressão muito vaga a teu respeito. Gostava que mandasses mais, pode ser?

G. ANTÓNIO (Lisboa) — Epistolarmente falando, «nós por cá bem, felizmente»... Não há razão para sustos. A demora foi uma questão de férias, nada mais. Este poema, se não tem qualidades para ser publicado, tem pelo menos a qualidade de me fazer pedir-te outros. Há qualquer coisa nele que me faz ter certa esperança nas tuas futuras possibilidades poéticas.

A. J. SANTOS (Lourinhã) — Desta remessa de trabalhos, o poema **«Movimento»** é o mais bem conseguido. No entanto, por razões várias, não poderá ser publicado. Gostava de ler mais coisas tuas. Depois te darei uma opinião mais segura.

PAULA T. (Portimão) — Não há dúvida que a **«Prosa do Chico Gordo»** é muito superior ao teu outro trabalho. Este está ainda todo tecido de lugares-comuns, daquelas grandes revoltas vagas e abstractas que nos assaltam durante a adolescência e que, geralmente, se ficam pelas boas-intenções... O pequeno apontamento do **«Chico Gordo»** — porque é mais objectivo, porque é mais natural e espontâneo (não confundir com fácil e desleixado...) será publicado. Continua a trabalhar e dá notícias.

M.ª EUGÉNIA R. M. (Lisboa) — No poema que recebi agora noto já uma grande naturalidade o que, para **principiante**, não é nada mau — embora, por si só, não chegue. Há, ainda, um leve tom romântico, do século passado, que empobrece o trabalho mas isso não é, de forma alguma, caso para perder as esperanças... Continua a escrever e lembra-te de nós.

J. C. MIRANDA (Porto)

«Só
triste
cansado do mundo
da vida
cansado do nada...»

Ena, o que para aí vai de tristezas... Vá lá, vamos esquecer essa pieguice de trazer por casa e ver as coisas e as pessoas com olhos de ver. A poesia não se alimenta de coisas passadas nem de pessoas cansadas...

MÁRIO C. (Cabeço de Montachique) — Todas as tuas suposições sairam certas, mas a «crise» será superada... Os teus contos agradaram-me muito mais do que os poemas, embora o **«Segundo digo»** tenha algumas coisas de interesse. Ainda bem que te decidiste a voltar ao nosso convívio. Escreve quando puderes.

M. B. SARAIVA (Coimbra) — O teu conto vale mais pelo que promete de prosa dinâmica do que por aquilo que já realiza. É claro que será publicado e não é menos claro que fico à espera de novos trabalhos teus.

M. A. V. MESTRE (Lisboa) — A tua poesia é demasiado conceituosa e falsa. Não me parece que esteja nela o teu futuro mas, como se diz para aí, o futuro é uma incógnita...

M.ª ROSÁRIO G. (Cova da Piedade) — A tua poesia é feita de imprecisão. Aconselhava-te, antes de mais, a furares o nevoeiro e a comprometeres-te com o concreto, com o quotidiano. Divagar? Isso mais devagar, minha amiga.

M. G. SILVA (Coimbra) — Aguarda notícias pelo «Juvenil». Já falta pouco...

P. C. BRANCO (Lisboa) — Estes poemas, embora tenham certo interesse pelo teu gosto de jogar com as palavras, são nitidamente inferiores a trabalhos teus anteriores que tenho lido. O **poema 2** começa tão bem

«O dar a mão
não pode ser
hábito de cão...»

e acaba tão mal

«dor no riso
riso na dor
por tudo ser
sem ser nada»

Não, realmente estes poemas não foram feitos em dia feliz. Vou esperar por nova fornada.

M.ª G. TEIXEIRA (Vila Real) — Os teus poemas são uma série de palavras, palavras e mais palavras. Uma enxurrada de palavras. Para já aconselhava-te uma «cura» de António Reis. Vais aprender muito com ele, asseguro-te. Verás como há uma palavra exacta para cada coisa, verás como se podem escrever poemas com as palavras necessárias nem a mais, nem a menos. Verás como a concisão se pode tornar numa virtude.

L. V. JORGE (Lisboa) — Eu cá, por mim, já mandei o teu trabalho para a máquina. Nesta questão sou mais que neutra: nem sequer vi o filme.

F. G. L. Ramalho (Almada); **M.ª A. C. Alves** (Lisboa); **Raquel** (S. Pedro do Estoril); **Maria Marques** (Lisboa); **António J. N.** (Caldas da Rainha); **E. B.** (Almada); **J. A. Antunes** (Covilhã); **C. M. C. N.** (Parede); **José Leiria** (Leiria); **A. B. Martins** (Lisboa); **M.ª C. Garcia** (Lisboa); **João Pedro B. A. P.** (Amadora) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

SUGESTÃO

(Continuação da 1.ª página)

motivo pela qual bato as teclas da minha Hermes made in Switzerland neste momento.

10. Eis a classificação:

— Melhor conto desta série de «Juvenis» (a opinião é toda minha) «*Crónica dos dias que não são dias*», do João Miguel Ventura. «Juvenil» n.º 638 de 9 de Setembro.

— Melhor poesia: «*Exactamente*», do Jorge Massada. No mesmo número.

— Melhor desenho: «*Sub*», do Fernando C. Santos. «Juvenil» n.º 635, de 19 de Agosto.

— Melhor fotografia: «*Garrafa e funil*», da Maria R. Matos Silva. «Juvenil» n.º 637, de 2 de Setembro.

A tal sugestão (Atenção Mário Castrim, atenção Alice — atenção amigos...): vamos criar o *Clube Juvenil*. Vamos pagar *x* por mês. Vamos votar entre nós o melhor trabalho que foi publicado ao fim de cada (mês) Vamos... dar mais ideias, ok?

12. Dão-me licença que me retire?

Muitíssimo obrigado.

POEMA DO HOMEM SENTADO NO CANTO DO MEU QUARTO

por Carlos Marques Queirós

há um homem sentado no canto do meu quarto
quando entro lá está ele
ao fundo à esquerda
há um homem sentado no canto do meu quarto
ninguém sabe quem é
ou donde vem
ou o que faz
sentado no canto do meu quarto
só se sabe que
há um homem sentado no canto do meu quarto
está sempre imóvel sentado no canto do meu quarto
à quinta-feira levanta-se sai de casa e
volta passados trinta e seis minutos
exactamente trinta e seis minutos
os outros dez mil e quarenta e quatro minutos
da semana passa-os
sentado imóvel no canto do meu quatro
há um homem sentado no canto do meu quatro

O NOSSO TEMPO JÁ FOI ERGUIDO

por António de Castro

era natural
ouvir a tua pele respirar
eu sentia-me útil
quando às cinco da tarde o calor
me emprestava o corpo
na areia
tínhamos todo o tempo das cerejas
a perseguir-nos

e nós procurávamos esse tempo
com um barco nos lábios

então
levantávamos as gaivotas dos nossos cabelos
precisamente
a sete mil segundos de viagem

LELOUCH COM MOTOR A 4 TEMPOS EMPURRADO POR LAURO ANTÓNIO

por Luís Vasco Goucha Jorge

TEMPO PARA IR

«*Um filme de Lelouch a recomendar*» (Pág 5 ao alto com letras grandes)» ...o homem nunca poderá condenar o homem, pois em quaquer latitude homem — HOMEM mesmo que o tamanho das letras seja diferente Aliás, o título convida ao avolumar de páginas no «dossier Lelouch», mas no já existente. Resumindo: 3 filmes os 3 no 3.º lugar. Este filme até é simpático no pretérito - mais - que-perfeito, dentro daquela linha a tal dita cuja linha Lelouchfiana.

Agora, variante variante deste filme p'rós outros dois, foi não ter conseguido o meu «habitual» 2.º balcão, lá se foram mais 10 paus para meu lelouchtiamento pessoal.

Depois de 1 homem ÷ 1 mulher=1 filmezinho e de 1 homem ÷ 2 mulheres = 1 lelouchinho, este tira-teimas não ME convenceu... ainda que de antemão sabendo as reacções contraditórias que irá provocar o filme...

TEMPO PARA VER

Quousque tandem, Lelouch, veremos os triângulos amorosos com um só macho? Pois é, eu agora até pensava que ia finalmente ver 1 mulher com dois homens, pelo menos. Ficou tudo na mesma, os 3 no mesmo lugar, ora a cores—branco e preto; focagem ao pé desfocagem ao longe e versa-vice; ruidosas conversas em silêncio; interesse pelos automóveis; grandes planos sobre erotismo vindo do-volante - para - a - alcova; pormenores de carícias e olhares pró - meiguice - a - todo - o - comprimento-ecrânico. MUSICA! Atinge-se o intervalo cansado, o cigarro sabe a chatice e vai cedo janela fora. O melhor foi a Pantera.

Aceitamos Festival Pantera propomos sesssão administração sala STOP,

TEMPO PARA FUGIR

«*...o primeiro filme a dividir totalmente a própria crítica francesa*».

Lelouch, tu chateias-me porque não ME disseste se estás ou não de acordo com o esquema julgamento-cadeia-gilhotina — pelo menos do modo em que funciona nesta sociedade em que vivemos embora feita pelos «outros», aliás nós não a faríamos assim, não é verdade... Como não dizes que não, quem cala consente e depois óh Lauro tenho uma coisa para te dizer... adesão quase neutra, sem procurar influenciar o espectador — NÃO.

Achas então que um tipo que sabe que um tipo casado pai de filha, por causa de não ser capaz de, com duas «mulheres», as estrangula... achas que a gentinha cá da minha rua não pensa logo que é muito bem feito que o matem, que é um descarado, que não tinha nada que enganar a mulher que trabalha- enquanto ele.., credo, creva enquanto ele... credo, credo, com uma filha para criar ainda por cima. Pois isto é demagogia do cárcere. Desde que a ciência inventou o castigo que ninguém faz mal sem ter atenuantes dos mais variados tamanhos.

Claro que esta mesma gentinha ao ver aquilo que um esgraçadinho pena antes de aparecer a palavra mágica FIN, já o deixa viver em paz com elas as duas ou mais se ele quisesse, mas tinha de jurar que não as matava.

Não foste portanto até ao fim da questão que levantaste Fere as susceptibilidades, sem teres medo, senão meu caro Lelouch, será sempre mais um filme que nunca atraiçoará o teu passado e se lhe manterá PERFEITAMENTE FIEL.

DO NOSSO AMOR NA CIDADE

(para a Fátima)

por José Pires Laranjeira

Mataram as aves da nossa rua
E ali colocaram impassíveis aves de bronze

2.
As nossas imagens à beira-lago não existem
Nem o branco dos cisnes é visto apenas por nós

3.
Porque as flores são letreiros de proibição
Ofereço-te uma jarra de rosas num postal

4.
Temos os pés assentes instáveis
Mas eis que o nosso amor é de cimento armado

CANÇÃO PARA UM AGOSTO

por Maria Fernanda B. Martins

misturados ás glicínias que enchiam a noite erguiam-se cânticos dançando libertos. diziamos do imprevisto daquele gosto teimoso de ali estarmos sentados contando do nosso dia e tu sorrindo como ninguém gosto desse teu jeito de fechares os olhos julgo ver-te velho com essa mesma transparência no olhar e sentir assim no sangue a confiança este verde-sol de ser alga ou flor na madrugada.

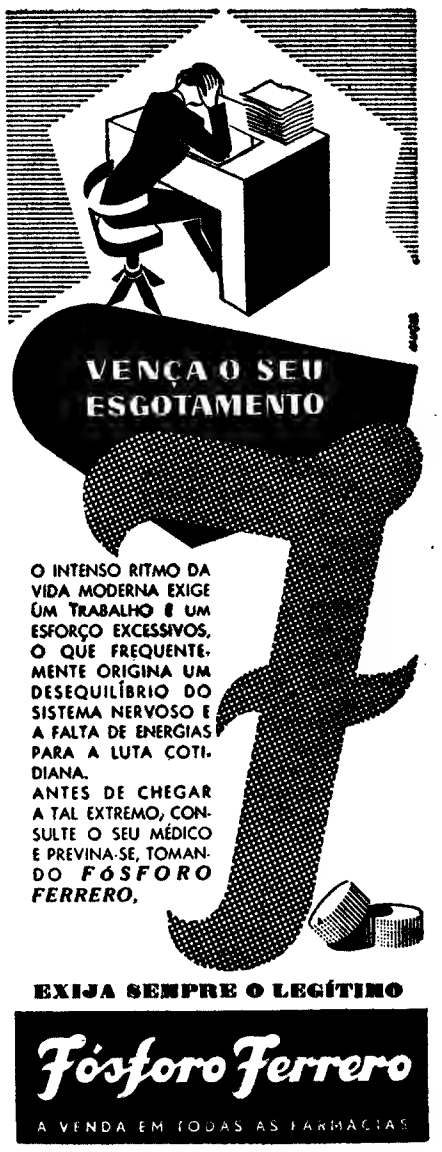
mas hoje era diferente sabíamos que a presença era breve e doia-nos a certeza de cada minuto a rasgar o tempo.

então tu dizias do ser criança do ser assim leve e acreditar na musica e eu guardei para o meu Setembro o teu rosto e uma lágrima.

PALAVRICÍDIO

por Manuel Ribeiro Santos

Sentado à secretária antiga o poeta escrevia o seu poema de abrótanos e sardónias num ritmo certo e relativamente rápido até que chegou ao último verso e deu por falta de uma palavra uma angústia lenta iniciou a escalada ao seu corpo o poeta levantou-se da secretária pondo-se a andar de um lado para o outro mãos atrás das costas quando chegava junto da janela estacava e olhava por uns momentos as árvores do jardim em frente abandonado havia uns tempos todavia os pássaros continuavam a aparecer por ali em gestos autênticos de asas o poeta de mãos nos bolsos procurava a palavra que lhe escapara incompreensivelmente do poema a que se dedicara olhou para o candeeiro suspenso no tecto distante fixando a lâmpada de cem velas que por sugestão sua era de uma cor violeta mas nem esta lhe indicou o caminho certo talvez por estar apagada e o seu poder ser nulo o poeta sentia o desespero nos olhos por isso correu as pálpebras e olhou para si numa intima-infima esperança de encontrar algum indício dela (uma pegada ou o eco do seu pode) entretanto a folha de papel onde o poema incompleto se desagregava colava-se à madeira antiga da secretária por meio de um pesa-papéis de bronze que não mostrava nada a quem o olhasse sintomático era a vergonha do poeta que se pôs a beber chávenas de café forte com uns pingos de aguardente à mistura ele sabia que tinha dentro de si aquele poema há já vinte e um anos e agora ah sim havia o jardim abandonado com pássaros amargados pela fuga das flores e havia aquele poema que ele já gesticulara tantas vezes antes de o escrever «poema do seu sangue e da sua carne» e agora quisse armar em teso tentando esquecer-se de tudo mas o poema tinha a sua força própria a sua agressividade e um corpo principalmente tinha um corpo enquanto isso a folha cheia do poema incompleto esmorecia e preparava-se aos poucos para desistir e desintegrar-se o poeta de unhas fincadas nos pulsos pesou todos os sons e em medida de represália decretou guerra aberta às palavras que cabiam dentro dos versos pondo-se imediatamente a folhear todos os dicionários que encontrava à mão até que por fim a palavra apareceu amarelecida e enorme o poeta pegou então numa tesoura e recortou-a cuidadosamente requintadamente em seguida foi buscar uma linha vermelha não sem antes ter tido o cuidado de deixar a palavra em lugar bem seguro quando voltou sentou-se de novo à secretária envolveu a palavra com a linha deu um nó corrido e depois a rir-se vitoriosamente (naquele momento esteve mesmo para telefonar para os seus amigos para estes irem assistir à demonstração) começou a apertar a apertar estrangulando a palavra aos poucos aguentando e gozando o sofrimento desta por vezes alargava um pouco o nó para a ver tomar ar de boca bem aberta e o peito a subir e a descer num ritmo acelerado até que por fim apertou o mais que pôde vendo a palavra vomitar-se numa mancha de sangue sobre a folha de papel onde o poema incompleto já se encontrava pràticamente desfeito o poeta brindou a vitória com um charuto que encheu a sala de fumo e onde os heliantos começaram a murchar perante a sua amargura e recostou-se à janela onde os maranhéus buscavam o último grão mas ao deitar-se o poeta começou a recordar que a palavra não era das que desapareciam em sonhos a insónia foi assim subindo pela noite dentro até lhe chegar aos ossos nessa noite iniciou-se o seu enlouquecimento que ele começou a habitar pacatamente a palavra era uma visão constante um dia ao fazer a barba viu-se no espelho e a lâmina era vermelha e tinha a forma daquela nesse momento tomou a livre resolução de se enforcar foi até ao escritório e só então reparou que havia alguns dias que lá não ia e que deixara a janela aberta o que provocara o desbotar do papel verde que cobria a secretária onde o poema incompleto se esfumara totalmente juntamente com os últimos heliantos a morte veio rápida com a urgência necessária para estas coisas quando os amigos vieram buscar-lhe o corpo notaram uma pequena mancha na secretária uma parte do papel verde que não desbotara na vã esperança de receber a última palavra do poema incompleto.



...a vida política em Portugal

proposta minha, que poderão, naturalmente não ter em conta, gostaria de perguntar se o problema da liberdade em política não se deve formular antes como **problema das liberdades.**

SOTTOMAYOR CARDIA — Em relação aos termos em que o Mário Soares formulou a precisão do seu pensamento, queria apenas adiantar pela minha parte o seguinte: não identifico a luta contra o poder dos monopólios e dos latifundios, com a conquista da democracia económica. Considero que a primeira luta é um passo muito importante na prossecução do segundo objectivo, mas não identifico os dois conceitos, embora os ligue dialécticamente e considere o primeiro como necessário para se atingir o segundo. Não sei, de facto, se a divergência é grande ou pequena, não me apercebi ainda. A luta contra os monopólios e latifundios, eu concebo-a, em relação ao problema da liberdade política, como destruição de obstáculos que se opõem á liberdade, ou seja, como algo que diz respeito á própria possibilidade da democracia política com alguma estabilidade. O problema da construção da democracia económica é, portanto, para mim, de uma ordem mais adiantada, digamos; a democracia económica será a efectivação da democracia social, e eu, como socialista, entendo o próprio conceito de democracia no seu conjunto e não apenas na ordem meramente política.

Os grupos dominantes têm a liberdade suficiente

Quanto ao problema de saber se se deve usar o conceito de **liberdade** ou de **liberdades,** penso que o que é real, efectivamente, do ponto de vista legislativo, do ponto de vista da prática social, são as liberdades, a liberdade de reunião, a liberdade de associação, etc. A liberdade há-de ser a resultante, na ordem política, e não o conceito filosófico de liberdade a que aludiu Barrilaro Ruas, que me parece alheio á problemática que aqui nos reune.

Penso que, e isto liga-se com a parte anterior, onde há que distinguir não é tanto entre o conceito unívoco de liberdade e a prática das liberdades, mas sim no que diz respeito aos detentores da liberdade. Quando se diz que em Portugal há um problema de liberdade, diz-se que há o problema da liberdade do Povo português na sua maioria. Os grupos dominantes, esses, têm efectivamente, a liberdade suficiente.

MÁRIO SOARES — Mesmo os grupos minoritários, os grupos de pressão económica, chamemos-lhes assim, não têm, na nossa sociedade, a liberdade suficiente. E eu suponho que este ponto é muito importante: porque uma das razões pela qual se explica a situação de alienação política em que tem vivido o nosso País nos ultimos quarenta anos deve-se á circunstancia da concepção tradicional do Chefe do Governo que dirigiu a política portuguesa duante este período, segundo a qual a estagnação económica, o marasmo económico e social eram condição essencial da manutenção de uma certa ordem publica tal como ele a concebia. E daí que a Censura, a não existência de vida política efectiva, fossem uma das suas preocupações dominantes. Neste momento verifica-se que, apesar de tudo, tem havido na sociedade portuguesa um desenvolvimento económico que é atraso em relação á distancia que nos separa dos países europeus, mas que é um certo crescimento. Ora esse crescimento postula, no meu entender, uma certa liberdade. E isso explica as contradições do novo regime, nesta fase histórica a que estamos a assistir. É justamente porque, para o progresso se poder delinear que se sente que é necessário uma maior liberdade, que nós estamos a presenciar um fenómeno extremamente curioso, neste momento: o do novo Regime querer fazer o desenvolvimento, mas pretender manter a ideologia e as estruturas políticas do passado — que são contraditórias com esse próprio desenvolvimento. Isto, naturalmente, levar-nos-ia muito longe.

Quanto ao resto, eu estou mais ou menos de acordo com o Sottomayor Cardia, pensando que não há grandes divergências entre nós neste aspecto. Ambos somos partidários da democracia política e da democracia económica e ambos pensamos, segundo eu julgo, que as duas democracias são necessárias para que haja democracia. É evidente que, sem destruir essa base económica reaccionária nós não podemos pensar em firmar em bases seguras a liberdade política em Portugal. E é a essa que me estou a referir: á liberdade política e não á liberdade no sentido filosófico ou metafísico do termo.

Mário Soares

Mas o problema que eu colocava, é um problema de outra ordem, qual seja o de saber como é que nós podemos atingir a liberdade política, ou, dito de outra maneira, como é que nós podemos atingir a democracia. É um problema, portanto, de métodos. Quanto ás formulações do dr. Henrique Ruas: eu penso que, efectivamente, não se deve falar em liberdade no sentido abstracto (numa discussão política isso não tem sentido) mas, como notou o Cardia, em liberdades, no concreto e no plural. E quando se fala de liberdades queremo-nos referir ás liberdades essenciais, ou seja, do meu ponto de vista, á liberdade de expressão, liberdade de Imprensa, total, liberdade de reunião, liberdade de formação de partidos políticos, sem quaisquer discriminações, porque me parece que todos os partidos políticos são igualmente legítimos, liberdade sindical. Sem esta liberdade sindical, sem que os trabalhadores se possam agrupar em sindicatos que eles livremente escolham e que possam confederar-se, para defender as suas reivindicações de classe, não há, efectivamente, democracia. Liberdade sindical implica, evidentemente, direito á greve, como uma das armas de pressão mais importantes da classe trabalhadora.

MODERADOR — Dr. Henrique Ruas: depois desta troca de ideias entre o Mário Soares e o Cardia gostaria de saber se quer interferir nela de alguma maneira, ou se quer firmar alguma coisa mais no seu próprio ponto de vista. Aflorou-se também um problema de métodos que não sei se querem discutir. Em ultima análise, se acharem que o tema está tratado, dentro da exiguidade de tempo de que dispomos, passariamos a outro ponto

HENRIQUE BARRILARO RUAS — Gostaria simplesmente de esclarecer um pormenor, que se relaciona, aliás, com a pergunta que foi formulada pelo dr. José Fernandes Fafe: se devemos falar de liberdade ou de liberdades. Quando falei de liberdade como fundamento da comunidade política não pretendi contrapô-la ás liberdades que se situam depois, no desenvolvimento dessa comunidade, na própria vida político-social. Penso que se pode dizer, precisamente, que dentro de uma comunidade política, de um Estado, existe o problema da liberdade ou o problema das liberdades, e gostaria simplesmente de distinguir isto da seguinte maneira: não é a mesma coisa falar do problema da liberdade política e falar do problema político da liberdade. Quer dizer, reconheço que há uma razão específica para neste momento se falar, especialmente das liberdades políticas, mas julgo também que o problema poltico da liberdade não está esgotado com o problema das liberdades políticas como conteudo. Quer dizer: há um problema de forma de Estado, de estrutura de Estado, que implica necessáriamente a realização ou a não realização, o respeito ou o desrespeito das liberdades do homem dentro da comunidade política. Se quiséssemos tratar realmente o problema da liberdade em relação ao Estado, teríamos de tratar própriamente de quais são as liberdades a que o homem tem direito e que o Estado deve tutelar — o que é diferente da liberdade que eu há pouco definia como liberdade de intervenção e de crítica. Isto talvez derive da concepção que eu tenho do problema político como um dos problemas humanos e não como a totalidade dos probiemas humanos.

MODERADOR — Estou perfeitamente de acordo com a distinção feita pelo Barrilaro Ruas. A minha proposta era a de deixar de lado, por comodidade de discussão, esse problema pressuposto.

SOTTOMAYOR CARDIA — Eu há pouco aludi ás várias espécies de liberdades publicas e exemplifiquei apenas com uma ou duas. O Mário Soares completou-as, e eu estou inteiramente de acordo com a enunciação que fez. Queria apenas acrescentar a liberdade de manifestação.

Interveio como moderador José Fernandes Fafe.

Publicaremos amanhã a ultima parte deste debate acerca de tão importante tema.

ATENÇÃO

ENTREGUE A MANUTENÇÃO DO SEU ASCENSOR À
A REPARADORA DE ASCENSORES
IMPÉRIO, LDA.
REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO
RUA DA ARRÁBIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 685531 - 682007

A procura de ensino superior pelos estudantes

(Continuação da 1.ª pág.)

mos anos, ainda que a «oferta» de estudos universitários se tenha mantido práticamente sem alteração.

Neste ponto, naturalmente que várias interrogações fundamentais ocorrem ao nosso espírito:

A orientação espontânea dos estudantes no acesso ao ensino superior corresponderá ás necessidades da economia e da sociedade portuguesas?

Consciente ou inconscientemente, que motivações determinam os estudantes nas suas escolhas relativamente ao ensino superior universitário e não universitário?

Mantendo-se o *statu quo* universitário, que consequências resultarão das distorções actualmente registadas?

Tentaremos juntar algumas reflexões que reputamos uteis para o esclarecimento, ainda que muito parcial, de questões daquela índole.

Uma primeira perspectiva a considerar consistirá em projectar no futuro o desenvolvimento lógico de certos aspectos da situação actual. De certo modo, trata-se duma demonstração por absurdo, na medida em que o desenrolar do tempo caricatura aquilo que no presente já nos surge deformado, mas ainda mal definido

OS EFECTIVOS UNIVERSITÁRIOS EM 1976/77

Admitamos que as características do sistema universitário português se mantêm sensivelmente idênticas nos próximos anos. Admitamos ainda que os estudantes se orientarão, no futuro, como o fizeram (em média, digamos) no período 61-67. Mediante técnicas de projecção adequadas, que não interessa agora descrever, é possível estimar, ano a ano, a evolução futura dos efectivos universitários. Admitindo determinadas hipóteses «razoáveis» obtêm-se os numeros constantes do Quadro II. Acentuemos que não se trata de *previsões*, mas de meras possibilidades de evolução, coerentes com as hipóteses assumidas nos cálculos.

Observemos, em primeiro lugar, os efectivos totais e a sua repartição por universidades. Trata-se duma hipótese de evolução *conservadora*, isto é, que subestima certos factores de aceleração no crescimento dos efectivos. Mesmo assim, considerando o ultimo ano lectivo para o qual dispomos de estatísticas completas publicadas (66-67), teríamos um ritmo de crescimento dos efectivos universitários superior á *duplicação em dez anos*. Em 76-77 haveria nas duas universidades de Lisboa maior numero de estudantes do que em todo o País, dez anos antes

Vista a evolução por faculdades, teríamos mais estudantes em *letras* do que em *ciências e engenharia*, quase o mesmo numero em *direito* e *economia*, e efectivos superiores em *medicina*. Que dizer deste futuro *possível*, porventura mesmo provável?

As conclusões são evidentes: por um lado, seria indispensável criar outra ou outras universidades, a menos que se seguisse uma política muito rigorosa de selecção á entrada; por outro, a orientação espontanea dos estudantes, *segundo as aberturas actuais do ensino universitário*, não seria certamente a mais conforme com as exigências do desenvolvimento económico e social do País. Mas deixemos este ultimo ponto para posterior consideração, e limitemo-nos a apreciar o problema global do numero de estudantes, independentemente da sua orientação por escolas

ENSINO UNIVERSITÁRIO, PARA QUÊ E PARA QUEM?

Na realidade, a digressão breve pelo futuro mostra-nos, além do mais, a razão profunda da evolução passada na orientação espontanea dos estudantes ao acederem ao ensino superior. O desvio que parece registar-se actualmente no acesso ao ensino universitário — a baixa de percentagens que se regista no Quadro I — é afinal uma resposta prática ao problema teórico que os decisores da política educativa terão de resolver. A pergunta muito simples — *Universidade, para quê e para quem?* — está a ser na prática «respondida» pelos estudantes. Tal como se encontra estruturado actualmente, o ensino universitário não tem capacidade, no seu conjunto, para albergar satisfatóriamente todos os que pretendem prolongar os seus estudos para além do liceu. Daí a adaptação espontanea dos estudantes no sentido de se orientarem para escolas não universitárias, ainda que estas nem sempre ofereçam garantias — tal como as universitárias — de bom nível de ensino e de proporcionarem uma preparação util em termos de colocação no mercado de trabalho. Mas uma vantagem aparente subsiste, pelo menos: a maior facilidade, traduzida quer no ingresso, quer na extensão dos respectivos cursos. De forma simplista, digamos que para dênticos proveitos esperados se requerem menores custos

A concepção tradicional da universidade atribuía-lhe um carácter duplamente aristocrático, na origem e no destino dos seus diplomados. Em Portugal, essa concepção é ainda predominante, embora esteja a ser ultrapassada na realidade, sobretudo no segundo aspecto. O ensino universitário já não é hoje, tão claramente, a via de acesso a lugares importantes, mesmo decisivos, da sociedade portuguesa e se outras razões não houvesse, a expansão dos efectivos limitaria as oportunidades oferecidas aos diplomados.

Por estranho que pareça, o sistema universitário português tem, nalguns aspectos, semelhanças com o norte-americano Neste sentido: em ambos os casos, embora por razões diferentes os efectivos do ensino universitário são artificialmente ampliados, na medida em que a produtividade do ensino é reduzida, e comparativamente elevada a relação entre o numero de estudantes e os diplomados em cada ano. Uma pequena diferença existe porém entre os dois casos: nos E. U. A. cerca de 10 % da população activa tem formação universitária, enquanto no nosso País a correspondente percentagem não chega a atingir os 2 %..

Parece, assim, que o problema não consiste em travar o crescimento dos efectivos universitários, duma ordem de grandeza que se pode estimar nos termos descritos, mas sim em distinguir claramente níveis e tipos de ensino superior — universitário e não universitário — e adaptar uma orientação dos estudantes que, em certo sentido, deverá sempre ser «espontânea», ás exigências do desenvolvimento do País. Mas, para tanto, e além do mais, carecemos duma ideia, ainda que grosseiramente aproximativa, das nossas necessidades em mão-de-obra altamente qualificada, dotada em princípio de formação universitária.

É o tema que abordaremos em próximo artigo.

QUADRO II

ESTUDANTES POR UNIVERSIDADES E CURSOS EM 1976/77

Anos lectivos	*Universidades*				*Total*
	Lisboa (Clássica)	*Lisboa (Técnica)*	*Porto*	*Coimbra*	
1966/67	14 131	5 911	5 368	7 646	30 056
76/77	25 000	12 300	11 000	17 300	65 600

Anos lectivos	*Ciências e Engenharia*	*Medicina*	*Direito*	*Letras*	*Economia*
1966/67	9 376	3 812	3 661	7 849	3 055
76/77	19 500	7 600	6 300	20 300	6 500

(1) Os cálculos referidos neste artigo foram efectuados no Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa do Ministério da Educação Nacional, por um grupo de trabalho dirigido pelo autor, com a participação de Maria de Lurdes Mira Feio e António Oliveira. A metodologia utilizada nas projecções encontra-se descrita na comunicação por nós apresentada ao recente congresso organizado pela NATO, no Porto, sobre o tema «Modelos matemáticos de gestão de sistemas de pessoal», com o título «The demand for higher education in Portugal».

SIEMENS

TEMOS ORGULHO EM O APRESENTAR

SIEMENS ESTORIL

O MAIS MODERNO TELEVISOR IMPORTADO DE

51 cm

UMA NOVA DIMENSÃO EM TELEVISÃO

SIEMENS ESTORIL

Tipo FT Estoril

- ÉCRAN RECTANGULAR DE 51 cm
- EXECUÇÃO DE LUXO EM CAIXA DE MADEIRA COM POLIMENTO EXTRA
- IMAGEM INSUPERÁVEL DEVIDO À MÁXIMA SUPRESSÃO DO RETORNO DE LINHAS
- 6 TECLAS PARA 6 PROGRAMAS DIFERENTES (VHF e UHF)
- SINCRONISMOS AUTOMÁTICOS COM CORRECÇÃO MANUAL
- REGULADORES HORIZONTAIS PARA LUMINOSIDADE E TONALIDADE

SIEMENS

QUALIDADE ALEMÃ VEM DA SIEMENS

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NA
SIEMENS-COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L.
LISBOA - 1: AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TELEFONE 53 69 21
PORTO: RUA DAS CARMELITAS, 12 — TELEFONE 2 00 43

Documentos

DA C. D. E. DE SETÚBAL

A DESPOLITIZAÇÃO DO PAÍS

Recebemos, com pedido de publicação, da Comissão Democrática Eleitoral de Setúbal, o seguinte comunicado:

«Já de há muito que a Oposição Democrática, nos raros períodos de limitada liberdade que lhe é concedida, vem insistindo na despolitização a que a população do País foi conduzida, mercê do imobilismo político gerado e mantido ao longo de 42 anos, por um Governo de feição pessoal e autocrática.

O tempo encarregou-se de provar o acerto de tal acusação.

Não surpreende, por isso, que, há pouco tempo, o governador civil do distrito de Leiria, em entrevista concedida a um jornal diário, haja salientado, como facto lamentável, a carência de politização da população do País.

Como não surpreende, também, que, antes disso, o Ministro do Interior, em declaração proferida sobre o próximo acto eleitoral, tenha feito notar o desinteresse da mesma população, traduzido no escasso número de requerimentos apresentados, para efeitos de recenseamento, em todos os Círculos do Território Nacional.

Ora, foi precisamente para lutar contra aquela despolitização e contra este desinteresse, sua natural consequência, que, em quase todos os distritos do País, se constituem Comissões Democráticas Eleitorais.

Estas Comissões, como por mais de uma vez se explicou, visavam tão-sómente o objectivo de contribuírem para uma inadiável tarefa de politização, cuja necessidade os actuais governantes dizem reconhecer.

Tinham em vista, portanto, a meritória missão de estimular o Povo, sempre esquecido e desprezado pelos detentores do Poder, para o exercício do elementar direito de participação na vida política do País.

Tais Comissões não conseguiram o reconhecimento da sua constituição, com o fundamento de que as operações de recenseamento constituíam tarefa exclusiva da Administração.

Foi aquela visão deformada do problema em causa que, certamente, determinou o ministro já referido à afirmação de que o último recenseamento foi mais «generoso» do que os anteriores.

Como se, em matéria de tal natureza, índice da consciência cívica de um povo e dos seus governantes, fosse lícito falar-se em «generosidade»...

Como se a inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais constituísse mera tolerância dos mesmos governantes, dádiva magnânima.

O resultado de tal «generosidade» é já do conhecimento público: Um recenseamento sem a indispensável autenticidade, através do qual pode já antever-se que nada mudou no aspecto de seriedade que de há muito se vem reclamando para todos os actos eleitorais.

Aliás, é profundamente estranho que o Governo, só depois de concluídas as operações do recenseamento, venha dar satisfação a duas das mais insistentes reclamações da Oposição Democrática: a concessão de cópias dos cadernos eleitorais e a garantia de fiscalização do acto eleitoral.

Pois bem.

Não obstante o que fica relatado, a Oposição Democrática do Distrito de Setúbal, firme e constante no seu propósito de participar na vida política da Nação, pretende concorrer às eleições para deputados à Assembleia Nacional, anunciadas para 26 de Outubro do ano corrente.

Tal propósito resulta de um imperativo de consciência e de uma determinação de ordem patriótica.

Com efeito, e antes de mais, havemos de ter presente que continuamos a ser governados pelo mesmo regime implantado em 28 de Maio de 1926.

Contra esta verdade insofismável de nada valem as alusões a um novo «estilo» de governação, que, em linguagem meteorológica, se designou já por «Primavera política».

Tal estilo e tal primavera não constituem mais do que enganosas aparências, apresentadas hàbilmente e intencionalmente como promessas aliciantes de uma modificação de estruturas políticas, mas que, no fim de contas, não visam outro objectivo que não seja o de iludir e seduzir um povo inculto e despolitizado, sedento de uma liberdade que lhe é sistemàticamente recusada há mais de 40 anos.

A verdade, porém, é que, por detrás daquelas aparências e a contradizer tais promessas, tudo continua na mesma.

E, assim, o povo português, amputado dos mais elementares direitos de cidadania, correntes em qualquer Nação civilizada, continua a viver subjugado por uma dupla tirania, a do Poder político e a do Poder económico.

A primeira — exercendo-se pela recusa sistemática das liberdades fundamentais.

A segunda — afirmando-se pelo império avassalador dos monopólios nacionais e estrangeiros, detentores exclusivos da riqueza nacional.

Este panorama sombrio agrava-se dia a dia pela concorrência de graves problemas, para os quais não se vislumbra solução viável no contexto do ideário do regime.

A economia nacional afunda-se progressiva e irremediàvelmente.

Para além de outros índices que fàcilmente poderiam referir-se, bastará citar dois elementos base, inequivocamente reveladores:

— a crise angustiosa da agricultura, cada vez mais empobrecida, em contraste chocante com o enriquecimento fácil da fauna de intermediários que se intrometem entre o produtor e o consumidor;

— o fenómeno da emigração, autêntica sangria operada no capital humano da Nação, alienando milhares de braços que poderiam contribuir fecundamente para o enriquecimento e o progresso da sua terra, se nela vissem criadas e realizadas as condições de uma vida digna.

A acrescentar à crise económica, o problema da guerra em África.

E, mais recentemente, os problemas de extrema gravidade postos pela crise universitária.

Outros e tão graves problemas, como o dos salários e o da habitação, clamam de há muito a imperiosa solução que o regime foi incapaz de encontrar ao longo de mais de 40 anos de governo.

A tal respeito, são verdadeiramente impressionantes os dados fornecidos recentemente pelo ministro das Obras Públicas:

— 90% da população do País vive com menos de 2 600$00 mensais,

— 1/4 da mesma população não aufere um rendimento superior a 800$00 por mês;

— 92% da construção é dirigida apenas a 10% da população;

— 1/4 dos habitantes de Lisboa vive em barracas e em partes de casa.

O que se passa em Lisboa acontece também no nosso distrito e nos demais do País. Entretanto:

— Os terrenos camarários destinados á construção são postos á venda a preços exorbitantes, o que logo determina a fixação de rendas de montante inacessível á quase totalidade da população;

— multiplicam-se as demolições de prédios alugados por rendas mais acessíveis, para, em seu lugar, surgirem outros, normalmente construídos em regime de propriedade horizontal, cujos andares são postos á venda por preços que orçam as centenas de contos.

O regime não pode disfarçar por mais tempo a sua incapacidade para resolver os problemas que nos afligem, com base nas estruturas políticas que criou.

Impõe-se, portanto, o irrecusável dever de exprimir opinião discordante, afirmando-a e sustentando-a pela voz dos seus legítimos representantes.

Estes serão os deputados por ele escolhidos para, na futura Assembleia Nacional, com a firmeza que se escuda na razão, e animados da coragem dos que não pactuam, nem transigem, afirmarem as justas reivindicações desse mesmo Povo e defenderem os seus legítimos interesses.

Para tanto, e como condição necessária e indispensável, impõe-se que a Oposição Democrática do Distrito de Setúbal concorra ás eleições para deputados, marcadas para 26 de Outubro do ano corrente.

Urge, portanto, que os democratas deste distrito se enquadrem quanto antes nas Comissões existentes, na firme disposição de apoiarem os seus candidatos, trabalhando inquebrantàvelmente até á vitória da Democracia em Portugal.

É esta a palavra de ordem num dos limitados períodos em que ao povo do distrito de Setúbal, como aos demais, é concedido o direito de participar na vida política da Nação e de escolher o seu representante.

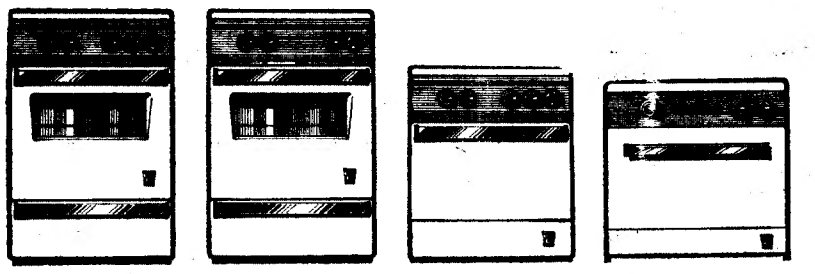
Setúbal, 9 de Setembro de 1969.

Manuel Cabanas, ferroviário reformado; Paulino Gomes, advogado; Artílio Baptista, gerente industrial; José Malheiro da Silva, médico; Álvaro Ribeiro Monteiro, estudante; António Marques Marçal, marítimo; Arnaldo Marques, conferente; Alfredo de Matos, empregado de escritório, Adelino Azevedo, barbeiro; Serafim Ramos, ferroviário; Raul Mendes Pita, corticeiro; António Gomes Peres, comerciante; António da Encarnação Batata, empregado de escritório; António

(Continua na página seguinte)

- Fabricados em aço laminado
- esmaltagem impecável
- queimadores inox patenteados de alto rendimento e grande duração
- economia comprovada em laboratório
- uma gama completa — 18 modelos DIFERENTES
- perfeita assistência técnica após a venda

À VENDA EM TODO O PAÍS



PE um só fogão toda a vida

FÁBRICA DE PRODUTOS ESTRELA ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO, 12861 · TEL. 64111 · PORTO · ESTRADA DE BENFICA, 403 — TEL. 765413 — LISBOA

A C. E. U. D. DO PORTO RESPONDE AOS QUATRO CANDIDATOS DA U. N.

A C. E. U. D. do Porto divulgou a seguinte nota que também nos foi enviada com o pedido de publicação:

«A U. N. entrou na campanha eleitoral, sorrateiramente, a dizer-nos que exprime «um princípio de paz» e que visa congregar as correntes políticas «legítimas e úteis» (sic.).

É uma linguagem que não conseguimos entender. Mas talvez tudo isto queira dizer apenas que a U.N. se esforçará por protelar a discussão dos problemas sérios que interessam ao País.

O comunicado dos quatro candidatos da U. N. do Porto, levanta um problema de ética política que é preciso, desde já, desmistificar.

Dizem-se esses quatro candidatos defensores dos direitos e liberdades enunciadas na Declaração Universal dos Direitos do Homem e que pretendem a «instauração de um regime do tipo europeu ocidental». Entendem que o regime, por processo evolutivo, pode realizar dentro de si essa transformação.

Pergunta-se: donde lhes advém esta crença? Mais concretamente:

Há alguma promessa de extinção da P. I. D. E.? E dos Tribunais Plenários? Há algum propósito de acabar com a censura, ou, pelo contrário, pretende-se agora justificá-la pela guerra? Há alguma expectativa de evolução do regime corporativo? Há, finalmente, qualquer orientação diferente quanto à condução política da guerra em África? Qual é o balanço sério do último ano de governação? Ou pretenderá o Governo moratórias sucessivas para o «cheque em branco», quando não houve sequer uma definição concreta de caminhos novos e todo o saldo se cifra em sorrisos e abraços? Finalmente, houve, ao menos, uma alteração nos quadros do regime?

Os quatro candidatos dizem que se vão submeter a um «sufrágio livre» para, como deputados, obterem para o País as liberdades fundamentais.

Não saberão eles que só é possível um sufrágio livre «depois» de garantidas as liberdades fundamentais? O sufrágio nunca será livre e genuíno nos países sem expressão democrática.

DOCUMENTO DA C. D. E. DE SETÚBAL

(Continuação da pág. anterior)

José Rodrigues, serralheiro; Francisco do Carmo Afonso, operário; Daniel Nunes, serralheiro; Albino Tinoco, estivador; Júlio Freire, empregado de escritório; Deídio Salvador, serralheiro, Leonel Eusébio Coelho, vendedor; Possidónio Caixeiro, empregado de escritório; António Joaquim Lopes, empregado bancário; Fernando Libório, empregado de comércio; José Francisco Nazário, empregado de escritório; Porfírio da Conceição, operário; Manuel Martins Júnior, ferroviário; João José Ramalho, motorista; Francisco dos Santos Seixo, controlador; Alexandre Próspero, operador de máquinas; António Matos, caixeiro; Maria Amélia Moita, agente técnica; Maria Passinhas Rufino, empregada de escritório; José Ferreira Coelho, operário têxtil; Manuel Afonso Bota, ferroviário; José de Jesus Guinoto, barbeiro; Joaquim Caetano Carvalho, empregado bancário; Ezequiel Ferreira, empregado de escritório; João Telmo Araújo, estudante; António Chora, funcionário público; Carlos Sebastião Lopes, empregado de escritório; Zacarias Fernandes, empregado de escritório; José Matos Cunha, António Inácio Martins, operário químico; Maria Manuela Covas Monteiro, estudante.»

Actividade oposicionista em Ovar

OVAR, 30 — A Oposição Democrática deste concelho está a desenvolver grande actividade.

Ovar, aliás, honra-se de ter sido agraciada com a ordem militar da Torre e Espada, pela sua acção em defesa da República. Assim, o concelho nunca perde qualquer ensejo de manifestar a sua simpatia ideológica. Tem havido reuniões de republicanos e independentes, com o propósito de constituir Comissões de Apoio á lista distrital da Oposição.

Em princípio, está assente que se efectuará uma sessão de propaganda no Cine-Teatro de Ovar, em 17 de Outubro. Devem ser oradores, além dos candidatos a deputados, outros valiosos elementos residentes na área do distrito de Aveiro.

Os serviços de propaganda da Oposição, neste concelho, estão instalados no Largo Mouzinho de Albuquerque, 5.

tem a palavra

Eduardo Mesquita de Abreu *

Variações sobre investigação científica

Há os que os compram a metro, por causa das encadernações, para «decorar» o escritório, ou a sala de visitas. Assim fazem crer a si próprios que possuem cultura, ou mostram aos outros que dela são detentores. Há ainda aqueles que os avaliam pela qualidade do papel, gostando do macio, brilhante (e caro!), ou pelo tipo da impressão. Também o tamanho muitas vezes joga, estando a importância na razão directa da dimensão. E que mais gostos estranhos haverá, em relação ao livro, a esse magnífico suporte da informação, de difusão do saber?

Existem, felizmente, os que o apreciam pelo seu conteúdo, pela mensagem que em si encerra, pelo progresso na aquisição de conhecimentos que proporciona! O livro, essa maravilha!

Eu tenho poucos amigos, de carne e osso como eu. Não dão para encher a minha casa. Mas, na matéria impressa que constitui o livro, aí eu tenho milhares de amigos. Fiéis, sempre prontos a dar-me o seu conteúdo, mais ou menos válido, mais ou menos reprodutivo. Sempre á minha disposição, a qualquer hora do dia ou da noite. Ler é prazer imenso e os que o não sabem fazer estão privados de importante fonte de cultura. «O senhor é capaz de me dizer para onde vai aquele carro, que eu esqueci-me dos óculos?» Mas, mesmo com óculos! A envergonhada desculpa, de quem talvez não tenha culpa... E tantos haverá, por esse país fora, pois que saber ler, na minha opinião, não é sòmente ter o diploma que diz que se «tirou» a quarta classe bem enrolado no canto da gaveta. Não é, não. É fundamentalmente ter o hábito da leitura, praticar com frequência a leitura! Eles, os que não lêem, passam fome, pois que ter fome não é só a privação dos alimentos para o corpo. Os para o espírito também contam. Em madrugada triste e fria, pois que meu Pai tinha morrido, eu li numa placa de um minúsculo jardim de Carnaxide: «Depois do pão, a educação é a primeira necessidade de homem.» Era domingo, eu estava só. Triste. Aquela mensagem pousada na relva deu-me alento, disse-me que há homens que acreditam em valores, outros que os meramente materiais. A Vida continuava!

Eu sou amigo, grande amigo, dum editor. Homem sensacional, que possui o que de mais precioso um homem pode possuir: o sentido do convívio humano, o verdadeiro espírito cristão, que tão apregoado é e que tão torpedeado anda. E, acontece que o meu amigo livreiro publicou um livro. Um grande livro.

O que tem graça é que o livro em questão é pequeno, pela dimensão: umas escassas cento e poucas páginas, num doze e meio por dezanove centímetros. O papel é do barato. Modesto, como quem o editou. O tipo de letra, vulgar. Não é encadernado. Uma brochura pobre. Até não é caro, o que afastará certos compradores. Passou sorrateiro, tímido, pelas montras das livrarias. A crítica não se ocupou muito dele. Não veio nas listas dos mais vendidos, no «hit-parade» do livro. Não. Mas, que conteúdo!

O título do livro é «Factores de Eficiência em Investigação Científica». E assim vemos logo no cabeçalho uma palavra, «eficiência», e uma expressão, «investigação científica», de que nesta terra onde nascemos e vivemos grande carência existe. Fez-me este pequeno livro (os livros, como os homens, não se medem pelo tamanho) voltar ao passado. E, por vezes, nem sempre é agradável voltar ao passado. Quando o movimento mental de regresso nos proporciona o que se chama a boa recordação. E foi o que me aconteceu com o livro de Jaime Pinto, que este é o autor.

Oliveira Simões e Rómulo de Carvalho. As aulas do Liceu de Camões. A adolescência, fase da vida em que se acredita. Dois Mestres, e é com convicção, intencionalmente, que ponho o M grande. Um, Oliveira Simões, morreu. O outro, continua exercendo o magistério. Mas é também Poeta. E, porque motivo me acode ao espírito a lembrança destes dois homens, que não estava enterrada, mas que tomou maior vigor? Porque me lembro eu destes dois Professores, que não traíram — como outros — a sua missão, que me deram algo do seu saber, portanto algo de si próprios? A resposta é: o espírito científico.

Estes dois homens procuraram incutir, para além de debitarem um certo volume de conhecimentos que o seu cargo lhes impunha como obrigação, algo do que também possuíam, mas que ninguém — só a sua consciência de pedagogos! — os obrigava a transmitir. Assim, além de nos tratarem, a nós jovens, como homens adultos que quase éramos, eles disseram-nos que uma maneira há de encarar os fenómenos da Ciência, e os da Vida, e que essa maneira se chama espírito científico. E, o que mais valor acresce, se o diziam, o faziam. Davam com a sua maneira de actuar em relação a nós, o exemplo vivido a tradução em acção, das suas palavras. Bem hajam! E porquê? Pois não basta o espírito científico para aqueles que vão singrar na carreira de cientistas? Como sabiam eles que do nosso conjunto humano não iam sair como era provável, elementos que se destinavam a outros campos, alheios ao da Ciência? Para que lhes insuflar assim essa filosofia que contém o chamado espírito científico?

Quando mandei o magnífico livro de Jaime Pinto a pessoa que considero, e que espero o tenha recebido, eu escrevi na dedicatória que o livro, a meu ver, só pecava por um defeito. E que esse defeito era que os conceitos ventilados, as afirmações elaboradas, as críticas pertinentes apresentadas, não tinham aplicação ùnicamente no domínio da investigação científica. Não! Eram conceitos gerais, indispensáveis a serem possuídos por todos os que vivemos a vida, com um melhor modo de Vida se preocupam. Uma vida aproveitada numa perspectiva ampla e digna de amor pelos conceitos, pelas verdades, pela posição mental que tem de ser característica basilar daquele que quer ser na realidade um investigador científico. Toda uma posição de não aceitação de verdades definitivas pois não há definitivo na vida. Um espírito possuído do dom da síntese, da precisão e da concisão, desmembrando vestes falseantes de que por muitas vezes se quer revestir as ideias. Uma probidade mental, honestidade intelectual, que por vezes está minguada. Um espírito de sacrifício pela sua profissão, pelas tarefas que na mesma estão contidas. Um desejo de dar, de comunicar, o saber adquirido, e não de aferrolhá-lo, de o guardar ciosamente, egoistamente, impedindo os outros de beneficiarem da sua reprodutividade. Um desejo permanente de saber, e uma humildade de saber que se não sabe.

«Um não contentar-se de contente», como disse o nosso Camões.

Mas tudo isto sem rigidez. Com um espírito de maleabilidade que se não deve tomar por fraqueza, pois que fraqueza não é. Uma possibilidade de adaptação a novas situações, a novos ensinamentos, sem ser o catavento que muda quando o boreas perde o nome. Uma compreensão, e aceitação do que os outros pensam, das suas opiniões, sem ferir os princípios que cada um perfilha, por a razão lhes ter permitido a escolha. Uma não cristalização do estado de espírito, e do espírito de acção. Tudo isto será o espírito científico? E muito mais certamente... Foi essa a mensagem que eu recebi daqueles dois homens, e que nem sempre segui, homem que sou. E tudo isto, e muito mais, está contido no livro de Jaime Pinto. Têm beleza os conceitos por ele elaborados. Têm verdade.

Mas, quem sou eu para os julgar, para os criticar, mesmo em crítica concordante? Um dirigente de empresas. E, sem medo da controvérsia, eu permito-me fazer a comparação entre o que Jaime Pinto diz respeitante ao sector restrito da investigação científica e o que se passa nas nossas empresas. Que dissemelhanças! Leiam o livro, leitores que são gestores, a qualquer nível da escala hierárquica que tem de existir nas empresas, e digam-me se estou na verdade, ou se me engano. Leiam o livro, que tempo perdido não será o que a leitura vos tomar. Mas, que o leiam também os jovens!

Que para esses vai a minha esperança, pois que eles são o futuro, sim, o futuro!, deste meu país que eu critico, mas que eu amo. Que eles leiam as palavras de Jaime Pinto. Não para que delas tirem conceitos derrotistas, mas para que tomando consciente conhecimento duma realidade eles procurem construir um futuro melhor. Que não depende só deles, note-se bem, mas daquilo que nós, os adultos que ocupamos em diversos sectores as posições-chave que permitem moldar a juventude, quisermos fazer em prol da mesma. Pesado o fardo que pesa sobre as nossas espáduas! Mas que missão dignificante, grandiosa, não é a de dar o nosso apoio, a nossa compreensão, e o nosso exemplo, aos que se nos vão seguir, quando lhes passarmos o testemunho das responsabilidades que presentemente nos cabem. Eu lembro-me dos dois homens que acima citei. Seria a pura negação do espírito científico o não fazer o que pelo menos posso, e devo fazer, que é transmitir o que com eles aprendi. E aos que me ensinaram e aos que me ouvirem, agradecer.

* *Engenheiro mecânico. A sua actividade tem consistido fundamentalmente na direcção de empresas bancárias e seguradoras. É um defensor tenaz da introdução da informática entre nós.*

OS MONÁRQUICOS SÓ PODERÃO ABSTER-SE

—AFIRMA A JUNTA CENTRAL DA CAUSA MONÁRQUICA

Recebemos da Junta Central da Causa Monárquica o comunicado que a seguir publicamos.

«A realidade política do actual momento impõe, antes de mais, a defesa intransigente da unidade territorial e da continuidade histórica de Portugal. Por elas se batem em África as nossas Forças Armadas, penhor e garantia da sobrevivência da soberania portuguesa aquém e além-mar.

Não pode a «frente interna» que, incondicionalmente e com inteira abnegação as deve apoiar, consentir reticências e contestações que abram brechas, nem deixar que por sonolências e distrações no estar alerta se defraudem ou depreciem os valores que fizeram e mantêm a Pátria Portuguesa.

A Causa Monárquica, porque defensora intransigente desses valores e dos mais lídimos princípios que a informam, não pode abdicar dos postos de vanguarda que, por direito de há mais de oito séculos, tem e deve ocupar, nem alinear-se perante perigosas incompreensões.

Considerando, por isso, que as reacções provocadas pela desorientação, do panorama pré-eleitoral exigem que se defina dignamente uma atitude, entende que os monárquicos, sem quebra de coerência, só poderão abster-se de votar nas próximas eleições. Lisboa, 25 de Setembro de 1969. A Junta Central».

PERFIL DOS CANDIDATOS

U. N. de Leiria

Publicamos a seguir, de acordo com os dados fornecidos por aquela organização, as biografias dos candidatos a deputados da União Nacional pelo círculo de Leiria.

Francisco Manuel Meneses Falcão

O sr. Francisco Manuel Meneses Falcão nasceu no concelho de Alfândega da Fé, em Agosto de 1922, Tendo-se radicado em Pombal em 1935, foi empregado de escritório e gerente-comercial de uma importante empresa daquela vila.

Vice-presidente da Câmara Municipal de Pombal, nos anos de 1959 e 1960, é presidente do mesmo município desde 1965. A organização e actividade dos Bombeiros Voluntários tem dedicado especial atenção, a ele se devendo a fundação da Corporação de Proença-a-Nova, no ano de 1952. Presentemente é presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Pombal.

Foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerência.

Candidata-se pela primeira vez á Assembleia Nacional.

Tomás de Oliveira Dias

O sr. dr. Tomás de Oliveira Dias, que nasceu em Leiria no ano de 1934, licenciou-se em Direito, pela Universidade de Coimbra, em 1956. Enquanto estudante fez parte do Conselho Cultural da Associação Académica, foi redactor da revista «Estudos» e, no ano escolar 1955-56, presidente do Centro Académico de Democracia Cristã.

Tendo iniciado a sua actividade profissional como secretário do subsecretário de Estado da Assistência Social em 1956, no ano seguinte foi nomeado para o lugar de chefe dos Serviços de Fiscalização da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e depois chefe dos Serviços de Património da mesma instituição. Este ultimo cargo foi desempenhado em missão de serviço, visto, entretanto, ter ingressado no quadro dos Conservadores e Notários, encontrando-se presentemente na situação de licença ilimitada. Na qualidade de chefe dos Serviços de Património foi vogal da C. A. O. — Comissão Administrativa de Obras do Ministério das Obras Publicas, constituída para a execução dos planos de obras da Misericórdia de Lisboa. Desde 1965 que passou a residir em Leiria, onde exerce as actividades de administrador e advogado de uma importante empresa da região.

Foi vice-presidente da Junta Diocesana da Acção Católica e, há cerca de seis meses, desempenha as funções de presidente da Comissão Distrital da União Nacional de Leiria.

Francisco Meneses Falcão

Tomás de Oliveira Dias

Rui Moura Ramos

Rui Moura Ramos

O sr. dr. Rui Moura Ramos, nascido na vila da Batalha, em 15 de Dezembro de 1917, licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, exercendo actualmente as funções de director da Prisão Escola de Leiria.

Anteriormente fora chefe da secretaria da Câmara Municipal da Batalha e director do Reformatório Central de S. Fiel, em Castelo Branco.

Foi deputado pelo círculo de Leiria na VIII Legislatura, de 1961 a 1965.

Amílcar Pereira de Magalhães

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, o sr. dr. Amilcar Pereira de Magalhães nasceu na freguesia de Maceira (Leiria) no ano de 1910. Após a sua formatura fixou-se em Alcobaça, onde tem exercido sempre a advocacia.

Há vários quadriénios que é membro do Conselho Municipal, como representante das Ordens e há já alguns anos que exerce as funções de presidente da Direcção do Grémio da Lavoura da Região de Alcobaça e Nazaré, presidente da Mesa da Assembleia Geral da Cooperativa Agrícola de Alcobaça, e vogal da Direcção da Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Estremadura, de cujo Conselho Geral foi também vice-presidente.

É pela primeira vez candidato a deputado.

Amílcar P. de Magalhães

Manuel Valente Sanches

António Bebiano

Manuel Valente Sanches

Actualmente advogado nas Caldas da Rainha, o sr dr. Manuel Valente Sanches exerceu anteriormente as funções de Preceptor da Casa Pia de Lisboa, de aspirante de Secrearia do Asilo de Mendicidade de Lisboa, em Alcobaça, e de professor do Ensino Particular, no Externato Ramalho Ortigão, nas Caldas da Rainha.

E' actualmente chefe da Secretaria do Hospital Rainha D. Leonor e pertence, desde 1965, á Mesa da Santa Casa da Misericórdia da mesma cidade, como vogal.

É esta a primeira vez que se candidata á Assembleia Nacional

António Bebiano Correia Henriques Carreira

Nascido em Lisboa no ano de 1927, é o sr. dr. António Bebiano Correia Henriques Carreira licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em 1953. Nos anos de 1954 e 1955 exerceu as funções de subinspector da Comissão de Coordenação Económica.

Em 1956 foi nomeado notário e conservador do Registo Civil interino, em Castanheira de Pêra, e, em 1958, notário e conservador do Registo Civil efectivo. A partir de 1956 dedicou-se á industria de lanifícios.

É pela primeira vez candidato a deputado.

TELEGRAMAS DE PROTESTO DA C. D. E. DE SETÚBAL A GOVERNADORES CIVIS

Da C. D. E. de Setubal, recebemos o seguinte comunicado:

«1. Na sede da C. D. E. de Setubal, a funcionar na Rua Dr. António José de Almeida, 12, Barreiro, reuniu-se, no dia 27, a Comissão Política, de que fazem parte os quatro candidatos e os srs. Manuel Cabanas, Alfredo Matos e Staline de Jesus, a fim de tratar de assuntos relativos á programação da Campanha Eleitoral e estudar a atitude a tomar perante os entraves levantados pelo governador civil deste distrito. Por decisão desta Comissão, foram enviados telegramas de solidariedade ás C.D.E. de Braga, Lisboa, Leiria, e de Sanprotesto aos governasre tarém, e de veemente protesto aos governadores civis dos mesmos distritos, pela arbitrária exclusão de candidatos da Oposição. Igualmente foi apresentado protesto áquela entidade, pela estranha proibição de uma reunião da comissão concelhia de Setubal, depois de devidamente solicitada e subscrita por cidadãos eleitores e proponentes da candidatura de Oposição do distrito de Setubal.

2. ABERTURA DE SEDES — Na cidade de Setubal, foi aberta a sede da comissão concelhia, que passa a funcionar na Rua Paulino de Oliveira, 36-1.º (á Fonte Nova). A todos os democratas desta cidade que desejem integrar-se no nosso Movimento, apelamos que se dirijam á respectiva Sede, a fim de darem a sua adesão. Igualmente, no Lavradio, foi aberta a sede da respectiva comissão de freguesia, a funcionar á Rua D. Luís Furtado de Albuquerque, 23, cave. Os democratas daquela freguesia do Barreiro que o desejem podem comparecer na sede, todos os dias, a partir das 20,30 horas.

3. A comissão de organização da C. D. E., no prosseguimento da sua actividade, assegurou a formação de comissões concelhias para breve, nos concelhos de Grândola, Santiago de Cacém, Sines e Alcácer do Sal.

4. Com a presença de representantes das democratas de Lisboa, reuniu-se, no dia 27, na sede da Comissão Distrital, a Comissão no Barreiro, a fim de estudar problemas específicos do concelho. Foi elaborado um comunicado, que brevemente será distribuído.

Pela comissão de Imprensa, Alfredo Rodrigues de Matos e Ezequiel Santos Ferreira».

■ **Novas sedes da C. E. U. D. de Braga** — A comissão concelhia da C. E. U. D. de Guimarães abriu a sua sede, no Largo 28 de Maio, 107. Em Barcelos, a comissão concelhia da mesma comissão terá também uma sede a partir de quinta-feira, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 202. Num comunicado afirma-se que continuam a merecer a melhor atenção dos candidatos todas as sugestões que quotidianamente são enviadas por muitos democratas dos mais diversos sectores socio-económicos e representativos das diferentes correntes de opinião oposicionista.

Francisco Cazal-Ribeiro

Pede-nos o sr. Francisco Cazal-Ribeiro, candidato da U. N. pelo círculo de Lisboa, que á sua biografia, que já publicámos seja acrescentado que, desde 1958 a 1968, foi vogal da comissão concelhia da União Nacional, vice-presidente da comissão distrital de Lisboa e vogal da comissão executiva do mesmo organismo político.

CURSO COMERCIAL
NOCTURNO
ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS
EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DOS ANJOS, 2, 1. TELEFONE 40297

ao acaso da rua

— Já participou em alguma eleição presidencial?

Tempo houve em que a escolha do Chefe do Estado se fazia por sufrágio directo e universal. Havia candidaturas e cumpanhas eleitorais e em todo o País crescia, de sete em sete anos, um entusiasmo invulgar.

● Sentado num banco da Avenida da Liberdade, onde apanhava o sol morno

deste Outono de eleições, aguardando a hora da consulta num especialista do coração, o sr. Olímpio Marques, de 57 anos, não se eximiu a responder á nossa pergunta.

—Nunca tive a honra de fazer tal acto. Sabe, é que sou um bocado medroso, e isso são coisas que transcendem os actos vulgares.

Aqui estou, resignado e triste, á espera da consulta, alheio a tudo isso. A minha vida é de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Não sou tipo muito saído, sabe?

● Com os seus 72 anos ainda rijos, passava o sr. Alves Dias á ilharga, de jornal debaixo do bra-

ço, a pisar lesto as pedras do passeio. Abordámo-lo:

— Sim, assisti a todas as que se realizaram e tenho votado.

— E que eleições o impressionaram mais?

— Sem duvida as de 1951, quando concorreu o Norton de Matos. Deram muito que falar e houve muita emoção, muito movimento ..

— ...

— Antigamente, as eleições eram muito renhidas. Já sou velho, mas lembro-me bem, embora não recorde as datas nem as pessoas que concorriam.

— Acha necessário o voto do povo?

— Sim, penso que todo o cidadão deve votar. É um dever.

— E como costuma acompanhar o período eleitoral?

— Através dos jornais. Leio tudo o que diz respeito ás eleições. Acompanho todas as opiniões para que, no final, possa escolher pelo melhor.

● Verdadeiramente colhida de surpresa foi a jovem Maria Dionísia da Conceição Alves, de 22 anos, empregada bancária e senhora de uns belos olhos castanhos.

— Não, nunca participei em nenhumas eleições, mas costumo acompanhar o que a esse respeito os jornais publicam. Gosto de política.

— Vai votar?

— Não, porque não estou recenseada.

— Mas, tem direito de voto...

— Pois tenho, eu sei, mas não procurei recensear-me. Talvez nas próximas eleições me inscreva.

● O sr. Vasco Tavares, de 56 anos, desenhador de profissão, revela consciência política:

— Sim, já participei em diversas eleições presidenciais. Desde que tenho idade para isso, sempre votei.

— O que é, para si, o voto?

— Penso que votar é a forma de o Povo expressar o seu ideal.

— Qual o seu ideal de eleições?

— Livres!

— Quais as eleições

de que melhor se recorda?

— As ultimas que se realizaram em Portugal: as de 1958...

● Seguiu-se o sr. Alberto Mendes de

Oliveira, de 39 anos, motorista:

— Nunca participei nem assisti a nada disso.

— Nunca votou, portanto...

— A minha vida não permite: trabalho de dia e de noite: de dia, como motorista duma tipografia, e de noite, numa garagem. Já vê que não tenho tempo para nada.

● Por ultimo, um jovem de 20 anos — o sr. Manuel Lopes, estudante do Instituto de Estudos Sociais.

— Nunca participei. Não tenho ainda idade para votar.

— E quando tiver direito de voto, pensa exercê-lo?

— Sim, penso. Por enquanto, vou acompanhando os acontecimentos pelos jornais.

Substituídos os candidatos rejeitados em Lisboa e Leiria

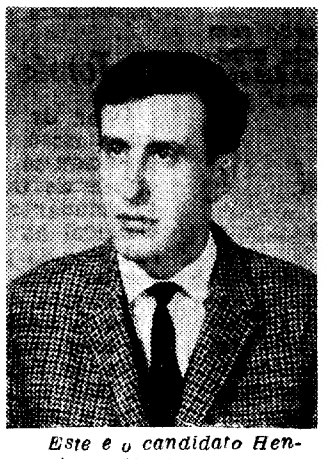
A substituição do candidato Firmino Martins, da C. D. E. de Lisboa, pelo dr. José Manuel Galvão Teles é explicada num comunicado daquela Comissão democrática.

«Para substituir o candidato Firmino Martins — diz a informação da C. D. E. — a Comissão Distrital escolheu, entretanto, outro ferroviário. Dificuldades de ordem burocrática impediram, contudo, a apresentação dessa candidatura. Assim, e igualmente por decisão da Comissão Distrital, foi designado para preencher a vaga na lista, o dr. José Manuel Galvão Telles.»

Segundo elementos fornecidos pela C. D. E. de Lisboa, o dr. José Manuel Galvão Telles é natural de Lisboa e tem 31 anos. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, foi dirigente associativo, enquanto estudante. Tem colaborado activamente nas actividades da Pragma (Cooperativa de Difusão Cultural e Acção Comunitária). Exerce a advocacia e foi um dos advogados daquela Cooperativa no julgamento por ela interposto para o Supremo Tribunal Administrativo do despacho do ministro do Interior que a dissolvera. É, actualmente, presidente do Centro Nacional de Cultura.

Agradecimento à C. E. U. D.

No mesmo comunicado, a C. D. E. de Lisboa torna publica a «viva satisfação» com que tomou conhecimento da decisão da C. E. U. D. de não começar a sua campanha enquanto o mesmo não fosse permiti-



Este é o candidato Henrique Neto proposto pelo C. D. E. de Leiria em substituição do estudante Alberto Costa, cuja candidatura foi rejeitada pelas autoridades distritais

do ao outro grupo democrático.

«Mas o nosso adversário é o mesmo, e o empenhamento comum consiste em aproveitar o momento político para o combater, pelo que compreenderíamos perfeitamente que a campanha da C. E. U. D. se iniciasse desde já» — concluí a C. D. E.

A substituição do candidato rejeitado em Leiria

Também a C. D. E. de Leiria emitiu um comunicado em que dá conta da forma como a imediata substituição do seu candidato rejeitado (Alberto Costa) não foi aceite pelo Governo Civil local, «com o fundamento de que o mandatário, dr. Vasco da Gama Fernandes, ainda não fora notificado, pois a notificação seguira pelo correio, sob registo.»

Sobre o substituto indicado (Henrique José de Sousa Neto), informa o citado documento que conta 33 anos de idade e é natural de Lisboa, sendo residente na vila da Marinha Grande, onde dirige uma importante fábrica de moldes para a industria de plásticos. Especializado na produção de moldes, tem estagiado nos Estados Unidos da América. Considerado uma das maiores autoridades nesta industria, veio a tornar-se director da fábrica onde começara como aprendiz de serralheiro.

ACTUALIDADE ELEITORAL

(Continuação da 1.ª página)

aguardando-se uma comunicação do governador civil sobre tais assuntos.

● *Reunião da U. N. em Viana do Castelo* — Os candidatos da U. N. por este círculo de Viana do Castelo, prof. Gonçalves de Proença dr. Julio Evangelista, eng.º António Lacerda major Batista da Silva — reuniram-se com as comissões distrital e concelhia, para troca de impressões sobre a situação eleitoral e, ainda, sobre os mais momentosos problemas do distrito. Foram, também, abordados assuntos da maior importância, tais como a defesa do Ultramar, o planeamento regional dentro do contexto nacional, promoção socio-económica da população do distrito, e as potencialidades turísticas da região.

■ **Nacionalistas independentes** — A sede da Comissão Eleitoral Nacionalistas Independentes foi instalada no largo de S. Francisco, n.º 33, 3.º, em Braga.

O plenário da Comissão Eleitoral tem-se reunido na sede e continuará a fazê-lo todas as noites, a partir das 22 horas. Na última reunião procedeu á estruturação dos seus serviços centrais, que foram organizados com um Secretariado-Geral da Comissão, sob a direcção do dr. Luís Folhadela de Oliveira, advogado; dr. Augusto Ângelo Soares da Silva, advogado e José Moreira, editor; um serviço de propaganda; uma secção de apoio jurídico; um serviço de Tesouraria e recolha de fundos; um centro de adesões de relações com as delegações concelhias da Comissão Eleitoral; um Centro para as Relações com a Juventude; e um Centro de Estudos Doutrinários.

Todos estes serviços estão já em funcionamento efectivo.

● *CANDIDATOS DA U.N. DE BRAGA* — Efectua-se esta noite em Braga uma reunião na sede da U. N., para apresentação dos candidatos aos quadros políticos do distrito. Na próxima segunda-feira, efectuar-se-á, com início ás 21 e 30, no Teatro-Circo, uma sessão de propaganda eleitoral.

■ **Serviços de candidatura** — A C. D. E. do Porto torna público que os seus serviços têm as seguintes moradas:

Comissão Democrática do Porto — Rua do Almada, 43, 2.º, Rua Ferreira Lapa, 88 (ao Bom Sucesso), Telef. 690968; Comissão Democrática Eleitoral de Matosinhos — Av. Serpa Pinto, 454; Comissão Democrática Eleitoral de Gondomar — Rua de Medancelhe, 128, Rio Tinto, telef. 989377.

● ALMOÇO NA AMADORA — A Comissão Concelhia de Oeiras de Apoio á C. D. E. aceita (pelos telefones 936392, 2431098 ou 930376) inscrições para um almoço de confraternização, no dia 5, no restaurante «Costureirinha», na Amadora.

■ **Sessões no distrito do Porto** — A C. E. U. D. tem já asseguradas algumas sessões de esclarecimento do eleitorado. Além da que está marcada para a noite de 5 de Outubro, no Coliseu dos Recreios, outras se realizarão na cidade e, ainda, em Amarante, Felgueiras, Gaia e Matosinhos.

SESSÕES DE PROPAGANDA DA C. D. E. DO ALGARVE

Foi marcada para a próxima sexta-feira, dia 3, a primeira sessão de propaganda da C. D. E. do Algarve, a realizar no Cinema Santo António, em Faro. Serão oradores os drs. Vasco Gracias, de Lagos, Campos Lima, de Portimão, Luís Filipe Madeira, de Loulé, e Dias Costa, de Tavira, arq.º José Veloso, de Lagos, e, possivelmente, eng.º Lajinha Serafim, de Loulé.

As sessões posteriores realizar-se-ão nas seguintes localidades e datas: Tavira, 8; Portimão, 10; Olhão, 13; Loulé, 15; Lagos, 17; S. Bartolomeu de Messines, 18; Silves, 20 e Portimão, 21. Em datas a designar haverá ainda mais duas sessões em Faro e Vila Real de Santo António.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIARIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 30 DE SETEMBRO DE 1969